O EGOÍSMO E O PROBLEMA DA PAZ

J. KRISHNAMURTI

JIDDU KRISHNAMURTI

Dentre os pensadores hodiernos, distingue-se Krishnamurti como dos mais credenciados a esclarecer o homem sôbre os seus infindáveis conflitos. Não obstante isso, sua mensagem aos povos do universo não logrou, ainda, a vulgarização necessária.

Nascido em Madrasta, Índia, desde a infância há sido alvo de estudo por parte de pessoas de elevada cultura e espiritualidade, hoje prontas a apontá-lo, no domínio da sabedoria, como autêntico orientador.

Isento de teorias e credos, tudo o que sabe extraiu-o de si mesmo ou aprendeu com a experiência pessoal.

Revelando sempre invulgar superioridade de ânimo, empenhou-se muito cedo em descobrir a causa fundamental do sofrimento, coisa que se lhe afigurou de suprema relevância para a plena compreensão da vida.

Desde 1927 tem ocupado centenas de tribunas erguidas em todos os continentes, já havendo falado em Nova Iorque, Índia, Itália, Brasil e, ùltimamente, numeroso auditório o vem escutando em Ojai, Califórnia, Estados Unidos da América do Norte. No curso das conferências, responde a perguntas dos assistentes, o que muito aviva o estudo em conjunto dos mais sérios problemas da atualidade.

Embora seja a prosa seu meio comum de expressão, é autor, também, de três belos poemas, intitulados: A BUSCA, A CANÇÃO DA VIDA e O AMIGO IMORTAL, encontrando-se esgotadas as edições dêstes dois últimos.

A rigor, não podemos considerá-lo filósofo, nem tão pouco mero psicólogo: é êle, antes de tudo, um pensador, mas pensador cujas obras e a própria vida se integram perfeitamente.

Autor de vários livros, constituem êles,hoje em dia, raios de luz em meio às trevas que envolvem a humanidade, como atestam os que lhe observam os ensinamentos.

O EGOÍSMO E O PROBLEMA DA PAZ

Contém êste livro uma análise séria e imparcial dos graves problemas contemporâneos, bem como um estudo de psicologia individual e do proceder do homem em face de seu dramático destino neste mundo tão sofredor. Realizando-a pouco após o último conflito mundial, pôde o autor demonstrar, com os próprios fatos, como a mundanidade e o egoísmo generalizados culminam sempre na guerra.

Focalizando o motivo das misérias humanas, mostra-nos o pensador hindu o que é o "eu" de cada um de nós e a necessidade de o estudarmos a fundo, para lhe conhecermos a falsa estrutura e os danosos efeitos em todos os setores da existência.

Êsse estudo prescreve-o Krishnamurti como o meio único de reeducar-nos e conhecer-nos, porém a maneira como devemos efetuá-lo é que o caracteriza e enaltece, já que não se trata, como à primeira vista parece, de introspecção comum, e sim do desenvolvimento da percepção direta, que nos faz devassar as profundezas e complexidades da consciência e nos leva, assim, ao fim primordial: o autoconhecimento.

Dêste modo, em vez de nos oferecer um sistema de pensar, fórmulas de disciplina ou dogmas intocáveis, acorda-nos a faculdade do discernimento e da auto-observação profunda, a fim de nos tornarmos autênticos indivíduos e vermos as coisas na sua clareza e exata significação.

O que o eleva, entretanto, ao nível de pensador genial é a habilidade com que nos faz reconhecer o nosso estado psicológico, as nossas contradições, a insensatez de propagarmos tanto a fraternidade e a união humana e concorrermos ao mesmo tempo, com a conduta egoística de todos os dias, para o prosseguimento universal da luta entre os homens.

Além de ser um convite indiscriminado à inteligência no sentido de construir cada um, de per si, os alicerces do entendimento

e da verdadeira paz, exalta-nos êste livro as imensas possibilidades que temos, todos, de enriquecer a existência individual com o vivermos quanto possível na plenitude de nossos atos e pensamentos. Seus ensinos constituem, em verdade, uma nova arte de viver, diante da qual cessa a maioria dos conflitos e das aflições cotidianas.

Examinando a presente mensagem, verificamos estarem os problemas do mundo focalizados em nós mesmos e que, portanto, se não solucionarmos os nossos problemas, os do mundo permanecerão insolúveis. E, efetivamente, por trás da inquietação coletiva e da crise atual, algo mais sutil e importante existe que a questão econômico-financeira: é o drama do homem em face de si próprio e de sua vacuidade íntima, que êle não sabe como preencher.

Eternos desorientados, temos vivido na busca multissecular de alguma coisa que jamais encontramos. Ansiamos por paz e felicidade, mas, até agora, não obstante a caminhada percorrida, só havemos deparado a confusão, as decepções, o contínuo infortúnio.

Neste estado desolador, importa considerar as sábias observações de Krishnamurti, tanto elas nos iluminam e nos guiam para a solução única desejável.

Cumpre, pois, atentar em sua advertência e sondarmo-nos cada vez mais, porque sòmente assim poderemos desarraigar as causas profundas da ignorância que nos infelicita. Segundo êste pensador, no âmbito do "ego" não há lugar para o entendimento e a tranqüilidade, não há meio de se conseguir a bem-aventurança almejada.

"O Egoísmo e o Problema da Paz" tem por fim revelar-nos estar em nossas próprias mãos, de algum modo, o destino de tôda a humanidade. Esta obra, todavia, não nos faculta apenas a percepção clara dos problems humanos: ela nos oferece, por igual, a esplêndida esperança do quanto poderemos desvendar de belo, de grandioso e eterno, se chegarmos a compreender e concretizar os ensinamentos nela contidos.

EDITADO PELA INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

KRISHNAMURTI

Conferências — com perguntas e respostas — realizadas nos anos de 1945 e 1946, em Ojai, Califórnia, Estados Unidos da América do Norte.

J. Krishnamurti

J. KRISHNAMURTI

O EGOISMO
E
O PROBLEMA DA PAZ

Editado pela

Instituição Cultural Krishnamurti

AVENIDA RIO BRANCO, 117, sala 203 - Tel. 23-2697

RIO DE JANEIRO (BRASIL)

1 9 4 9

O presente volume de palestras, como nossas anteriores publicações, contém reproduções de espontâneos discursos sôbre a vida e a realidade, proferidos em datas diferentes e não se destina, portanto, a ser lido seguidamente ou apressadamente, como um romance ou tratado sistemático de filosofia.

Foram estas palestras, logo depois de proferidas, lançadas por escrito, por mim próprio, que posteriormente as revi com cuidado, para publicação. Por infelicidade, alguns indivíduos, sem que lho solicitássemos, fizeram circular notas por êles tomadas durante algumas destas palestras, mas tais publicações não devem, por modo nenhum, ser consideradas autênticas ou corretas. Para evitar adulteração e preservar a exatidão dêstes ensinamentos, informamos aquêles que estejam verdadeiramente interessados de que só as edições de "Krishnamurti Writings Inc." são fidedignas e autênticas.

J. Krishnamurti

I

Para compreendermos a confusão e as misérias que nos atribulam, e compreendermos, assim, o mundo, cumpre acharmos, em primeiro lugar, dentro de nós mesmos, a clareza, a qual se origina pelo correto pensar. Essa clareza não pode ser estabelecida como norma de organização, uma vez que não podemos transmiti-la a outra pessoa, nem recebê-la de outrem. O pensamento que serve de norma a uma dada organização, torna-se perigoso, por bom que pareça, porquanto pode ser utilizado, explorado : não é o pensar verdadeiro, uma vez que é puramente iterativo. A clareza é essencial, porquanto, sem ela, tôda modificação e reforma importa apenas mais confusão. A clareza não resulta de asserções verbais, porém de intensa autovigilância e do pensar correto. O correto pensar não é produto do simples cultivo do intelecto, tão pouco é submissão a padrões, por mais dignos e nobres que se afigurem. O correto pensar nasce com o autoconhecimento. Sem compreenderdes a vós mesmos, nenhuma base tereis para o vosso

pensar; sem autoconhecimento, o que pensais não é verdadeiro.

Vós e o mundo não sois duas entidades distintas, com problemas diferentes; vós e o mundo sois um só todo. Vosso problema também o é do mundo. Podeis ser, individualmente, o resultado de certas tendências, de influências ambientes, mas, fundamentalmente, não diferis uns dos outros. Interiormente, muito nos assemelhamos : somos todos impulsionados pela cobiça, pela malevolência, pelo temor, pela ambição, etc. Nossas crenças, nossas esperanças e aspirações têm uma base comum. Somos um só todo, uma só humanidade, embora nos dividam fronteiras artificiais — fronteiras econômicas, políticas e as traçadas pelos nossos preconceitos. Se matais a outrem, é a vós mesmos que destruís. Sois o centro do todo, e se não vos compreenderdes, jamais compreendereis a Realidade.

Possuímos um conhecimento intelectual dessa unidade, porém mantemos em compartimentos separados o conhecimento e o sentimento, razão por que não chegamos nunca a perceber claramente a extraordinária unidade do homem. Quando se encontram o conhecimento e o sentimento, ocorre essa percepção. Serão de todo inúteis estas palestras, se as não ouvirdes compreendendo e sentindo. Não digais que agora sentis e depois compreendereis. Não conserveis

separados o conhecimento e o sentimento, pois daí resulta confusão e sofrer. É preciso que *percebais claramente* essa unidade viva do homem. Não estais separados do japonês, nem do hindu, nem do negro, nem do alemão. Para conhecerdes essa unidade imensa, conservai-vos abertos, tornai-vos cônscios dessa divisão entre o conhecimento e o sentimento; não sejais escravos de uma filosofia separativa.

Sem autoconhecimento é impossível a compreensão. O conhecimento próprio é extremamente penoso e difícil, porque sois uma entidade complexa. Deveis de encetar a compreensão de vós mesmos com simplicidade, sem pretensões nem teorias. Se quero compreender-vos, não devo ter fórmulas preconcebidas a vosso respeito, não devo ter preconceito algum; preciso de estar aberto, abstendo-se de juízos e comparações. É dificílimo isso porquanto, como ocorre com a maioria de nós, o pensamento é resultado de comparação, de julgamento. Julgamos compreender mediante aproximações, mas pode a compreensão nascer da comparação, do julgamento ? Ou é ela o produto do pensamento não comparativo ? Se desejais compreender uma coisa, vós a comparais com outra coisa, ou a estudais isoladamente?

O pensamento nascido da comparação não é correto pensar. Todavia, quando nos estudamos,

pomo-nos a comparar e a aproximar. Eis o que impede a compreensão de nós mesmos. Porque julgamos a nós mesmos? O nosso julgamento não é porventura produto de nosso desejo de nos tornarmos alguma coisa, nosso desejo de ganho, de submissão, de proteção? Êsse impulso mesmo obsta à compreensão.

Como disse, sois uma entidade complexa, e para que a compreendais deveis de examiná-la. Não a compreendereis, comparando-a com o dia que passou, nem com o amanhã. Sois um mecanismo intricado, porém o comparar, o julgar, o identificar, impedem a sua compreensão. Não receeis parecer atrasados, afetados, presumidos, se não competirdes na comparação. Uma vez tenhais percebido a futilidade da comparação, fruireis uma grande liberdade. Já não estareis, então, empenhados por vir a ser, mas tereis a liberdade de compreender. Dai-vos conta dessa atividade comparativa do vosso pensar — compreendei e senti o que estou expondo — senti a sua futilidade, vêde como é, essencialmente, a negação do pensamento; conhecereis, então, uma grande liberdade, tal como se vos aliviásseis de pesado fardo. Nessa liberdade, em que não há aproximação nem identificação, estareis aptos para descobrir e compreender as realidades que encerrais. Quando não comparardes nem julgardes, estareis frente a frente com vós mesmos, e

isso vos iluminará e dará fôrças para explorardes grandes profundezas. É essencial, isso, para a compreensão da Realidade. Quando não existe autocomparação, está o pensamento liberto da dualidade; desvanece-se o problema dos opostos e o seu conflito. Nessa liberdade existe uma compreensão revolucionária, criadora.

Não há um só de nós que não tenha de enfrentar o problema de matar e não matar, da violência e não violência. Alguns de vós, porventura, achareis que, por não estarem vossos filhos, vossos irmãos ou maridos envolvidos nesse assassínio em massa, que se chama guerra, não vos atinge diretamente êsse problema; porém, se o considerardes um pouco mais de perto, vereis como estais profundamente envolvidos nêle. Não podeis eximir-vos a êle. Como indivíduos, sois obrigados a uma atitude decidida ante a questão de matar e não matar. Se não estáveis cônscios dessa situação, estais agora diante dela; tendes de arrostar a questão que se vos depara, o problema dualista — capitalismo e comunismo, amor e ódio, matar e não matar, etc. Como encontrar a verdade encerrada nessa questão? Haverá isenção de conflito na interminável galeria da dualidade? Acreditam muitos que na própria luta dos opostos há fôrça criadora, que êsse conflito é a própria vida, e que furtar-se a êle é viver na ilusão. É exato isso? Não é cer-

to que todo oposto contém um elemento do outro oposto, produzindo, por essa razão, conflitos e dores infindáveis ? É necessário conflito, para que haja criação ? Os momentos de atividade criadora são produtos da luta e da dor ? Não é certo que o estado de potência criadora surge depois de haverem cessado totalmente as lutas e dores ? Podeis experimentá-lo por vós mesmos. Essa liberdade dos opostos não é nenhuma ilusão; é, antes, a única solução para tôdas as nossas confusões e problemas contraditórios.

Defrontais-vos com o problema de matar vosso semelhante, em nome da religião, da paz, da pátria, e assim por diante. Como encontrar uma solução que não encerre novos conflitos nem novos problemas de oposição ? Para encontrardes uma solução verdadeira e duradoura, não é necessário que vos afasteis do padrão dualista de pensamento ? Matais, por sentirdes ameaçada a vossa propriedade, vossa segurança, vosso prestígio; tal como acontece com o indivíduo, assim acontece com o grupo, com a nação. Para ficarmos livres dos opostos "violência" e "não violência", é necessário que estejamos libertos do desejo de aquisição, da malevolência, da luxúria, etc. Mas a maioria de nós não penetra profundamente o problema, dando-se por satisfeita com reformas e alterações obedientes ao

padrão de dualidade. Admitimos como inevitável o conflito da dualidade e procuramos, nos moldes dêsse padrão, introduzir modificações e reformas; dentro dêle manobramos para uma posição melhor, para um ponto que nos seja mais vantajoso. Qualquer modificação ou reforma que obedeça puramente ao padrão da dualidade, produz apenas mais confusão e sofrimento, sendo, por conseqüência, regressão.

Deveis de transcender o padrão da dualidade, para resolverdes permanentemente o problema dos opostos. Dentro do padrão não se encontra verdade alguma, por mais que estejamos presos a êle; se procurarmos a verdade dentro dos seus limites, iremos ao encontro da desilusão. Cumpre transcendermos o padrão dualista do "eu" e do "não eu", do possuidor e da coisa possuída. Para além e acima da galeria infinita da dualidade encontra-se a Verdade. Para além e acima do interminável problema dos opostos, causador de conflitos e dores, encontra-se a compreensão criadora. Cumpre conhecerdes isso e não apenas especulardes a seu respeito; não o deveis reduzir a uma fórmula, mas, sim, conhecê-lo, mediante percepção profunda dos empecilhos dualistas.

P e r g u n t a : Por certo, a maioria de nós temos visto, através do cinema e das revistas, documentações autênticas dos horrores e

barbaridades praticadas nos campos de concentração. Que se deve fazer, em vossa opinião, àqueles que perpetraram tão monstruosas atrocidades ? Não merecem castigo ?

K r i s h n a m u r t i : Quem os deverá castigar ? Não é o juiz muita vez tão culpado quanto o réu ? Cada um de nós edificou esta civilização, cada um contribuiu para as suas misérias, cada um é responsável pelas ações que nela se praticam. Somos o resultado de nossas ações e reações recíprocas; esta civilização é um resultado coletivo. Nenhum país, nem povo algum está separado dos outros; estamos todos interrelacionados; somos um só todo. Quer o reconheçamos, quer não, quando um infortúnio atinge um povo, nós contribuímos para êle com a nossa parte, assim como contribuímos quando o bafeja a boa fortuna. Não podeis pôr-vos de parte, para condenar nem para louvar.

É maligno o poder opressor, e todo grupo numeroso e bem organizado se torna uma fonte potencial de malefícios. Julgamos que, denunciando em altos brados as crueldades de outra nação, podemos fechar os olhos às que se praticam na nossa. Não é sòmente o vencido o responsável pelos horrores da guerra, mas tôdas as nações o são igualmente. A guerra é uma das maiores catástrofes; o pior dos males é matar o

semelhante. Deixando abrigar-se êsse mal em vosso coração, desencadeais uma infinidade de desastres a êle subordinados. Não condenais a guerra, pròpriamente, mas condenais o que é cruel na guerra.

Sois responsáveis pela guerra; vós a criastes, com vossas ações cotidianas, ditadas pela cupidez, pela malevolência e pela paixão. Cada um cooperou para o erguimento desta civilização de concorrência e crueldade, na qual o homem está contra o homem. Desejais extirpar nos outros as raízes da guerra, enquanto permitis que elas se aprofundem em vós mesmos. Daí só resulta hipocrisia e novas guerras. Cumpre erradicardes as causas da guerra, da violência, em vós mesmos, e para tal requer-se paciência e brandura, e não a sanguinária condenação de outros.

Não é necessário infligirem-se mais sofrimentos à humanidade, para se lhe dar a compreensão, mas o que se necessita é que estejais cônscios de vossas próprias ações, que desperteis para vossa própria ignorância e infelicidade, fazendo assim nascer, em vós mesmos, a compaixão e a tolerância. Não vos preocupeis de punições nem recompensas, mas sòmente da extirpação, em vós mesmos, das causas que se manifestam pela violência e pelo ódio, pelo antagonismo e pela malevolência. Assassinando o assassino, tornais-vos iguais a êle; tornais-vos cri-

minosos. Não se corrige o que está errado com meios errôneos; só com meios justos é possível alcançar-se um fim justo. Se quereis a paz, urge empregardes meios pacíficos, pois o assassínio em massa — a guerra — só pode conduzir a novos morticínios e sofrimentos. Não pode haver amor no derramar sangue; um exército nunca foi instrumento da paz. Só a benevolência e a compaixão tornarão possível a paz no mundo, não a fôrça, nem a sagacidade, nem a simples legislação.

Sois responsáveis pelas misérias e pelos desastres que ocorrem no mundo, pois na vossa vida diária sois cruéis, opressores, ávidos, e ambiciosos. Continuará a haver sofrimento, enquanto não desarreigardes de vós mesmos as causas que geram a paixão, a cobiça e a crueldade. Abrigai em vossos corações a paz e a compaixão, e aclarar-se-ão as vossas dúvidas.

Pergunta: Na época presente e em nosso atual modo de vida, tornam-se os sentimentos embotados e endurecidos. Podeis sugerir um modo de vida que nos faça mais sensíveis? Podemos tornar-nos tais, no meio do tumulto, da pressa, e da competição das profissões e ocupações? Podemos tornar-nos tais, sem devoção a uma fonte superior da vida?

K r i s h n a m u r t i : Não achareis necessário que o pensamento claro e correto seja sensível ? Para sentir profundamente, não é necessário um coração aberto ? Não se requer um corpo sadio para que as suas reações sejam prontas e adequadas ? Embrutecemos nossa mente, nosso sentimento, nosso corpo, com as crenças e a malevolência, com estimulantes poderosos e insensibilizantes. É essencial que sejamos sensíveis, para que tenhamos reações prontas e adequadas, mas os nossos apetites nos insensibilizam e empedernecem. Não é a mente uma entidade separada, distinta do organismo como um todo, e quando o organismo como um todo é maltratado, estragado, desorientado, estabelece-se a insensibilidade. Nosso ambiente, nosso atual modo de vida, insensibiliza-nos, dissipa-nos. Como podeis ser sensíveis, quando diàriamente vos entregais a leituras ou assistis a filmes em que se vos apresentam matanças de milhares de indivíduos — carnificinas que vos são descritas como lances sensacionais de um torneio esportivo? Talvez vos cause desgôsto a primeira leitura de tais notícias, mas a freqüente repetição dessas ferozes brutalidades acabam por insensibilizar-vos a mente-coração, tornando-vos imunes ao horror que deveria inspirar a barbárie da sociedade moderna. O rádio, as revistas, o cinema, estão de contínuo gastando a

vossa sensibilidade; sois coagidos, ameaçados, forçados à obediência, e como podeis, no meio do tumulto, da pressa, das atividades falsas, permanecer sensíveis para o cultivo do reto pensar?

Se não desejais sentimentos embotados e empedernidos, deveis de pagar o preço disso. Urge abandonardes a pressa, a confusão, as profissões e atividades inadequadas. Deveis de tornar-vos cônscios de vossos apetites, de vosso ambiente delimitador, e começareis, então, com uma justa compreensão dos mesmos, a novamente despertar a sensibilidade. Com a observação constante de vossos pensamentos-sentimentos, cairão por terra as causas do egotismo e da estreiteza mental. Se desejais atingir um elevado grau de sensibilidade e clareza, deveis de trabalhar deliberadamente para êsse fim; não podeis ser mundanos e ao mesmo tempo sinceros na busca da Realidade. O mal é querermos ambas as coisas : os apetites ardentes e a placidez da Realidade. Urge abandonardes uma ou outra : não podeis conservar ambas ao mesmo tempo. Não podeis ceder aos vossos desejos e ao mesmo tempo estar alertados; para estarmos intensamente vigilantes, precisamos de estar libertos de influências cristalizadoras e insensibilizantes.

Hipertrofiamos o intelecto, em prejuízo de nossos sentimentos mais profundos e claros, e

uma civilização baseada no cultivo do intelecto há de produzir brutalidades e o culto da prosperidade. O basear-nos só no intelecto ou só no sentimento conduz ao desequilíbrio, sendo que o intelecto está sempre procurando resguardar-se. A mera determinação só tem o efeito de fortalecer o intelecto, insensibilizá-lo, empedernecê-lo; ela é sempre um impulso egoísta e agressivo para "vir a ser" ou não "vir a ser". É necessário que compreendamos as tendências do intelecto, mediante vigilância constante, devendo a sua reeducação transcender o próprio raciocinar.

P e r g u n t a : *Vejo que há conflito entre as minhas ocupações e a minha vida de relação. Elas seguem rumos diferentes. Como poderei harmonizá-las?*

K r i s h n a m u r t i : A maioria das nossas ocupações são inspiradas pela tradição, pela avidez ou pela ambição. Em nossas atividades, somos desapiedados, competidores, embusteiros, ardilosos e altamente preocupados de nossa própria proteção. A qualquer momento que fraquejarmos, correremos o risco de soçobrar e por isso temos de ajustar-nos ao ritmo altamente eficiente da insaciável máquina dos negócios. É uma luta incessante pela manutenção de uma

posição, por tornar-nos cada vez mais argutos e hábeis. A ambição jamais encontra satisfação duradoura; está ela perenemente a demandar campos mais vastos de expansão egoísta.

Mas, na vida de relação está implicado um processo inteiramente diferente. Nela é indispensável que haja afeto, consideração para com os outros, ajustamento, abnegação, condescendência; nela, não se trata de vencer, porém de viver feliz. Requer-se ternura desinteressada, isenção do desejo de domínio e do desejo de posse; entretanto, o nosso vazio e os nossos temores geram despeitos e sofrimentos, na vida de relação. As relações com outros constituem um processo de autodescobrimento, no qual existe uma compreensão mais vasta e mais profunda; a vida de relação é um ajustar constante, na jornada do autodescobrimento. Ela demanda paciência, infinita flexibilidade e singeleza de coração.

Mas, como é possível conciliar duas coisas, como o egoísmo e o amor, os negócios e as relações com os semelhantes? Uma é desapiedada, competidora, ambiciosa; a outra, abnegada, delicada, suave. Não há conciliação possível. Com uma das mãos contamos dinheiro e derramamos sangue, enquanto procuramos com a outra afagar, testemunhar afeto e consideração. Para nos aliviarmos de nossas ocupações insípidas e ne-

gadoras do pensamento, buscamos confôrto e descanso nas relações. Mas a vida de relação não proporciona êsse confôrto, porquanto ela é um processo característico de autodescobrimento e compreensão. O homem de negócios procura na vida de relação confortos e prazeres, para o compensarem de suas fatigantes atividades. Essas atividades de todos os dias, impulsionadas pela ambição e pela cupidez, repletas de crueldades, conduzem, passo a passo, à guerra e às selvajarias da moderna civilização.

A ocupação justa não se inspira na tradição, nem na ganância, nem na ambição. Quando cada um estiver verdadeiramete interessado em estabelecer a verdadeira vida de relação, não só com um, mas com todos, achar-se-á, então, a ocupação justa. Esta resulta da regeneração, da transformação do coração, e não da mera determinação intelectual de encontrá-la.

A integracção num todo, apenas, só é realizável quando há clareza de compreensão em todos os níveis da nossa consciência. Não é possível a integração do amor e da ambição, da deslealdade e da lealdade, da compaixão e da guerra. Enquanto forem mantidas separadas a ocupação e as relações, continuará a haver conflitos e misérias intermináveis. Tôda reforma segundo o padrão da dualidade significa regressão; só fora dêsse padrão existe a paz fecunda.

II

Diàriamente somos obrigados a enfrentar problemas dualistas, problemas que não são teóricos nem filosóficos, porém reais. Verbalmente, sentimentalmente, intelectualmente, enfrentamo-los dia por dia : o bom e o mau, o meu e o vosso, o coletivismo e o individualismo, vir a ser e não vir a ser, mundanidade e não mundanidade, etc. — uma interminável galeria de opostos, na qual o pensamento-sentimento é impelido para um lado e para outro. Podem êsses problemas, da cupidez e não cupidez, da guerra e da paz, ser resolvidos dentro do padrão dualista, ou deve o pensamento-sentimento transcender êsse padrão, para encontrar uma solução permanente ? Dentro do padrão da dualidade não há solução duradoura. Todo oposto contém um elemento do outro oposto e por isso não é jamais possível uma solução permanente dentro do conflito dos opostos. Só existe uma solução permanente, perfeita, fora daquele padrão.

Releva compreender-se, o mais profundamente possível, o problema da dualidade. Não o estou versando como assunto abstrato e teórico,

porém como um problema bem real de nossa vida e conduta cotidianas. Estamos cônscios de que o nosso pensar é uma luta incessante, dentro do padrão da dualidade — do bom e do mau, do ser e do não ser, do vosso e do meu. Nesse padrão há conflito e dor; nêle, tôda a vida de relação é um desfilar de aflições; nêle, não há esperança, porém fadigas, sòmente. Pois bem: pode o problema do amor e do ódio ser resolvido dentro do âmbito do seu próprio conflito, ou deve o pensamento-sentimento ultrapassar êsse padrão com que se familiarizou ?

Para encontrar-se solução duradoura para o conflito da dualidade e para o penoso processo de escolher entre opostos, devemos de estar intensamente vigilantes, observando tranqüilamente o significado pleno do conflito. Só então descobriremos que há um estado em que o conflito da dualidade deixa de existir. Não é possível a integração dos opostos, da avidez e da não avidez. Quem é ávido e procura tornar-se não ávido, continua a ser ávido. Não achais necessário que se abandone tanto a avidez como a não avidez, para nos furtarmos à influência de uma e outra ? Todo "vir a ser" implica "não vir a ser", e enquanto existir vir a ser existirá a dualidade, com o seu conflito infindável.

A causa da dualidade é o desejo, o anseio; pela percepção, pela sensação e pelo contacto

surge o desejo, o prazer, a dor, a necessidade, a não necessidade, que por sua vez motivam a identificação como "meu" e "vosso", entrando, dêsse modo, a funcionar o processo dualista. Êsse conflito não é de ordem material? — Enquanto separar-se o pensante do pensamento, perdurará o vão conflito dos opostos. Enquanto o pensante se interessar tão sòmente pela modificação de seus pensamentos e não pela radical transformação de si próprio, continuará a haver conflito e dor.

O pensante é distinto do pensamento? Não são pensador e pensamento um fenômeno inseparável? Porque separamos o pensamento do pensador? Não é isso uma das artimanhas da mente, para permitir ao pensante mudar de roupagens, segundo as circunstâncias, permanecendo entretanto o mesmo? Externamente, há a aparência de modificação, mas, interiormente, continuará o pensante a ser o que realmente é. O anseio de continuidade, de permanência, gera essa divisão entre o pensante e os seus pensamentos. Só quando se tornam inseparáveis o pensante e o pensamento, é possível transcender-se a dualidade. É só então que se verifica a verdadeira experiência religiosa. Só depois de eliminado o pensante, se manifesta a Realidade. Essa unidade indivisível do pensante e do pensamento é para ser conhecida e não para especular-

mos sôbre ela. Êsse conhecimento traz-nos libertação; existe, nêle, uma alegria inexprimível.

Só o pensar correto pode fazer-nos compreender e transcender o composto causa-efeito e o processo dualista. Quando integrados o pensante e o pensamento, pela meditação correta, existe o êxtase do Real.

Pergunta: Essas guerras monstruosas clamam por uma paz duradoura. Entretanto, já se fala de uma Terceira Guerra Mundial. Vêdes possibilidade de ser evitada essa nova catástrofe?

Krishnamurti: Como esperar evitá-la, enquanto subsistirem os elementos e valores causadores da guerra? A guerra agora terminada produziu alguma modificação profunda, fundamental, no homem? O imperialismo e a opressão predominam como sempre, talvez hàbilmente dissimulados; subsistem os estados soberanos separados; as nações manobram para novas posições de poder; os poderosos continuam a oprimir os fracos; as minorias governantes continuam a explorar os governados; não cessaram os conflitos sociais e classistas; o preconceito e o ódio chamejam por tôda a parte. Enquanto houver sacerdotes profissionais, com os seus preconceitos sistematizados, a justificarem a intolerância e o extermínio do semelhante,

a bem da pátria e em defesa de vossos interêsses e ideologias, haverá guerra. Enquanto prevalecerem os valores dos sentidos sôbre os valores eternos, haverá guerra.

O que sois, tal é o mundo. Se sois nacionalistas, patriotas, agressivos, ambiciosos, cobiçosos, sois então a causa dos conflitos e das guerras. Se sois filiados a determinada ideologia, a um preconceito específico, ainda que o chameis religião, continuareis a ser a causa de discórdias e misérias. Se estais imersos nos valores materiais, continuará a haver ignorância e confusão. Porque, tal como sois, assim é o mundo; vosso problema é o problema do mundo.

Operou-se alguma transformação radical, em vós, em resultado da recente catástrofe? Não continuais a denominar-vos americanos, inglêses, hindus, alemães, etc.? Não continuais ambiciosos de posições e mando, de posses e riquezas? A devoção se torna hipocrisia, quando se cultivam as causas da guerra; vossas preces vos conduzem à ilusão, quando cedeis ao ódio e ao gôzo das coisas materiais. Se não extirpais de vós mesmos as causas da inimizade, da ambição, da avidez, são então falsos os vossos deuses e vos conduzirão à desgraça. Só a benevolência e a compaixão são capazes de promover a ordem e a paz no mundo; tal não se consegue com planos e conferências políticas.

Tendes de pagar o preço da paz. Tendes de o pagar, voluntária e alegremente, e êsse preço é o libertar-vos da luxúria, da malevolência, da mundanidade, da ignorância, do preconceito e do ódio. Se ocorresse em vós mudança tão radical, poderíeis cooperar para o advento de um mundo pacífico e sensato. Para terdes a paz, deveis de ser compassivos e condescendentes.

Talvez não possais evitar a Terceira Guerra Mundial, mas podeis libertar o coração e a mente da violência e das causas que geram a inimizade e repelem o amor. Haverá, então, neste mundo lúgubre, alguns homens puros de mente e de coração, de cujas obras germinará, porventura, a semente de uma verdadeira civilização. Purificai vossas mentes e corações, pois é sòmente pelas vossas vidas e vossos atos, que poderá haver paz e ordem. Não vos percais na promiscuidade das organizações, mas conservai-vos solitários e singelos. Não tenteis apenas evitar catástrofes, porém, antes, tratai, cada um de vós, de desarraigar inteiramente as causas que produzem antagonismos e contendas.

Pergunta: Conforme sugeristes no ano passado, anotei meus pensamentos e sentimentos durante vários meses, mas parece-me que não tenho tirado muito proveito disso. Por que razão? Que mais devo fazer?

K r i s h n a m u r t i : O ano passado sugeri, como meio para se alcançar o autoconhecimento e o pensar correto, que cada um anotasse todos os seus pensamentos-sentimentos, tanto os agradáveis como os desagradáveis. Por essa maneira, pode o indivíduo cientificar-se de tudo o que se contém na própria consciência — de seus pensamentos reservados, seus secretos motivos, intenções e inibições. Dêsse modo, pela constante vigilância de si mesmo, adquire o indivíduo o autoconhecimento, do qual resulta o reto pensar. Pois, sem o autoconhecimento, não é possível a compreensão. A fonte da compreensão está dentro do próprio indivíduo, e não pode haver compreensão do mundo nem de vossas relações com êle, sem um profundo conhecimento de vós mesmos.

Deseja saber o consulente por que não consegue penetrar profundamente em si mesmo, para descobrir o tesouro oculto, que não pode ser alcançado com tentativas superficiais de autoconhecimento. Para cavardes profundamente, necessitais do instrumento adequado, e não sòmente do desejo de cavar. Para se cultivar o autoconhecimento é mister capacidade, e não um vago desejo de o fazer. Ser e desejar são duas coisas bem diferentes.

Para cultivar o instrumento adequado da percepção, deve o pensamento abster-se de con-

denar, negar, comparar, julgar, ou de buscar confôrto e segurança. Se condenardes ou achardes lisonjeiro para vós o que haveis anotado, estancareis o fluxo do pensamento-sentimento e anulareis a compreensão. Se desejais compreender o que diz outra pessoa, cumpre-vos escutá-lo sem prevenção, sem vos deixardes desviar por vossos preconceitos. Idênticamente, se desejais compreender vossos próprios pensamentos-sentimentos, deveis de observá-los com benignidade e desapaixonadamente, e não com atitude condenatória ou aprovativa. A identificação impede e desvia o fluxo do pensamento-sentimento; uma imparcialidade tolerante é essencial para o autoconhecimento; o autoconhecimento abre a porta à compreensão profunda e vasta. Mas é difícil a serenidade, quando se trata de nós mesmos, de nossas reações, etc., porquanto já fixamos o hábito da autocondenação, da autojustificação — e é para êsse hábito que devemos estar atentos. É pela percepção constante e alertada, e não pela negativa, que o pensamento se liberta do hábito. Esta libertação não é produto do tempo, mas da compreensão. A compreensão está sempre no presente imediato.

Para se cultivar o instrumento adequado da percepção é mister não haver comparação, porque comparar é renunciar à compreensão. Ao

comparar, aproximar, mostrais-vos sòmente competidores, ambiciosos, com a mira no bom êxito, que encerra, inerentemente, o mau êxito. A comparação sempre implica um padrão estabelecido por autoridade, pelo qual nos avaliamos e guiamos. A opressão da autoridade mutila a compreensão. Poderá a comparação produzir um resultado desejado, mas é ela um empecilho ao autoconhecimento. A comparação implica o tempo, e o tempo não produz compreensão.

Sois um organismo vivo e complexo; compreendei a vós mesmos, não por meio de comparação, mas mediante percepção do que "é" — pois o presente é a porta do passado e do futuro. Quando liberto da comparação e da identificação, e seu estéril fardo, está o pensamento apto a acalmar-se e clarificar-se. O hábito da comparação, como também o hábito de condenar e de aprovar, conduz à submissão, e na submissão não há entendimento.

O "eu" não é uma entidade estática, porém muito ativa, muito hábil e vigilante, nas suas exigências e na busca de seus objetivos; para seguir e compreender o movimento contínuo do "eu" é necessária uma mente-coração penetrante e flexível, uma mente capaz de intensa autovigilância. Para compreender, deve a mente penetrar fundo, devendo ao mesmo tempo saber quando manter-se vigilantemente passi-

va. Evidenciaria insensatez e desequilíbrio prosseguir cavando e prescindir da virtude restauradora e curativa da passividade. Investigamo-nos, analisamo-nos, perscrutamo-nos, mas nesta atividade só encontramos conflito e sofrimento; não há, nela, alegria, porque estamos sempre julgando, ou justificando, ou comparando. Não nos damos momentos de tranqüila percepção, de imparcial passividade. Essa percepção imparcial, essa passividade fecunda, é mais importante, mesmo, do que a auto-observação e a auto-investigação. Assim como os campos são lavrados, semeados, e, após a colheita, deixados em repouso, assim também deveis viver num dia as quatro estações do ano. Se cultivais, semeais e colheis, sem dardes repouso ao solo, não tardará êle a tornar-se estéril.

É tão essencial o período de repouso como o de amanho; enquanto repousa a terra, os ventos, as chuvas, o calor solar lhe trazem fecundidade e renovação. Da mesma maneira, depois de intensa atividade, deve a mente-coração quedar-se silenciosa, vigilantemente passiva, a fim de renovar-se.

Assim, pois, pela vigilância, pelo próprio indivíduo, de cada um dos seus pensamentos-sentimentos, vêm a conhecer-se e compreender-se as tendências do "ego". Essa autovigilância, com a respectiva auto-observação e vigilante

passividade, lhe proporcionará um conhecimento de si mesmo profundo e vasto. Do autoconhecimento procede o pensar correto; sem pensar correto, não há meditação.

P e r g u n t a : *O problema de ganhar a vida decorosamente, é um problema predominante, para a maioria de nós. Uma vez que as correntes econômicas do mundo estão irremediàvelmente inter-relacionadas, constato que quase tudo o que faço significa ou exploração de outros, ou contribuição para a guerra. Como poderá o indivíduo que deseje sinceramente abraçar um justo meio de vida, afastar-se das rodas da exploração e da guerra?*

K r i s h n a m u r t i : Para quem verdadeiramente deseja encontrar um meio de vida justo, a vida econômica, tal como está atualmente organizada, é realmente difícil. Como diz o autor da pergunta, as correntes econômicas se inter-relacionam e trata-se, pois, de um problema complexo, que, como todo problema humano complexo, cumpre ser atendido com simplicidade.

Uma vez que a sociedade moderna se torna cada vez mais complexa e organizada, observa-se uma coação do pensamento e da ação, a bem da eficiência. A eficiência se torna crueldade, quando predominam os valores dos sentidos, quando é pôsto à margem o valor eterno.

Evidentemente, há meios de vida injustos. O homem que coopera na produção de armas e outros métodos de matar o seu semelhante, está por certo, fomentando a violência, pela qual jamais se implantará a paz na terra; o político que, em benefício da nação, de si próprio, ou de uma ideologia, ocupa-se em dominar e explorar a outros, está, sem dúvida, exercendo um meio de vida injusto, conducente à guerra, às misérias e aflições do homem; o sacerdote que se atém a determinado preconceito, dogma ou crença, a uma determinada forma de adoração e prece, está igualmente exercendo uma profissão injusta, porquanto está apenas disseminando a ignorância e a intolerância, as quais incitam o homem contra o homem. Qualquer profissão conducente a divisões e conflitos entre os homens, e conservadora dessas divisões e conflitos, é òbviamente um meio de vida injusto. As ocupações dessa natureza levam à exploração e à luta.

Nossas profissões são determinadas — não é exato ? — pela tradição, ou pela cupidez e ambição. Em geral, não escolhemos deliberadamente um meio de vida justo. Já nos consideramos afortunados de pegar o que podemos e de seguir cegamente o sistema econômico que nos rodeia. Mas, deseja o consulente saber como poderá afastar-se da exploração e da guerra. Para afastar-

se delas, não deve submeter-se a influência alguma, nem adotar meio de vida indicado pela tradição, nem ser invejoso ou ambicioso. Muitos de nós escolhemos uma atividade, por tradição — porque somos de uma família de advogados, de militares, de políticos ou de negociantes. Outras vêzes é a nossa profissão ditada pela ambição de mando e posição; a ambição nos impele à competição e à crueldade, no desejo de prosperarmos. Assim, pois, aquêle que não deseje explorar os outros nem contribuir para a guerra, deve deixar de seguir a tradição, deixar de ser ávido, ambicioso, interesseiro. Abstendo-se de tudo isso, encontrará, naturalmente, a ocupação justa.

Mas, embora importante e benéfica, a ocupação justa não constitui, em si, um fim. Podeis ter um justo meio de vida, mas se interiormente fordes incompletos e pobres, sereis uma fonte de misérias para vós mesmos e, portanto, para os outros; sereis irrefletidos, violentos, egoístas. Sem a liberdade interior da Realidade, não encontrareis nem a alegria nem a paz. Na busca e na descoberta daquela Realidade interior, podemos não sòmente contentar-nos com pouco, mas também adquirir o conhecimento de algo que ultrapassa todos os padrões. É isso o que cumpre procurar em primeiro lugar; as outras coisas virão na sua esteira.

Essa liberdade interior da Realidade criadora, não é uma dádiva; cumpre-nos descobri-la e conhecê-la. Não é essa liberdade uma aquisição, um atributo que se nos acrescentará, para nossa glorificação. Ela é um estado equivalente ao silêncio, à tranqüilidade, onde não há vir a ser, onde existe a plenitude. Essa potência criadora pode não buscar, necessàriamente, a expressão, porquanto não é um talento a exigir exteriorização. Não necessitais de ser um grande artista, nem necessitais de auditórios; se procurardes essas coisas, perdereis a Realidade. Essa liberdade não é um dom, nem produto do talento; encontra-se êsse tesouro imperecível, quando o pensamento está livre da luxúria, da malevolência e da ignorância; quando está livre da mundanidade e do desejo pessoal de ser algo. Essa liberdade pode ser conhecida, com o justo pensar e a meditação justa. Sem essa liberdade interior da Realidade, é a existência sofrimento. Devemos buscá-la, como o homem sedento que busca água. Só a Realidade pode extinguir a sêde da impermanência.

Pergunta: Sou um fumador inveterado. Já várias vêzes tentei abandonar o hábito, com resultado negativo, de cada vez. Como poderei deixá-lo de uma vez por tôdas?

K r i s h n a m u r t i : Não luteis por abandoná-lo; tal como se dá com muitos outros hábitos, a mera luta contra êle só tenderá a fortalecê-lo. Compreendei o problema do hábito, sob os seus vários aspectos — mental, moral e físico. Todo hábito exclui o pensar, e lutar contra essa anulação do pensar com a determinação da ignorância é vão e estúpido. Deveis de compreender o processo do hábito mediante vigilância constante das rotinas mentais e das reações emocionais determinadas pelo hábito. Ao compreenderem-se os aspectos mais profundos do hábito, desaparecerão os superficiais. Sem compreenderdes as causas mais profundas do hábito, ainda que sejais capaz de dominar o hábito de fumar, ou outro qualquer, continuareis a ser o que sois — incapaz de pensar, vazio, um joguete do ambiente.

A maneira de abandonar-se um determinado hábito não é certamente a questão primordial, porquanto há coisas muito mais profundas em jôgo. Problema algum pode ser resolvido no seu próprio nível. Pode um problema qualquer ser resolvido dentro do padrão dos opostos? Evidentemente, existe conflito dentro do padrão, mas êsse conflito resolve o problema? Não necessitais de procurar fora do padrão do conflito uma solução duradoura? A luta contra o hábito não resulta necessàriamente no abandono do

mesmo; outros hábitos poderão desenvolver-se, para substituir o anterior. A luta visando apenas a dominar um hábito, sem descobrir o seu significado mais profundo, torna a mente-coração incapaz de pensar, superficial, insensível. Tal como se dá com a cólera, tal como se dá com os exércitos, o conflito esgota e nenhuma questão importante é resolvida. Idênticamente, o conflito entre os opostos insensibiliza a mente-coração e é essa insensibilidade que impede a compreensão do problema. Procurai ver a importância que isso tem. Todo conflito entre dois desejos opostos termina necessàriamente em fadiga e anulação do pensar.

É essa anulação do pensar que cumpre considerar, não o mero abandono de um hábito ou conflito. O abandono de um hábito virá naturalmente, com a plenitude da razão e da sensibilidade. Essa sensibilidade está embotada e endurecida pela luta constante dos desejos contraditórios. Assim, pois, se desejais fumar, fumai, mas ficai intensamente cônscio de tudo o que está implícito no hábito — exclusão do pensar, dependência, solidão, mêdo, etc. Não luteis sòmente contra o hábito, mas tomai conhecimento de sua inteira significação.

É considerado inteligente estar-se no conflito dos opostos; a luta entre o bem e o mal, entre o coletivismo e o individualismo, é julgada

necessária para a evolução do homem; o conflito entre Deus e o Demônio é admitido como um processo inevitável. Mas conduz êsse conflito entre opostos à Realidade? Não conduz, antes, à ignorância e à ilusão? Pode o mal ser transcendido pelo seu oposto? Não deve o pensamento transcender o conflito de ambos? Êsse conflito entre opostos não conduz à virtude, à compreensão; conduz, antes, à lassidão, à anulação do pensar, à insensibilidade. Talvez esteja o criminoso, o pecador, mais próximo da compreensão do que o homem que alardeia virtude, na sua ostensiva luta entre os desejos opostos. O criminoso poderia vir a reconhecer o seu crime, havendo, portanto, esperanças para êle, mas o indivíduo que se presume virtuoso no conflito dos opostos, está simplesmente perdido, na sua mesquinha ambição de vir a ser. Um é acessível, enquanto o outro está fechado, endurecido pelo seu conflito; um é ainda suscetível, enquanto o outro se insensibilizou no conflito e no sofrimento da incessante luta pelo vir a ser.

Não vos percais no conflito e no sofrimento dos opostos. Não compareis nem luteis para vos tornardes o oposto do que sois. Estai atentos, integralmente, imparcialmente, para o que "é" —vosso hábito, vosso temor, vossa tendência — e nessa chama singela da percepção se transformará aquilo que "é". Esta transformação não

está dentro do padrão da dualidade; ela é fundamental, criadora, com o alento da Realidade. Nessa chama da percepção, todos os problemas são definitivamente resolvidos. Sem essa transformação, é a vida luta e sofrimento, não havendo alegria nem paz.

III

Não achais importante compreender e, assim, transcender o conflito ? Vivemos, em regra, num estado de conflito interior que produz tumulto e confusão exteriores. Muitos se refugiam dêsse conflito na ilusão, em atividades várias, na aquisição de saber e de idéias; outros se tornam indiferentes e deprimidos. Alguns há que, compreendendo o conflito, ultrapassam as suas limitações. Sem a compreensão da natureza íntima do conflito, do campo de batalha que nós somos, não é possível a paz, nem a alegria.

Os mais de nós achamo-nos colhidos numa série infinita de conflitos interiores, sem a solução dos quais é inútil e vazia a nossa existência. Temos percepção de dois polos opostos do desejo : o desejo positivo e o desejo negativo — o querer e o não querer. O conflito entre a compreensão e a ignorância é aceito por nós como parte de nossa natureza; não percebemos a impossibilidade de resolver-se êsse conflito dentro do padrão da dualidade, e, por isso, o aceitamos, fazendo do conflito virtude. Já o consideramos essencial à evolução, ao aperfeiçoamento do ho-

mem. Não costumamos dizer que pelo conflito chegaremos a aprender, a compreender ? Damos significação religiosa ao conflito dos opostos, mas conduz êle, porventura, à virtude, ao esclarecimento, ou conduz, antes, à ignorância, à insensibilidade, à morte ? Já notastes que, no meio do conflito, não há compreensão alguma, e sim sòmente uma luta nas trevas? O conflito não nos leva à compreensão. Leva-nos, como já afirmamos, à apatia, à ilusão. Precisamos de sair do padrão da dualidade, a fim de encontrarmos a compreensão fecunda e revolucionária.

O conflito, a luta pelo vir a ser e pelo não vir a ser, não leva ao egotismo ? Pois não gera êle o sentimento da personalidade, do "eu" ? E a própria natureza do "eu" não é de conflito e dor ? Quando tendes consciência de vosso "eu"? Quando existe oposição, quando existe atrito, quando existe antagonismo. No momento da alegria, a consciência do "eu" é inexistente; na felicidade, não dizeis "eu sou feliz"; é só na ausência dela, no conflito, que se manifesta a consciência do "eu". O conflito é uma chamada, um "toque de recolher" a nós mesmos, uma constatação de nossa limitação; é daí que resulta a consciência do "eu". Essa luta constante nos impele à fuga, sob várias formas, leva-nos à ilusão; sem comprendermos a natureza do conflito, a aceitação da autoridade, a aceitação de qual-

quer credo ou ideologia, traz apenas ignorância e mais sofrimento. Essas coisas tornam-se ineficazes e desvaliosas, quando há compreensão do conflito.

A escolha entre desejos opostos faz sòmente prosseguir o conflito; escolha implica dualidade; na escolha não há liberdade, porquanto a vontade continua a produzir conflitos. Como poderá, então, o pensamento transcender o padrão da dualidade? É só compreendendo o mecanismo do ansiar, do desejo de satisfação própria, que podemos transcender o interminável conflito dos opostos. Estamos sempre a procurar o prazer e a evitar o sofrimento; o desejo constante de vir a ser endurece a mente-coração, produzindo luta e dor. Já não notastes como é desapiedado o homem, no seu desejo de vir a ser? Tornar-se alguma coisa neste mundo é relativamente o mesmo que tornar-se alguma coisa no que se considera o mundo espiritual; num e noutro, é o homem impelido pelo desejo de vir a ser, ocasionando êsse anseio um conflito incessante, com a sua peculiar crueldade e antagonismo. Aí, renunciar significa adquirir, e a aquisição é a semente do conflito. Êsse processo de renunciar e adquirir, de vir a ser e não vir a ser, é uma cadeia contínua de sofrimentos.

Como transcender êsse conflito é o nosso

problema. Não temos, aqui, uma questão teórica, porém uma questão que se nos depara quase a todos os momentos. Podemos refugiar-nos numa dada fantasia, a qual pode ser racionalizada, à qual podemos dar a aparência de realidade, mas que é, sem embargo, pura ilusão. Não se lhe pode dar realidade com explicações sutis, nem com o número de seus adeptos. Para transcender-se o conflito, o desejo de vir a ser deve ser conhecido ìntimamente e compreendido. O desejo de vir a ser é complexo e sutil, porém, como tôdas as coisas complexas, deve ser estudado com simplicidade. Ficai intensamente cônscios do desejo de vir a ser. Ficai cônscios do sentimento de vir a ser; com o sentimento vem a sensibilidade, a qual começa a revelar tudo quanto se contém no vir a ser. O sentimento é endurecido pelo intelecto e pelas suas numerosas e sutis racionalizações, e por mais capaz que seja o intelecto de desenredar a complexidade do vir a ser, não é êle capaz de conhecê-lo ìntimamente. Podeis compreender tudo isso, verbalmente exposto, mas de pouca importância será; sòmente o conhecimento e o sentimento podem produzir a centelha criadora, da compreensão.

Não condeneis o vir a ser, mas observai a sua causa e efeito em vós. A reprovação, o julgamento e a comparação não nos trazem a com-

preensão; ao contrário, suprimem-na. Percebei a identificação e a condenação, a justificação e a comparação; percebei-as, e logo cessarão. Observai, em silêncio e quietude, o vir a ser; experimentai essa percepção tranqüila. "Estar tranqüilo" e "pôr-se tranqüilo" são dois estados diferentes. O "pôr-se tranqüilo" não nos faz conhecer o estado de quietude. É só no estado de quietude que se transcende o conflito.

Pergunta: Tende a bondade de falar a respeito da morte. Não me refiro ao temor da morte, porém à promessa e à esperança que a idéia da morte sempre deve encerrar para aquêles que estão cônscios de uma vida a que não pertencem.

Krishnamurti: Porque nos interessa mais a morte do que a vida? Porque encararmos a morte como uma libertação, como uma promessa às nossas esperanças? Porque há de haver mais felicidade, maior deleite na morte do que na vida? Porque havemos de encarar a morte como uma renovação, em vez de assim encararmos a vida? Desejamos fugir das penas da existência e procuramos êsse refúgio numa promessa e numa esperança encerradas no desconhecido. A vida é conflito e miséria e, como nos educamos para a inevitabilidade da morte, consideramo-la como uma recompensa.

A morte é enaltecida ou evitada, conforme as fadigas da vida: a vida é uma coisa que devemos suportar, a morte, uma coisa que devemos acolher alegremente. Também aqui estamos envolvidos no conflito dos opostos. Nos opostos, nenhuma verdade existe. Porque não compreendemos a vida, o presente, projetamos as vistas para o futuro, para a morte. O amanhã, o futuro, a morte, poderão trazer-nos a compreensão? Poderá o tempo abrir-nos as portas da Realidade? Estamos sempre preocupados com o tempo, o passado, que se entrelaça no presente e no futuro; somos o produto do tempo, do passado; fugimos para o futuro, para a morte.

O presente é o Eterno. No tempo, não é possível o conhecimento do Atemporal. O agora é perpétuo; ainda que fujais para o futuro, estará sempre presente o "agora". O presente é a porta do passado. Se não compreendeis o presente, agora, ireis compreendê-lo no futuro? O que agora sois, continuareis a ser, se não compreenderdes o presente. A compreensão só se manifesta no presente; a procrastinação não produz entendimento. Só é possível transcender-se o tempo na placidez do presente. Essa tranqüilidade não pode conquistar-se por meio do tempo, com o "pôr-nos tranquilos"; devemos "estar em quietude", e não "pôr-nos em quietude". Consideramos o tempo como um meio de vir a

ser; êsse vir a ser é infinito, mas não é o Eterno, não é o Atemporal. O vir a ser é conflito incessante, conducente à ilusão. Na tranqüilidade do presente está o Eterno.

Mas o pensamento-sentimento, qual a lançadeira de um tear, está num vaivém constante, entrelaçando o passado, o presente e o futuro; está êle continuamente reordenando as suas lembranças; sempre a manobrar para uma posição melhor, mais vantajosa e confortável para si. Êle está sempre e sempre a dissipar e a formular, e como pode estar tranqüila uma mente nessas condições, como pode estar desimpedida, vazia, para criar ? Como pode essa mente, no seu incessante vir a ser, compreender a tranqüilidade do presente ? Só a meditação e o pensamento corretos são capazes de produzir a compreensão clara e é só nesta que existe a tranqüilidade.

A morte de alguém que amais acarreta-vos sofrimentos. O choque dêsse sofrimento entorpece, paralisa, e quando vos recuperais dêle buscais um refúgio para o vosso penar. A falta de companhia, os hábitos que se revelam então, o vácuo e a solidão postos a descoberto pela morte, produzem dor, e instintivamente procurais fugir a essa dor. Desejais confôrto, um paliativo ao vosso sofrer. O sofrimento é indício de ignorância, e quando procurais um refúgio do

sofrimento, estais apenas nutrindo a ignorância. Em vez de insensibilizardes a mente-coração por meio de fugas, confortos, racionalizações, credos, atentai intensamente para os seus sutis métodos de defesa, suas exigências de confôrto, e operar-se-á então a transformação daquela vacuidade e tristeza. Porque procurais refúgio, o sofrimento perdura; porque buscais confôrto e dependência, intensifica-se a solidão. Não fugir, não buscar confôrto, é extremamente difícil e sòmente uma intensa autovigilância é capaz de erradicar a causa do sofrimento.

Na morte, procuramos a imortalidade; no movimento do nascer e do morrer, ansiamos pela permanência; imersos no fluxo do tempo, ansiamos pelo Atemporal; vivendo na sombra, acreditamos na luz. A morte não conduz à imortalidade: só há imortalidade na vida, sem a morte. Conhecemos a morte, na vida, porque estamos apegados à vida. Nós acumulamos, tornamo-nos algo; porque acumulamos, vem a morte, e conhecendo a morte, apegamo-nos à vida.

A esperança e a crença na imortalidade não nos fazem conhecer a imortalidade. É preciso que cesse a esperança e a crença para que haja a imortalidade. Vós, o crente, o fator do desejo, deveis deixar de existir, para serdes imortal. Vossa crença e esperança fortalecem o "eu", e por isso conheceis apenas nascimento e morte.

Extinto o anseio, a causa do conflito, sobrevém a tranqüilidade criadora, e neste silêncio não há nascer nem morrer. Aí, a vida e a morte são uma só coisa.

P e r g u n t a : É mais fácil estar livre do desejo sexual do que das ambições sutis : porque a individualidade busca a auto-expressão, a cada alento. Estar livre do egotismo significa uma completa revolução do pensar. Como pode um indivíduo permanecer neste mundo, depois dessa reviravolta mental ?

K r i s h n a m u r t i : Porque desejamos permanecer no mundo, neste mundo tão atroz, ignorante e luxurioso ? Temos de viver nêle, mas a existência só se torna penosa quando pertencemos a êle. Quando somos ambiciosos, quando há inimizade, quando os valores dos sentidos adquirem suma importância, estamos então perdidos e o mundo nos prende. Não poderemos viver sem ganância no meio de gananciosos, contentando-nos com pouco ? Não poderemos viver saudàvelmente entre enfermos ? O mundo não está separado de nós, pois nós somos o mundo; nós o fizemos tal como êle é. A sua mundanidade êle adquiriu por nossa causa, e para o deixarmos, urge alijarmos a mundanidade. Só assim podemos viver com o mundo, sem ser do mundo.

A isenção de desejo sexual e de ambições não tem significação alguma sem o amor. A castidade não é produto do intelecto; quando a mente planeja ser casta, já não é casta. Só o amor é casto. Sem o amor, a mera condição de estar livre da luxúria é estéril e é a causa de lutas e sofrimentos sem fim.

Outrossim, o desejo de estar livre da ambição é um conflito dentro do padrão da dualidade. Se, nesse padrão, vos exercitastes para não serdes ambiciosos, estais ainda entre opostos e, por isso, sem liberdade. Substituístes apenas um rótulo por outro e o conflito continua, portanto. Não é possível experimentarmos diretamente aquêle estado fora do padrão da dualidade ? Não pensemos em têrmos de vir a ser, que indicam conflito entre opostos. "Eu sou isso e quero tornar-me aquilo" tem apenas o efeito de fortalecer o conflito e insensibilizar a mente-coração. Estamos habituados a pensar em têrmos de futuro, de ser e vir a ser. Não é possível estarmos cônscios do que "é" ? Quando percebemos, pensando e sentindo, o que "é", abstendo-nos de comparações e juízos, naquela integração completa do pensante e do pensamento, transforma-se, então, inteiramente, aquilo que "é". Mas nunca se pode verificar tal transformação, dentro do campo da dualidade. Devemos de estar cônscios (não : "pôr-nos cônscios") da

ambição. Cônscios dela, percebemos tudo o que ela encerra; isso é que é importante, e não a simples análise intelectual da causa e efeito da ambição. Cônscios da ambição, percebemos a sua positividade, sua crueldade na competição, seus prazeres e dores; percebemos igualmente os seus efeitos na sociedade e na vida de relação; sua moralidade, ou, melhor, amoralidade social e comercial; suas sutis e ocultas tendências, causadoras de disputas. A ambição gera a inveja e a malevolência, o poder de dominar e de oprimir. Conhecei a vós mesmos, tais como sois, e o mundo que haveis criado e, sem cuidardes de reprovar nem de justificar, ficai silentemente cônscios de vosso sentimento de ambição.

Quando estais silentemente cônscios, o pensante e o pensamento, como já explicamos, são um só: não estão separados um do outro : são indivisíveis. É só então que ocorre uma transformação completa da ambição. A maioria de nós, entretanto, se alguma vez estamos cônscios, só percebemos a causa e o efeito da ambição e infelizmente paramos aí; mas, se observássemos mais de perto êsse processo de escolha, logo o abandonaríamos, porquanto o conflito não produz entendimento. Abandonando-o, dar-se-ia a integração do pensante e seu pensamento. Assim como as qualidades não podem separar-se da

"pessoa", assim também não pode o pensante separar-se de seu pensamento. Nessa integração ocorre uma transformação completa do pensante. Essa tarefa é árdua, exigindo flexibilidade vigilante e percepção imparcial. A meditação procede do pensar correto, e o pensar correto do autoconhecimento. Sem autoconhecimento não há compreensão.

Pergunta: No meu entender, afirmais que o estado de potência criadora é uma embriaguez difícil de deixar. Entretanto, falais freqüentemente da pessoa que cria. Quem é ela, senão o artista, o poeta, o arquiteto?

Krishnamurti: O artista, o poeta, o arquiteto é necessàriamente criador? Êle não é também lascivo, mundano, ansioso de prosperidade? Não está, assim, contribuindo para o caos e as misérias do mundo? Não é responsável pelas suas catástrofes e sofrimentos? Êle o é, quando ambiciona a fama, quando é invejoso, quando é mundano; quando os seus valores são dos sentidos; quando é apaixonado. A circunstância de possuir um certo talento faz o artista criador?

Criar é coisa infinitamente superior à mera capacidade de expressão. A simples expressão de efeito feliz, e os aplausos que suscita, não representam, por certo, manifestações da ativi-

dade criadora. Prosperar, neste mundo, significa ser dêste mundo — o mundo da opressão, da crueldade, da ignorância e da malevolência. Não o achais? A ambição produz resultados, sem dúvida, mas não acarreta infelicidade e confusão, tanto para o que a realiza como para seu semelhante? O cientista, o arquiteto, podem haver trazido certos benefícios, mas não é certo que têm também trazido destruições e desgraças inenarráveis? É criar, isso? É criar, atiçar o homem contra o homem, como o fazem os políticos, os governantes, os sacerdotes?

A potência criadora surge quando estamos livres da servidão do anseio, com o seu conflito e seus pesares. Pelo abandono do "eu", com sua positividade e crueldade, com suas lutas incessantes por vir a ser, surge a Realidade criadora. Na beleza de um pôr de sol ou de uma noite calma, já não sentistes uma alegria intensa e criadora? Num momento dêsses, estando o "eu" temporàriamente ausente, ficais suscetíveis, abertos à Realidade. Essa é uma ocorrência rara, não buscada, independente de nossa vontade, mas o "ego", havendo-a provado uma vez, em tôda a sua intensidade, quer continuar a deleitar-se com ela, e por isso começa o conflito.

Todos nós temos conhecido momentos de ausência do "eu", sentindo, em tais momentos, o extraordinário êxtase de criar, mas, em vez dês-

ses instantes raros e fortuitos, não será possível efetivarmos o verdadeiro estado no qual a Realidade é o eterno ser ? Se buscais com diligência aquêle êxtase, poderão, dessa atividade do "ego", advir certos resultados, que não serão, entretanto, aquêle estado que nos vem com o pensar e a meditação corretos. As tendências sutis do "ego" devem ser conhecidas e compreendidas, porquanto com o autoconhecimento vem o pensar e a meditação corretos.

O pensar justo vem no fluir constante da autovigilância, vigilância tanto das ações mundanas como das atividades meditativas. A potência de criar e o êxtase que a acompanha surgem na liberdade, no estar livre do anseio. E isso é virtude.

P e r g u n t a : Nestes últimos anos pareceis concentrar-vos, cada vez mais, no desenvolvimento do correto pensar. Anteriormente, costumáveis falar mais a respeito de estados místicos. Estais evitando deliberadamente êste ponto, agora ?

K r i s h n a m u r t i : Não é necessário estabelecer-se a base adequada para a verdadeira compreensão ? Sem o pensar correto não é ilusória a nossa compreensão ? Se desejardes uma casa bem construída e durável, não é necessário assentá-la em alicerces sólidos e adequa-

dos ? Compreender é relativamente fácil e, conforme o seu condicionamento, assim compreende cada um. Compreendemos em conformidade com as nossas crenças e ideais, mas essa compreensão traz-nos libertação ? Já não notastes que nossa compreensão é ditada pelas tradições e crenças ? — A tradição e a crença, pois, determinam a nossa compreensão, mas, para compreendermos a Realidade, que não se prende a nenhuma tradição ou ideologia, não é necessário que o pensamento ultrapasse o próprio condicionamento ? A Realidade não é o incriado? Não deve, pois, a mente desistir de criar, de formular, para que possa compreender o Incriado ? Não deve a mente-coração ficar absolutamente quieta e silenciosa para conhecer o Real ?

Assim como um sentimento pode ser falsamente interpretado, assim também é possível darmos a qualquer sentimento a aparência de Realidade. A tradução depende do intérprete e se êste fôr influenciado por preconceitos, se fôr ignorante, se tiver sido moldado por um padrão de pensamento, a sua compreensão corresponderá a êsse condicionamento. Se fôr o que se chama religioso, compreenderá de acôrdo com sua tradição e crença; se fôr irreligioso, a compreensão se moldará de acôrdo com seu caráter. A capacidade de um instrumento depende do pró-

prio instrumento; a mente-coração deve fazer-se capaz. Ela é capaz de conhecer o Real, ou de criar ilusões para si própria. Compreender o Real é muito difícil, porquanto requer flexibilidade ilimitada e tranqüilidade profunda. Essa flexibilidade, essa tranqüilidade, não são resultado do desejo nem de ato de vontade, porquanto o desejo e a vontade procedem do anseio, sendo êste o impulso dualista de ser e de não ser. A flexibilidade e a tranqüilidade não dimanam do conflito; elas surgem com a compreensão e esta vem com o autoconhecimento.

Sem autoconhecimento, viveis sempre num estado de contradição e incerteza; sem autoconhecimento não tem base o que pensais e sentis; sem autoconhecimento não é possível o esclarecimento. Vós sois o mundo, o próximo, o amigo, o dito inimigo. Se desejais compreender, deveis de compreender em primeiro lugar a vós mesmos, porque em vós se acha a raiz de tôda a compreensão. Em vós está o comêço e o fim. Para compreender entidade tão vasta e complexa, deve a mente-coração ser singela.

Para compreender o passado, precisa a mente-coração de estar cônscia de suas próprias atividades no presente, porque sòmente pelo presente pode ser compreendido o passado, mas não compreendereis o presente enquanto estiverdes identificado com o "ego".

Assim, pois, pelo presente revela-se o passado; pela percepção imediata são revelados e compreendidos os numerosos estratos ocultos da consciência. É, pois, a vigilância constante que nos dá autoconhecimento profundo e vasto.

IV

Pode o indivíduo, que é responsável pelos conflitos e misérias em si mesmo existentes e, portanto, existentes também no mundo, consentir que seja a sua mente-coração embotada por filosofias e idéias falsas ? Se vós, que tendes criado essa luta e sofrimento, não vos modificardes fundamentalmente, poderão os sistemas, as conferências, os planos, promover a ordem e a boa-vontade ? Não é imperioso que vos transformeis, porquanto assim como sois o mundo é? Vossos conflitos interiores se traduzem por desastres exteriores. Vosso problema é o problema do mundo, e só vós o podeis resolver, não outrem; não podeis confiar a outros a solução. O político, o economista, o reformador, é, tal como vós, oportunista, ideador de planos engenhosos; mas o nosso problema — êsses conflitos e misérias humanos, essa existência vã, causadora de tantos desastres e angústias — reclama algo mais do que expedientes engenhosos, do que reformas superficiais de políticos e propagandistas. Requer-se uma mudança radical da mente humana, e pessoa alguma pode levar a

efeito essa transformação, senão vós mesmos. Porque, conforme sois, assim é o vosso grupo, vossa sociedade, vosso chefe; sem vós, o mundo não existe; em vós está o comêço e o fim de tôdas as coisas. Nenhum grupo, nenhum chefe pode estabelecer o valor eterno : só vós o podeis.

São inevitáveis catástrofes e misérias, quando os valores temporais e sensuais prevalecem sôbre o valor eterno. O valor permanente e eterno não é produto da crença : vossa crença em Deus não significa que conheçais o valor eterno; só a maneira como viverdes vô-lo mostrará na sua realidade. A opressão e a exploração, a agressividade e a crueldade econômicas resultam inevitàvelmente da perda da Realidade. Vós a tendes perdido quando, professando amor a Deus, abonais e justificais o homicídio, quando justificais o assassínio em massa, em nome da paz e da liberdade. Enquanto atribuirdes importância suprema aos valores dos sentidos, haverá conflito, confusão e sofrimento. O matar a outrem jamais pode justificar-se, e perdemos de vista o imenso significado do homem, quando deixamos preponderar os valores materiais.

Teremos misérias e tribulações enquanto a religião estiver organizada como parte do Estado, como ancila do Estado. Ela ajuda a justificar a fôrça organizada como norma do Es-

tado, alimentando por essa maneira a opressão, a ignorância e a intolerância. Como pode a religião aliada ao Estado preencher a sua verdadeira e única função de revelar e conservar o valor eterno? Quando está perdida a Realidade e não queremos achá-la, impera a desunião e o homem está contra o homem. A confusão e a miséria não podem ser banidas pelo processo esquecediço do tempo, pela idéia confortante da revolução, que engendra tão sòmente indolência, aceitação ostensiva e tendência contínua para a catástrofe; não devemos permitir que o curso de nossas vidas seja orientado por outros, para outros, ou em benefício do futuro. Somos nós mesmos os responsáveis pelas nossas vidas, não outra pessoa; somos responsáveis pela nossa conduta, não outro; não será outro que nos poderá transformar. Cumpre que cada um descubra e sinta em si a Realidade, porquanto só aí se encontra a alegria, a serenidade e a sabedoria suprema.

Mas de que maneira alcançaremos êsse estado — mediante modificação das circunstâncias externas, ou mediante transformação interior? A modificação exterior implica contrôle do ambiente, mediante legislação, mediante reforma econômica e social, mediante conhecimento dos fatos e instável melhoramento, quer violento, quer gradual. Mas, poderá a modificação das

circunstâncias externas produzir uma radical transformação interior? Não é necessária, em primeiro lugar, a transformação interior para que se tenha um resultado exterior? Podeis, mediante a legislação, coibir a ambição, porque a ambição origina crueldade, egoísmo, competição e conflito, mas pode a ambição ser erradicada pela ação exterior? Não irá ela, reprimida por um lado, afirmar-se por outro? O móvel interior, o pensamento-sentimento privativo não determina sempre o ambiente exterior? Para se conseguir uma transformação externa pacífica, não seria necessário verificar-se, primeiramente, uma profunda mudança psicológica? Pode o exterior, por agradável que seja, proporcionar satisfação duradoura? O anseio interior está sempre a modificar o ambiente exterior. Psicològicamente, conforme sois, assim é vossa sociedade, vosso Estado, vossa religião; se sois lascivos, invejosos, ignorantes, vosso ambiente é o que sois. Nós criamos o mundo em que vivemos. Para se efetuar uma modificação radical e pacífica é necessário que haja transformação interior, voluntária e inteligente; esta mudança psicológica não se consegue certamente pela compulsão, e se o fôr, haverá conflito e confusão interiores, de tal ordem que mais uma vez precipitarão a sociedade no desastre. A regeneração interior deve

de ser voluntária, inteligente, sem compulsão. Devemos primeiramente procurar a Realidade e só então poderá haver paz e ordem em derredor de nós.

Quando nos aplicamos ao problema da existência, partindo do exterior, entra imediatamente a funcionar o processo dualista; na dualidade há conflito incessante e tal conflito sòmente insensibiliza a mente-coração. Quando nos aplicamos ao problema da existência, partindo do interior, desaparece a divisão entre o "interior" e o "exterior"; desaparece, porque o interior é o exterior, porque o pensante e seus pensamentos são um só, um todo inseparável. Mas, errôneamente, separamos o pensamento do pensante e, ocupando-nos só da parte, procuramos educá-la e modificá-la, esperando com isso transformar o todo. Torna-se, pois, a parte cada vez mais dividida e existe, assim, cada vez mais conflito. Devemos, por conseqüência, interessarnos pelo pensante, interiormente, e não pela modificação da parte, que é o seu pensamento.

Mas, infelizmente, a maioria de nós está colhida entre a incerteza do exterior e a incerteza do interior. É essa incerteza que devemos compreender. É a incerteza dos valores que produz conflito, confusão e sofrimento, impedindo-nos de seguir um curso claro de ação, quer exterior, quer interior. Se seguíssemos o

exterior com plena percepção, notando o seu integral significado, êsse curso nos conduziria, inevitàvelmente, ao "interior", mas, infelizmente, perdemo-nos no exterior, porque não somos suficientemente flexíveis na investigação de nós mesmos. Se examinardes os valores dos sentidos, pelos quais são dominados os vossos pensamentos-sentimentos, e tomardes conhecimento dêles, imparcialmente, vereis clarificar-se o "interior". Essa descoberta trará a liberdade e a alegria criadora. Mas, não pode outra pessoa fazer por vós essa descoberta e adquirir para vós o esclarecimento que ela traz. Ficará saciada a vossa fome, se observardes outra pessoa comer ? Pela vossa própria autovigilância cumpre desperteis para a percepção dos valores falsos e a descoberta do valor eterno. Só poderá haver uma radical transformação interior e exterior quando o pensamento-sentimento se desenlear dos valores sensuais geradores de conflito e sofrimento.

Pergunta: Nas verdadeiras e grandes criações da arte, da poesia, da música, está expresso e transmitido algo indescritível, que parece espelhar a Realidade, a Verdade, ou Deus. Observa-se, todavia, que, na vida privada, os criadores de tais obras, pela maior parte, jamais conseguiram desvencilhar-se do círculo

vicioso do conflito. Como explicar o fato de um indivíduo que não se libertou ser capaz de criar algo em que se transcende o conflito dos opostos? Ou, invertendo a pergunta, não sois forçado a concluir que a atividade criadora nasce do conflito?

Krishnamurti: É necessário conflito para que haja atividade criadora? Que quer dizer conflito? Desejamos ser, positiva ou negativamente. Êsse constante desejar gera o conflito. Consideramos inevitável êsse conflito, consideramo-lo quase virtuoso; julgamo-lo essencial à evolução humana.

Que acontece quando vos achais em conflito? Pelo conflito, fatiga-se, embota-se, insensibiliza-se a mente-coração. O conflito fortalece os recursos da autoproteção; o conflito é a substância em que se nutre e prospera o "ego". Pela sua natureza intrínseca, o "ego" é a causa de todo conflito, e onde existe o "ego", não existe a criação.

É necessário conflito para que haja a capacidade de criar? Quando sentimos êsse pujante êxtase criador? Só depois de cessar todo conflito, só na ausência do "ego", só na tranqüilidade completa. Não é possível sentir-se essa tranqüilidade, quando a mente-coração está agitada, em conflito. Essa condição só serve

para fortalecer o egotismo. Como, em regra, vivemos num estado de constante luta interior, raramente fruímos tais momentos de elevada sensibilidade ou tranqüilidade, e quando êles ocorrem, são fortuitos. Procuramos, pois, recaptar êsses esporádicos momentos, do que resulta gravarmos mais ainda a mente-coração, com o passado morto.

O poeta, o artista não passa pelo mesmo processo que nós? Êle é quiçá mais sensível, mais vigilante e, por isso, mais acessível, mais aberto, mas não há dúvida que, também êle, só conhece a potência de criar em momentos de negação do "ego", em momentos de olvido do "ego", de completa tranqüilidade. A seguir, procura expressar no mármore ou na música o que sentiu. Mas, não é quando queremos expressar o que sentimos, não é no aprimoramento do verbo, que surge o conflito, e não no momento de sentirmos? Só pode haver criação quando está tranqüila a mente-coração, e não quando se debate nas malhas do vir a ser. A passividade aberta à Realidade não é resultado do anseio, com sua vontade e seu conflito.

Como todos nós, tem o artista momentos de tranqüilidade, em que conhece a criação; depois êle a expressa na pintura, na música, na forma. Assume, então, para êle, grande valor a sua expressão, porque *êle* a pintou, porque é *sua*

obra. A ambição, a fama, revestem-se de importância, e ei-lo colhido numa luta incessante e estúpida. Por êsse modo, contribui também êle para as misérias do mundo — a inveja e o homicídio, a paixão e a malevolência. Fica perdido nessa luta, e quanto mais perdido estiver, tanto mais se retrai a sua sensibilidade, a sua acessibilidade à verdade. Os seus conflitos mundanos lhe turvam a claridade radiosa do estado criador, ainda que a capacidade técnica lhe permita prosseguir expressando as suas visões vãs e cada vez mais grosseiras.

Mas, nós não somos grandes artistas, nem grandes músicos ou poetas. Não possuímos dotes nem talentos especiais. Não podemos expandir-nos nem no mármore, nem na pintura, nem nas flores de retórica. Vivendo entre conflitos e sofrimentos, temos nós, também, ocasionalmente, visões momentâneas da imensidão da verdade. Esquecemo-nos, então, momentâneamente, de nós mesmos, mas logo estamos de regresso ao tumulto cotidiano, que insensibiliza e endurece a mente-coração. Nossa mente-coração jamais tem tranqüilidade; quando a tem, é a quietude do cansaço, que não é a quietude da compreensão, da sabedoria. Êsse vazio criador, expectante, não é produzido pela vontade nem pelo desejo; êle vem por si, depois de cessar o conflito do "ego".

Só há têrmo ao conflito quando se opera uma revolução completa dos valores, e não uma simples substituição. Pela auto-observação, tão sòmente, pode a mente-coração libertar-se de todos os valores; êsse transcender de todos os valores não é coisa fácil, não é adquirível pela prática, mas, sim, pelo aprofundar da percepção. Não é um dom, um talento que poucos possuem: está ao alcance de todos os que forem diligentes e ardorosos o conhecer a Realidade criadora.

Pergunta: O presente é uma tragédia horrorosa e sem atenuante. Porque repetis sempre que no presente está o Eterno?

Krishnamurti: O presente é conflito e sofrimento, com um lampejo ocasional de fugaz alegria. O presente se entretece com o passado e o futuro, num vaivém incessante, e por isso está o presente em constante agitação. O presente é o resultado do passado, nosso ser se funda nêle. Como podeis compreender o passado, a não ser pelo seu resultado, o presente? Não podeis penetrar o passado com nenhum outro instrumento, a não ser o que possuís, isto é, o presente. O presente é a porta do passado, e, se o quiserdes, também do futuro. O que sois é o resultado do passado, e para compreenderdes o dia de ontem, deveis partir do de hoje. Para compreenderdes a vós

mesmos, deveis partir de vós mesmos, como hoje sois.

Sem a compreensão do presente, cujas raízes se cravam no passado, não tereis compreensão alguma. As misérias atuais do homem serão compreendidas quando, pela porta do presente, fôr êle capaz de perceber as causas que as produzem. Não podeis pôr à margem o presente, quando quiserdes compreender o passado, pois é sòmente pelo conhecimento do presente que o passado se nos revela. O presente é trágico e cruento; certamente, não é negando-o, nem justificando-o que o compreenderemos. Temos de o encarar tal como é e descobrir as causas responsáveis por êste presente. Segundo a maneira como considerais o presente, segundo a maneira em que vossa mente lhe está condicionada, revelar-se-vos-à o processo do passado; se sois portadores de preconceitos, se sois nacionalistas, rancorosos — o que quer que sejais, agora, perverterá a vossa compreensão do passado; vossa paixão, vossa malevolência e ignorância, o que agora sois, corromper-vos-á a compreensão das causas que conduziram ao presente. Quando vos compreenderdes como agora sois, abrir-se-à o rôlo do passado.

É o presente da máxima importância; o presente, por trágico e doloroso que seja, é a única porta para a Realidade. O futuro é a continua-

ção do passado, através do presente. Quando se compreende o presente, transforma-se o futuro. O presente é a única ocasião propícia à compreensão, porquanto êle se estende para o passado e para o futuro. O presente é o tempo integral; na semente do presente está o passado e o futuro; o passado é o presente, e o futuro é o presente. O presente é o Eterno, o Atemporal. Mas consideramos o presente, o agora, como uma passagem para o passado ou para o futuro; no processo de vir a ser, o presente é um como meio para alcançar um fim, perdendo com isso a sua imensa significação. O vir a ser cria a continuidade, a perenidade, mas não é o Atemporal, o Eterno. O anseio de vir a ser tece o padrão do tempo. Já não observastes, em momentos de grande enlêvo, a cessação do tempo — quando não há passado nem futuro, mas uma percepção intensa, um presente independente do tempo ? Depois de conhecer um tal estado, retoma a cupidez as suas atividades, recriando o tempo — recordando, revivendo, estendendo as vistas para o futuro, no desejo de voltar a sentir aquêle enlêvo, reordenando o padrão do tempo a fim de captar o Atemporal. É assim que a cobiça, o vir a ser, retém o pensamento-sentimento cativo do tempo.

Estai, pois, cônscios do presente, quer triste, quer agradável; êle se desdobrará, então,

como um processo temporal e, se fôr capaz o pensamento-sentimento de seguir as suas tendências sutis e erradias, e de transcendê-las, essa própria percepção extensiva será o presente eterno, atemporal. Dai atenção ao presente, sòmente; não vos preocupeis do passado nem do futuro — porque o amor é o presente, o Eterno.

Pergunta: *Condenais a guerra, mas não a estais sustentando?*

Krishnamurti: Não estamos todos nós mantendo êsse horrendo morticínio? Somos responsáveis, todos nós, pela guerra; a guerra é um resultado de nosso viver cotidiano; ela é trazida à existência pelo nosso pensar-sentir-agir de cada dia. O que somos, em nossas relações profissionais, sociais e religiosas, projetamo-lo no mundo. O que somos, o mundo é.

A menos que compreendamos os problemas primários e secundários, relativos à origem da guerra, ver-nos-emos em confusão e incapazes de nos livrarmos dêsse desastre. Devemos saber a qual dêles atribuir a principal importância, pois só assim seremos capazes de compreender a causa da guerra. O fim inevitável da sociedade atual é a guerra; ela está apetrechada para a guerra; a sua industrialização conduz à

guerra; os seus valores promovem a guerra. O que quer que façamos, dentro de suas fronteiras, contribui para a guerra. Quando compramos alguma coisa, o impôsto que pagamos vai para a guerra; os selos do correio ajudam a sustentar a guerra. Não podemos escapar à guerra, para onde quer que vamos, principalmente na atualidade, em que a sociedade está organizada para a guerra total. O trabalho mais simples e inocente contribui de uma ou de outra maneira para a guerra. Quer nos agrade, quer não, com o nosso próprio existir estamos ajudando a manter a guerra. Que cumpre então fazer? Não nos podemos retirar para uma ilha ou para uma comunidade primitiva, porque a civilização atual é ubíqua. Que fazer, então? Recusar-nos a sustentar a guerra, abstendo-nos do pagamento de impostos, da compra de selos postais? É essa a coisa mais importante? Se o não é, se é apenas secundária, não nos deixemos confundir por ela.

Não é muito mais profundo o problema principal, o de compreender a verdadeira causa da guerra? Compreendendo a causa da guerra, poderemos ocupar-nos dos problemas secundários, de um ponto de vista inteiramente diferente; se, porém, não a compreendermos, ficaremos perdidos nela. Se pudermos libertar-nos das

causas da guerra, talvez então nem se apresente de modo algum o problema secundário.

Assim, pois, o que importa, em primeiro lugar, é o descobrimento, dentro de nós mesmos, da causa da guerra; essa descoberta deve ser feita por cada um, individualmente, e não por um grupo organizado, porquanto as atividades coletivas tendem para a anulação do pensar, para a mera propaganda e subordinação a "divisas", do que provém mais intolerância e mais lutas. A causa tem de ser descoberta pelo próprio indivíduo e poderá, assim, cada um, pela percepção direta, libertar-se dela.

Meditando profundamente, ficaremos bem cônscios das causas da guerra: a paixão, a malevolência e a ignorância; a sensualidade, a mundanidade e o anseio de fama e continuidade pessoal; a cupidez, a inveja e a ambição; o nacionalismo, com suas soberanias separadas, suas fronteiras econômicas, divisões sociais, preconceitos raciais e religião organizada. Não pode cada um tomar conhecimento da própria cupidez, malevolência, ignorância, libertando-se, assim, delas ? Apegamo-nos ao nacionalismo, porque representa uma válvula para os nossos instintos cruéis e criminosos; em nome de nossa pátria ou ideologia, é-nos permitido matar e destruir impunemente, tornar-nos heróis — e quantos mais matarmos de nossos seme-

lhantes, maiores homenagens nos serão tributadas pela pátria.

Ora, não é a libertação da causa do conflito e do sofrimento o problema primário ? Se não atribuirmos a principal importância a êsse problema, de que maneira poderá a solução dos problemas secundários pôr côbro à guerra ? Se não desarraigarmos de nós mesmos as causas da guerra, de que vale corrigir os resultados exteriores de nosso estado interior ? Deve cada um de nós penetrar profundamente em si mesmo e afastar a lascívia, a malevolência e a ignorância; abandonar completamente o nacionalismo, o racismo e tôdas as causas da inimizade entre os homens. Devemos ocupar-nos inteiramente com o problema precípuo sem nos deixarmos confundir pelas questões secundárias.

Pergunta: Sois muito desalentador. Preciso de inspiração para prosseguir a minha caminhada. Vós não nos animais com palavras de estímulo e esperança. É errôneo procurar inspiração ?

Krishnamurti: Porque desejais ser inspirado ? Não é porque, em vós mesmos, vos sentis vazio, estéril, solitário ? Desejais preencher essa solidão, êsse vazio doloroso; já deveis ter tentado várias maneiras de o

preencher e vindes aqui com a esperança de mais uma vez fugirdes a êle. Êsse processo de encobrir a árida solidão é chamado inspiração. Torna-se, pois, a inspiração mero estímulo e, como todo estímulo, não tarda a trazer a sua peculiar insipidez e insensibilidade. Passamos de uma inspiração, de um estímulo para outro, portador cada um de sua desilusão e fastio; perde, assim, a mente-coração a flexibilidade, a sensibilidade; nesse constante processo de distender e afrouxar, perde-se, por fim, a capacidade interior de tensão. A tensão é necessária para o descobrimento, mas uma tensão que requer relaxação ou estímulo não tarda a perder a capacidade de renovar-se, a flexibilidade, a capacidade de vigilância. Essa flexibilidade vigilante não pode ser induzida do exterior; ela aparece, quando não depende de estímulo nem de inspiração.

Não são todos os estímulos similares em seus efeitos? Quer tomeis álcool ou sejais estimulado por um quadro, por uma idéia, quer assistais a um concêrto ou a uma cerimônia religiosa, quer vos entusiasmeis diante de uma ação embora nobre ou ignóbil — tudo isso não é de efeito insensibilizante para a mente-coração? Uma cólera justa — que é uma coisa absurda — por mais estimulante e inspiradora que seja, concorre para insensibilizar-nos; e

não é necessário o mais alto grau de inteligência, de sensibilidade, de receptividade, para a experiência da Realidade ? O desejo de estímulo engendra a dependência, e a dependência, quer digna, quer indigna, gera o temor. É relativamente sem importância a maneira em que recebemos estímulo ou inspiração — seja pela religião organizada, pela atividade política, ou pela distração — o resultado será sempre o mesmo : a insensibilidade, causada pelo temor e a dependência.

As distrações tornam-se estímulos. Nossa sociedade é propícia à distração, sob tôdas as formas. Nosso próprio pensamento-sentimento já se tornou um processo de afastamento do centro, de afastamento da Realidade. É por isso extremamente difícil abster-nos de tôdas as distrações, porquanto já nos tornamos quase incapazes de ficar imparcialmente cônscios do que "é". Surge, assim, o conflito, para distrair ainda mais o pensamento-sentimento, e êste só pode desvencilhar-se das malhas das distrações pela vigilância constante.

Além do mais, quem poderá dar-vos ânimo, coragem e esperança ? Se dependemos de outro, por grande e nobre que seja, estamos totalmente perdidos, porquanto a dependência implica posse, que encerra infindáveis lutas e penares. A alegria e a felicidade não são fins em

si; são elas, como a coragem e a esperança, elementos acessórios na busca de algo que representa um fim em si. É êsse fim que deve ser demandado, paciente e diligentemente, pois só com o seu descobrimento cessará a nossa agitação e o nosso penar. A jornada que nos conduz a êsse descobrimento é através de nós mesmos; qualquer outro caminho que trilharmos é distração, que nos levará à ignorância e à ilusão. A jornada interior não deve ser empreendida com a mira num resultado, numa solução do conflito e sofrimento; porque essa busca é, em si mesma, devoção, inspiração. Êsse jornadear já é, êle próprio, um processo revelador, uma experiência constantemente liberadora e criadora. Já não notastes que a inspiração chega quando a não procuramos? Chega depois de cessar tôda a expectativa, quando tranqüila a mente-coração. Quando procuramos alguma coisa, essa coisa é um objetivo estabelcido por nós, por nós mesmos criado, não sendo, portanto, o Real.

P e r g u n t a : *Afirmais que a vida e a morte são uma só coisa. Tende a bondade de desenvolver essa espantosa asserção.*

K r i s h n a m u r t i : Conhecemos o nascimento e a morte, o existir e o não-existir; estamos cônscios dêsse conflito entre opostos: o desejo de viver, de perdurar, e o temor da

morte, de não perdurar. A nossa vida está encerrada no padrão do ser e do não ser. Podemos ter teorias e credos, e sentir de acôrdo com êles, mas essas coisas estão ainda no campo da dualidade, do nascimento e da morte.

Pensamos e sentimos em têrmos de tempo, de viver, de vir a ser, ou de não vir a ser, ou de morte, ou do prolongamento dêsse vir a ser para além da morte. O pensamento-sentimento move-se do conhecido para o conhecido, do passado para o presente, para o futuro; se há temor do futuro, apega-se ao passado ou ao presente. Somos prisioneiros do tempo, e como poderemos, nós que pensamos em têrmos de tempo, conhecer a Realidade Eterna, na qual a vida e a morte são uma só coisa?

Já não experimentastes, em momentos de grande intensidade, a cessação do tempo? Tal cessação é-nos em geral imposta; ela é acidental, mas, na expectativa do prazer que proporciona, desejamos experimentá-la de novo. E ficamos, assim, mais uma vez, prisioneiros do tempo. Não é possível desistir a mente-coração de formular, e ficar em absoluta quietude, em vez de ser forçada à quietude por um ato de vontade? A vontade e a determinação estão ligadas à nossa própria continuidade e, portanto, dentro do âmbito do tempo. A determinação de ser, a vontade de vir a ser, não denotam o

nosso desejo de autocrescimento, implicando, por conseguinte, o tempo, e daí o temor da morte?

Assim como um tronco de árvore morta, no meio de um rio, acumula destroços flutuantes, assim também nós acumulamos, apegando-nos às coisas que acumulamos; ficamos, dessarte, separados da corrente imortal da vida. Ficamos sentados nesse tronco morto, que representa tudo quanto acumulamos, a meditar sôbre a vida e a morte; não largamos êsse perene acumular, para imergirmos nas águas da vida. Para estarmos livres da acumulação requer-se profundo conhecimento de nós mesmos, e não o conhecimento superficial das poucas camadas claras de nossa consciência. O descobrir e conhecer tôdas as camadas de nossa consciência é o comêço da verdadeira meditação. Na tranqüilidade da mente-coração reside a sabedoria e a Realidade.

A Realidade é algo que devemos sentir, e não um objeto de especulação. Mas só poderemos senti-la depois de a mente-coração haver cessado de acumular. A mente-coração não deixa de acumular, pela simples negativa ou determinação, mas sòmente pela autovigilância; pelo autoconhecimento, descobre-se a causa da acumulação. Só é possível sentir a Realidade depois de cessar o conflito dos opostos. Só o

pensar correto, resultante do autoconhecimento e da meditação correta, pode efetivar a unidade da vida e da morte. É sòmente morrendo em cada dia, que haverá a renovação eterna.

É difícil morrer por essa maneira, se estais no movimento do vir a ser, se estais acumulando, sentados no tôco morto das vossas acumulações. Cumpre abandoná-lo e mergulhar nas águas eternas da vida; cumpre morrerdes cada dia para o que houverdes acumulado em cada dia, morrer tanto para as coisas agradáveis como para as desagradáveis. Costumamos agarrar-nos ao que nos agrada e soltar o que nos desagrada; é assim que fortalecemos o desejo de satisfação e conhecemos a morte. Sem buscarmos recompensas, abandonemos tudo quanto acumulamos, pois só então pode haver imortalidade. Só então não está a vida oposta à morte, e nem a morte nos ensombra a vida.

V

Nesta manhã só pretendo responder a perguntas. As minhas respostas e palestras pouca valia terão se permanecerem no nível das palavras. Buscamos, em geral, estímulos e, por várias maneiras, os encontramos, mas não tardam êles a gastar-se. Só a percepção conserva a mente-coração flexível e alertada, mas essa percepção está além e acima da satisfação e do estímulo intelectual e sentimental. O sentimento torna a razão flexível, e é essa flexibilidade da razão, aliada à intensidade do sentimento, que produz a percepção. É a percepção, corretamente compreendida, que transforma.

Sempre houve, em todos os tempos, necessidade de uma transformação, e sobretudo atualmente, há necessidade de uma transformação resultante de nosso contacto com a realidade viva. É essencial essa transformação, num mundo que se tornou totalmente desapiedado, um mundo cujos valores são predominantemente sensuais, um mundo corrupto na sua degradação. Sem sentirmos o eterno, profunda e amplamente, nenhuma solução encontraremos para

os nossos problemas; qualquer resposta, que não a do Real, acrescerá apenas o nosso fardo e o nosso sofrimento. Para essa "experiência", êsse contacto com a Realidade, deve o indivíduo estar só, independente de autoridade, de organização, seja religiosa ou profana, porquanto a dependência, de qualquer espécie que seja, cria a incerteza e o temor, vedando a percepção do Real. No mundo exterior não existe esperança, não existe clareza nem compreensão criadora e renovadora; existem sòmente choques sangrentos, e confusão, e desastres cada vez maiores. Só no nosso interior existe a compreensão, e essa compreensão cumpre ser descoberta, mas não pelo exemplo, nem pela autoridade. Pela autovigilância e pelo autoconhecimento, tão sòmente, é que surgirá a tranqüilidade e a sabedoria. Não tereis tranqüilidade se seguirdes a outrem; não tereis a paz, se fordes mundanos; não tereis a compreensão, se vos conservardes ignorantes de vós mesmos. Pela observação tranqüila do exterior, e pela observação objetiva dos sucessos da vida, sereis, inevitàvelmente, forçados à percepção do interior, do subjetivo; com a compreensão do interior, de vós mesmos, tornar-se-á claro e significativo o ambiente externo. O exterior, considerado isoladamente, nenhuma significação tem; só a tem, quando em relação com o interior. Para perce-

ber e compreender o interior deveis de estar preparados para a solidão; deveis de resistir à fôrça persuasiva do exterior, à sua lógica sutil e falaz.

P e r g u n t a : *Dissestes, no domingo passado, que cada um de nós é responsável por estas guerras terríveis. Somos igualmente responsáveis pelas abomináveis torturas dos campos de concentração e pelo extermínio deliberado de um povo da Europa Central?*

K r i s h n a m u r t i : Não está bem evidente que cada um de nós é responsável pela guerra? As guerras não resultam de causas desconhecidas: elas têm origem bem determinada, e aquêles que desejarem desvencilhar-se dessa loucura periódica, chamada guerra, devem de averiguar essas causas e libertar-se delas. A guerra é uma das maiores calamidades que poderiam afligir o homem, que é capaz de sentir o Real. Deve o homem aplicar-se com interêsse à eliminação, em si mesmo, da causa da guerra, em vez de se preocupar daqueles que são menos ou mais degradados e cruéis na guerra. Não nos devemos deixar levar pelas questões secundárias, mas, sim, dar-nos conta do problema primário, que é o assassínio organizado. Os aspectos secundários podem causar terror ou sêde de vingança, mas, sem se com-

preenderem as razões essenciais da guerra, não cessará nunca o conflito e o sofrimento.

Matar o semelhante é o maior dos crimes, porquanto o homem é capaz de sentir o Supremo. A guerra, a organização deliberada do assassínio, é a maior das catástrofes que o homem poderia fazer desabar sôbre si próprio, porquanto ela se faz acompanhar de desgraças, destruições, degradação e corrupção inenarráveis. Ao admitirdes um mal tão vasto, qual o assassínio organizado dos semelhantes, abris a porta a uma legião de outros desastres que lhe são subordinados. Cada um de nós é responsável pela guerra, porque cada indivíduo, consciente ou inconscientemente, cooperou para a criação das condições atuais, com a sua atitude perante a vida, com os falsos valores que deu à existência. Perdido o valor eterno, crescem de importância os transitórios valores materiais. Não há têrmo ao desejo em perene expansão. As coisas são necessárias, porém destituídas do valor eterno, e o insano desejo de posse conduz sempre a lutas e desgraças.

Quando a ânsia de possuir é estimulada por tôdas as maneiras, quando existem nacionalismo e estados soberanos, quando a religião divide, quando reinam a intolerância e a ignorância, é então inevitável a matança do semelhante. A guerra é o resultado de nossa vida

cotidiana. A paixão, a malevolência e a opressão são justificadas, quando patrióticas; matar pelo Estado, pela pátria, por uma ideologia, é considerado necessário e nobre, até. Cada um de nós aceita sem relutância essa degradante selvajaria, porque existe em cada indivíduo o desejo de fazer mal. Torna-se a guerra um meio de libertar os nossos instintos brutais e de fortalecer a irresponsabilidade. Um Estado nessas condições só pode existir quando predominam os valores dos sentidos.

Já que cada um de nós é responsável pelo caráter da atual civilização, se não tratarmos, individualmente, de nos transformar, radicalmente, de que maneira poremos têrmo a êste mundo brutal e às suas tendências ? Será responsável cada indivíduo por essas tragédias e desastres, por essas torturas e bestialidades, enquanto sentir e pensar em têrmos de nações, de grupos, ou enquanto se considerar como hinduísta ou budista, cristão ou muçulmano. Se um "estrangeiro" é morto, na Índia, por um nacionalista, por êsse assassínio sou também responsável, se sou nacionalista; mas *não* sou responsável, se não penso e sinto em têrmos de nações, de grupos ou classes, se não sou lascivo, se não sou malevolente nem mundano. Só assim nos eximimos à responsabilidade do homicídio, da tortura e da opressão.

Perdemos o sentimento de humanidade; reconhecemo-nos responsáveis sòmente perante a classe ou grupo a que pertencemos; sentimo-nos responsáveis perante um nome, um rótulo. Perdemos a compaixão, o amor ao todo, e sem essa vivificante chama da vida, volvemo-nos para os políticos, para os sacerdotes, para determinado plano econômico, para nos darem a paz e a felicidade. Em nada disso há esperança. Só no interior de cada um de nós reside a compreensão criadora, a compaixão, tão necessária para o bem-estar do homem. Os meios justos criam os fins justos; os meios errôneos só podem trazer o vazio e a morte, não a paz e a alegria.

P e r g u n t a : Sinto que não me é possível alcançar a outra margem desajudado, sem a graça de Deus. Se posso dizer "seja feita a Vossa Vontade" e nessa frase dissolver a minha personalidade, não dissolvo igualmente as minhas limitações? Se posso abandonar-me incondicionalmente, não existe então a Graça, a qual me ajuda a lançar uma ponte sôbre o abismo que me separa de Deus?

K r i s h n a m u r t i : O abandono da personalidade, do "eu", não se dá por ato de vontade; a travessia para a outra margem não é uma atividade dirigida para um fim ou ganho.

A Realidade apresenta-se na plenitude do silêncio e da sabedoria. Não podeis chamar a Realidade, ela deverá vir por si mesma; não podeis escolher a Realidade, ela é que deverá escolher-vos.

Devemos de compreender o esfôrço, a tranqüilidade incondicional, o abandono próprio; porque é sòmente pela percepção correta que advém a tranqüilidade meditativa.

Que é o esfôrço correto ? Existe compreensão do esfôrço justo, na percepção do processo de vir a ser. Enquanto se fizer esfôrço para vir a ser, existirá a dualidade, o pensante que se separa do seu pensamento. Êsse conflito dos opostos é considerado inevitável e necessário para a liberdade e o progresso. Quando o indivíduo que é ávido faz um esfôrço para tornar-se não ávido, consideramos justo e espiritual um tal esfôrço. Mas, trata-se realmente de um esfôrço justo ? O esfôrço despendido para dominar um oposto produz compreensão ? Não continua a ser ávido quem procura tornar-se não ávido ? Poderá o indivíduo que faz um tal esfôrço adotar uma nova linguagem, mais vistosa e agradável, porém continuará a ser o mesmo, a ser ávido. O esfôrço que faz um indivíduo para "vir a ser" não sòmente cria o conflito dos opostos, mas também segue um rumo falso, porque "vir a ser" é ainda estar em con-

flito e aflição. Não estamos, pois, livres para conhecer a Verdade, na longa galeria dos opostos.

Nosso esfôrço se despende em recusar ou aceitar, embotando-se o pensamento-sentimento nesse conflito interminável. Êsse esfôrço é, positivamente, errôneo, porquanto não produz a compreensão criadora. O esfôrço justo consiste em estarmos cônscios dêsse conflito, imparcialmente, em observarmos, silenciosamente, e sem identificação. É essa percepção do conflito, silenciosa e sem escolha, que traz a liberdade. Nessa percepção passiva, tranqüila, desponta a Realidade.

Dai-vos conta de vosso conflito, de como rejeitais, justificais, comparais ou identificais; de como procurais vir a ser; dai-vos conta da profunda e exata significação dos tormentos que nos causam os opostos. Virá então a percepção da inseparabilidade do pensante e seu pensamento, a tranqüilidade da compreensão, pela qual, ùnicamente, é possível uma transformação completa, a travessia para a outra margem sem a ação da vontade.

Há enorme diferença em "pôr-se tranqüilo" e "estar tranquilo" Devemos de morrer em cada dia para tôdas as experiências e acumulações do dia, todos os temores e esperanças, e isso só podemos fazer estando ativamente cônscios de

nossos conflitos, e a seguir passivamente tranqüilos. Temos de viver em cada dia as quatro estações, a primavera, o verão, o outono, e o inverno da passividade. Assim como no inverno ficam em repouso os campos, abertos aos céus, a fim de se revigorarem, assim também deve a mente-coração deixar-se ficar aberta, fecundamente vazia. Só então pode haver o alento da Realidade.

Êsse vazio que é fôrça criadora, essa passividade ardente, não se consegue por um ato de vontade. É extremamente difícil êsse estado para os que são escravos da distração, que estão incessantemente ativos, sempre a lutar por vir a ser, por se tornarem vigilantemente passivos. Se desejais compreender, cumpre esteja tranqüila a mente-coração; é necessária uma sensibilidade intensa e receptiva, e só pode haver tranqüilidade na compreensão. Essa percepção silenciosa não é um ato de determinação, mas surge quando o pensamento-sentimento já não está prêso na rêde do vir a ser. Não dizeis para uma criança "ponha-se quieta", porém "esteja quieta". A nós mesmos dizemos que "viremos a ser", e para êste "vir a ser" temos vários pretextos e razões intermináveis, e por isso nunca estamos tranqüilos. O "pôr-se tranqüilo" nunca pode equivaler ao "estar tranqüilo"; só depois de extinto "o vir a ser" existe o "ser".

Em momentos de intensa criação, em momentos de grande beleza, há uma tranqüilidade absoluta; em tais momentos verifica-se uma ausência completa do "ego" e todos os seus conflitos; é esta negação — a forma suprema do pensar-sentir — que é essencial para alcançarmos o estado de potência criadora. Mas, são raros para a maioria de nós êsses momentos em que se transcendem o pensante e o pensamento; tais ocasiões se apresentam inesperadamente, mas o "ego" logo volta. Depois de experimentar uma vez essa tranqüilidade viva, o pensamento-sentimento prende-se à sua lembrança, impedindo assim a continuação da experiência da Realidade. Êsse cultivar de lembranças representa um esfôrço mal orientado, do qual resulta fortalecer-se o "ego", com seus conflitos e sofrimentos; mas, se estivermos profundamente cônscios de nossos problemas e conflitos, e os compreendermos, então, êsse mesmo cultivo do autoconhecimento produz a passividade e a tranqüilidade vigilantes. Nêsse silêncio vivo está a Realidade. É só na singeleza total, depois de cessar todo o anseio, que se encontra a bem-aventurança da Realidade.

Pergunta: *Sou inventor, e acontece que inventei várias coisas que foram utilizadas nesta guerra. Considero-me infenso ao assas-*

sínio, mas que fazer da minha capacidade? Não posso recalcá-la, uma vez que o espírito inventivo me impulsiona.

K r i s h n a m u r t i : Qual dos dois problemas — segundo o vosso pensar-sentir — é mais importante e requer maior urgência em ser compreendido : o poder de matar ou a capacidade inventiva ? Se só vos interessa o inventar, a mera expressão de vosso talento, deveis então descobrir por que lhe atribuís tanta importância. A vossa capacidade não vos proporciona uma via de fuga da vida, da realidade? Não é então o vosso talento uma barreira às relações com os semelhantes ? Ser é estar em relação, e nada pode existir no isolamento. Assim, pois, sem o autoconhecimento, a vossa capacidade inventiva torna-se perigosa para o próximo e para vós mesmos.

Contribui a vossa profissão para o extermínio de vosso semelhante ? Vossas invenções e atividades poderão ser temporàriamente úteis ao vosso semelhante, mas se o conduzem à destruição final, de que servem elas ? Se o resultado final da presente civilização é o assassínio em massa, que significação tem o vosso talento ? De que serve inventar, aperfeiçoar, reordenar, se tudo isso leva à destruição do homem? Se vos interessa sòmente desenvolver a vossa capacida-

de individual, desprezando-se os aspectos mais importantes da vida e a finalidade da existência, é então destituído de significado e valor o vosso talento. Só na sua relação com a Realidade fundamental tem significação a capacidade do indivíduo.

Sinto que nem todos os que me ouvis estais vitalmente interessados nesta questão. Êsse problema não é também vosso ? Podeis ser artista, carpinteiro, ou exercer qualquer outra profissão — êle é tão importante para vós como para o inventor. Se sois artista ou médico, é necessário que vossa ocupação ou a expressão de vosso talento se funda na Realidade; do contrário, torna-se ela uma mera auto-expressão pessoal, e a mera expressão pessoal conduz inevitàvelmente ao sofrimento. Se só vos interessa a expressão pessoal, estais então contribuindo para o conflito, para a confusão e o antagonismo do homem. Sem primeiro procurar-se o significado da vida, a mera expressão pessoal, por deleitável que seja, só proporcionará misérias e desastres.

Precatai-vos do mero talento. Com o autoconhecimento o anseio de preenchimento pessoal se transforma. O anseio de preenchimento traz a sua própria frustração e desilusão, porquanto o desejo de preenchimento pessoal resulta da ignorância.

Pergunta: *Pode encontrar-se Deus numa trincheira?*

Krishnamurti: Um homem que procura Deus, não está numa trincheira. Como são falsos os rumos de nosso pensar! Criamos uma situação falsa e nela esperamos achar a verdade; no falso, queremos encontrar o real. Feliz daquele que vê no falso o falso e no verdadeiro o verdadeiro.

Estamos pervertidos nas normas de nosso pensar-sentir. No sofrimento, desejamos encontrar a felicidade; mas é só com o abandono da causa do sofrimento, que existe alegria. Vós e o militar criastes uma civilização que vos obriga a assassinar e a ser assassinado, e em meio a tanta crueldade, desejais achar o amor. Se procurais a Deus, não estareis numa trincheira; mas, se lá estiverdes e O procurardes, sabereis como proceder. Justificamos o homicídio e na própria ação de assassinar queremos achar o amor. Criamos uma sociedade baseada, essencialmente, no valor material, na mundanidade, cujo resultado inevitável é a trincheira. Nós justificamos e aprovamos a trincheira e depois, na trincheira ou no bombardeio, esperamos encontrar a Deus, encontrar o amor. Sem modificarmos profundamente a estrutura de nosso pensamento-sentimento, não é possível encontrar-se o Real. En-

quanto somos invejosos, ávidos e ignorantes, queremos ser pacíficos, tolerantes e sábios; com uma das mãos assassinamos e queremos, com a outra, pacificar. É essa contradição que cumpre compreender-se; não podeis ter simultâneamente avidez e paz, a trincheira e Deus; não podeis justificar a ignorância e ao mesmo tempo nutrir esperanças de esclarecimento.

A própria natureza do "ego" é estar em contradição; e sòmente quando o pensamento-sentimento se liberta, a si mesmo, de seus próprios desejos antagônicos, é que pode haver tranqüilidade e alegria. Essa liberdade, com as suas alegrias, se manifesta pela percepção profunda do conflito do desejo. Quando vos tornais cônscios do processo dualista do desejo e ficais passivamente vigilantes, encontra-se a alegria do Real, alegria que não é produto da vontade nem do tempo.

Não podeis fugir da ignorância num dado momento; ela tem de ser dissipada pelo vosso próprio despertar; ninguém poderá despertar-vos, senão vós mesmos. Pela vossa própria autovigilância é que deixará de existir o problema que vós mesmos criastes.

Pergunta: Qual a maneira de solver, permanentemente, um problema psicólogico?

K r i s h n a m u r t i : Há três degraus da percepção, em qualquer problema humano: primeiro, a percepção da causa e efeito do problema; segundo, a percepção do seu processo dualista ou contraditório; terceiro, a percepção do "ego" e a percepção do pensante e seu pensamento como um só todo.

Considerai qualquer um dos vossos problemas: a cólera, por exemplo. Dai-vos conta de sua causa fisiológica e psicológica. A cólera pode ser motivada pela fadiga e pela tensão nervosa; pode ser motivada por um dado condicionamento do pensamento-sentimento, pelo mêdo, pela dependência ou pelo anseio de segurança, etc.; pode ser motivada pelo sofrimento físico ou moral. Muitos de nós temos percepção do conflito dos opostos; mas, em virtude da dor ou da perturbação acarretada pelo conflito, procuramos instintivamente libertar-nos de modo violento, ou por várias outras maneiras sutis; interessa-nos mais fugir à luta do que compreendê-la. É êsse desejo de estar livre do conflito que dá fôrça à sua continuidade e mantém, portanto, a contradição; é êsse desejo que cumpre observar e compreender. É entretanto difícil estar vigilantemente passivo no conflito da dualidade; condenamos ou justificamos, comparamos ou identificamos; por isso estamos sempre tomando partidos e mantendo por

essa maneira a causa do conflito. Estar cônscio, imparcialmente, do conflito da dualidade, é difícil, porém essencial, se desejais transcender o problema.

A modificação do exterior, do pensamento, é um estratagema do pensante, que quer proteger-se; êle ajusta o seu pensamento a um novo molde, para proteger-se da transformação radical. É esta uma das muitas tendências sutis do "ego". Porque o pensante se separa do pensamento, continuam os problemas e os conflitos, e a modificação constante do pensamento, separadamente, sem radical transformação do próprio pensante, sòmente faz continuar a ilusão.

A completa integração do pensante com o seu pensamento não poderá dar-se se não existir compreensão do processo de "vir a ser" e do conflito dos opostos. Êsse conflito não pode ser transcendido por ato de vontade, só o podendo ser, depois de cessar a escolha. Problema algum pode ser resolvido no seu próprio nível; só pode ser resolvido duradouramente depois de o pensante desistir de vir a ser.

VI

Responderei, hoje, a quantas perguntas fôr possível.

P e r g u n t a : *Se não tivéssemos destruído o mal que predominava na Europa Central, êle nos teria subjugado. Diríeis que não devíamos defender-vos? A agressão tem de ser enfrentada. De que maneira a enfrentaríeis ?*

K r i s h n a m u r t i : Essa onda de agressão, sangue, crime organizado, parece erguer-se periòdicamente em um grupo e passar para outro grupo. É um fenômeno recorrente na História. País algum está livre da agressão. Somos, todos nós, cada qual à sua maneira, responsáveis por essa onda de agressão e destruição em massa.

É possível viver sem agressão e, conseqüentemente, sem defesa? Significa todo esfôrço apenas uma série de ataques e defesas ? Pode a vida ser vivida sem êsse esfôrço destruidor ? Deve cada indivíduo estar cônscio de suas reações a êsse problema. Todo esfôrço por vir a ser não redunda inevitàvelmente em afirmação e expansão pessoais, do indivíduo, e portanto

também do grupo ou da nação, conduzindo ao conflito, ao antagonismo e à guerra?

É possível resolver-se o problema da agressão pelo processo da defesa? A defesa implica proteção pessoal, oposição e conflito, e pode o antagonismo ser dissolvido pela oposição? É possível viver-se neste mundo e estar livre dessa batalha constante entre o "vosso" e "o meu", com seus truculentos ataques e defesas? Porque desejamos proteger nosso nome, nossa propriedade, nossa nacionalidade, nossa religião, nossos ideais, cultivamos o espírito de ataque e defesa. Somos ambiciosos de posse, de aquisição e criamos, por isso, uma estrutura social que, progressivamente, torna inevitáveis as explorações e agressões desapiedadas. Êsse "vir a ser" aquisitivo cria o oposto correspondente, tornando-se, assim, o ataque e a defesa uma parte de nossa existência diária. Nenhuma solução se encontrará, enquanto pensarmos e sentirmos em têrmos de defesa e ataque, que só servem para nutrir a confusão e a luta.

É possível pensar-sentir sem defesa nem ataque? Só será possível tal coisa quando haja o amor, quando cada qual abandone a cupidez, a malevolência, a ignorância, que se expressam pelo nacionalismo, pela ambição de poder e outras formas de crime e crueldade. Se deseja o indivíduo resolver permanentemente êsse proble-

ma, é claro que o pensamento-sentimento deve libertar-se de tôda ânsia de posse e de todo o temor. A atitude de ataque e defesa é cultivada em nossa vida cotidiana e redunda, por fim, na guerra e outras catástrofes. A dificuldade reside em nossa própria natureza contraditória; almejamos a paz e entretanto cultivamos as causas que conduzem à guerra e à destruição. Almejamos a felicidade e a liberdade, ao mesmo tempo que nos entregamos à lascívia, à malevolência e à irreflexão; imploramos compreensão e entretanto a negamos em nossa vida de cada dia; queremos desfrutar os dois opostos e por isso vivemos confusos e perdidos.

Se desejais pôr côbro a essa onda de crueldade, de medonha destruição e miséria, se desejais salvar vosso filho, vosso marido, vosso próximo, é preciso que pagueis o preço disso. Essas misérias não são produto de determinado grupo ou raça, mas de cada um de nós; deve cada um, pois, abandonar, refletidamente, as causas que provocam essas calamidades e desgraças indizíveis. Deveis desembaraçar-vos completamente de vosso nacionalismo, de vossa avidez e malevolência, de vosso anseio de poder e riquezas, e de vossa aderência a preconceitos religiosos organizados, os quais, proclamando a unidade do homem, atiçam o homem contra o homem. Só então haverá paz e felicidade.

Por que razão parecemos incapazes de viver uma vida fecunda e feliz, sem nos entredestruirmos ? Não é porque de tal sorte estamos condicionados pelas nossas próprias paixões, pela nossa malevolência e estupidez, que somos incapazes de viver contentes e serenos ? Precisamos de romper o nosso condicionamento e ser qual o nada. Temos mêdo de não ser nada, e por essa razão nos evadimos, alimentando assim o nosso temor com a avidez, o ódio e a ambição. O problema não é a maneira de nos defendermos, mas, sim, a maneira de transcendermos o desejo de expansão pessoal, o anseio de vir a ser. Só os indivíduos que abandonarem as suas paixões, seus anseios de fama e imortalidade pessoal, poderão concorrer para uma paz e felicidade fecundas.

P e r g u n t a : No evolver do indivíduo, não existe um movimento contínuo e recorrente, em que êle vê morrerem as suas mais acalentadas esperanças e desejos; em que sofre desilusões cruéis com relação ao passado; em que se opera uma transmutação dêsses fenômenos negativos numa vida mais positiva e vigorante — até ser novamente alcançado o mesmo degrau numa espiral mais elevada ? Logo, não são indispensáveis o conflito e o sofrimento à evolução, em tôdas as suas fases ?

Krishnamurti: O conflito e a dor são necessários para que haja potência criadora ? O sofrimento é necessário para que haja compreensão ? Não é inevitável o conflito, quando há vir a ser, quando há expansão do "ego" ? O estado de potência criadora não significa estar livre de conflito, livre da existência de acumulações ? A acumulação, em qualquer degrau que seja da escala do vir a ser, traz-nos a potência criadora ? Só há vir a ser e evolver no plano horizontal da existência, mas conduz, isso, ao Atemporal ? A potência criadora só pode ser conhecida depois de abandonado o plano horizontal. Está o "ser" relacionado com o conflito que se trava no plano horizontal, o conflito de "vir a ser" ? Por meio do tempo não se pode conhecer o Atemporal.

Que acontece, quando estamos em conflito ? Lutamos por dominá-lo, e nessa luta acabamos desiludidos e em trevas; ou tentamos, por várias maneiras, fugir ao conflito. Se não estiver o pensamento-sentimento prisioneiro da desilusão nem de algum refúgio confortante, extinguir-se-á, então, por si mesmo, o conflito. O conflito acarreta a desilusão ou o desejo de fuga, em virtude de nossa indisposição para penetrar, a fundo, com o pensamento-sentimento, nas conseqüências tôdas que êle en-

cerra; somos indolentes e por demais condicionados para quaisquer modificações, e por essa razão aceitamos a autoridade e optamos pela maneira fácil de viver. Para compreendermos o conflito e examiná-lo, em liberdade, é mister uma certa tranqüilidade desinteressada. Mas, quando estamos em conflito ou em sofrimento, nossa reação instintiva é fugir, fugir da sua causa, em vez de encararmos o seu oculto significado. Buscamos, assim, várias vias de fuga: atividades, distrações, deuses, guerra. Essas distrações se multiplicam, tornando-se mais importantes que a própria causa do sofrimento; tornamo-nos, então, intolerantes dos meios de fuga alheios e procuramos modificá-los ou reformá-los, mas o conflito e o sofrimento continuam.

Mas é necessário conflito para que haja compreensão? A compreensão resulta, porventura, do evolver? Não entendemos por evolver o constante vir a ser do indivíduo, do seu "ego", que acumula e rejeita, que é ávido e quer ser não ávido — o movimento interminável do vir a ser? A natureza mesma do "ego" é de criar contradição. O conflito entre os opostos representa evolução e traz consigo a compreeensão? A luta que se trava na interminável galeria dos opostos conduz a qualquer parte onde não haja novos conflitos e sofrimentos?

Não há têrmo ao conflito e sofrimento contidos no vir a ser. Êsse vir a ser conduz ao conflito da contradição, no qual nos achamos colhidos, os mais de nós; colhidos nêle, julgamos inevitáveis a luta e a dor, julgamo-las um processo necessário e evolutivo. Torna-se, assim, o tempo um fator indispensável à evolução, ao ulterior vir a ser. Nessa espiral do vir a ser não há fim à luta e à dor. Nosso problema consiste, pois, em pôr-lhes fim. O pensamento-sentimento deve transcender o padrão da dualidade; isto é, quando houver conflito e dor, suportá-los, incondicionalmente, sem fugir; fugir é comparar, justificar, condenar; estar cônscio do sofrimento não significa buscar refúgio, nem alívio, mas sim estar a par das tendências do pensamento-sentimento. Assim, pois, com a compreensão da futilidade de qualquer refúgio, da futilidade da fuga, nascerá, necessàriamente, do próprio sofrimento, a chama em que se consumirá. Para transcender-se o sofrimento, é necessária a tranqüilidade da compreensão, e não o conflito e a dor de vir a ser. Quando o "ego" não se ocupa de seu próprio vir a ser, há uma clareza inesperada, um êxtase profundo. Êsse enlêvo intenso é o resultado do abandono do "ego".

Pergunta: *Lutei anos e anos com um problema pessoal. E ainda estou lutando. Que devo fazer?*

Krishnamurti: Qual é o processo de compreender um problema? Para compreender, deve a mente-coração alijar as suas acumulações, a fim de capacitar-se para a percepção clara. Se desejais compreender um quadro moderno, deveis, se o puderdes, desembaraçar-vos de vossa cultura clássica, vossos preconceitos, vossas reações estudadas. Idênticamente, se desejamos compreender um complexo problema psicológico, devemos de ser capazes de o examinar sem propensão condenatória nem favorável; devemos ser capazes de aplicar-nos a êle sem paixão e de maneira nova.

Diz o autor da pergunta que vem lutando há muitos anos com o seu problema pessoal. Nessa luta acumulou êle o que denominaria experiência, conhecimentos, e, com essa carga sempre crescente, está tentando resolver o problema; nunca, portanto, o encarou abertamente, de maneira original, ocupando-se dêle, sempre, com a acumulação de muitos anos. É a memória sobrecarregada de acumulações que está enfrentando o problema, e por isso o mesmo não é compreendido. O passado, já morto, obscurece o presente eternamente vivo.

Somos, em regra, impelidos por uma determinada paixão, sem o percebermos, mas quando o percebemos, em geral a justificamos ou aprovamos. Mas, se desejamos transcender essa paixão, de ordinário lutamos contra ela, procurando subjugá-la ou recalcá-la. Tentando dominá-la, não a compreendemos; tentando reprimi-la, não a transcendemos. A paixão subsiste ou assume outra forma que continua a ser a causa de conflitos e sofrimentos. Essa luta incessante não traz a compreensão, porém apenas fortalece o conflito, sobrecarregando a mente-coração de lembranças acumuladas. Mas, se pudermos penetrar profundamente nela e morrer para ela ou voltar a ela de uma nova maneira, sem a carga do passado, poderemos então compreendê-la. Com a mente-coração alertada e penetrante, profundamente vigilante e tranqüila, transcende-se o problema.

Se podemos entrar no nosso problema, sem julgar, sem identificar, são-nos então reveladas as causas que o sustentam. Se desejamos compreender um problema, devemos pôr de lado os nossos desejos, nossas experiências acumuladas, nossos padrões de pensamento. A dificuldade não está no problema, pròpriamente, porém na maneira em que nos aplicamos a êle. As lembranças do passado impedem-nos de o fazer corretamente. Nosso condicionamento interpreta o

problema de acôrdo com o seu próprio padrão, o que por forma nenhuma liberta o pensamento-sentimento da luta e do sofrimento ocasionados pelo problema. Interpretar o problema não é compreendê-lo; para compreender o problema e transcendê-lo, é necessário que cesse a interpretação. O que se compreende plenamente, completamente, não deixa vestígio de lembrança.

Pergunta: Vivo intensamente solitário. Pareço estar em constante conflito nas minhas relações, por causa dessa solidão. É uma doença que requer cura. Podeis ajudar-me a curá-la?

Krishnamurti: O caos e as misérias atuais são produto dessa dolorosa solidão, dêsse vazio, porque o pensamento se tornou, êle próprio, vazio, sem significado. As guerras e a crescente confusão são o produto de nossas vidas e atividades vãs.

Quer estejamos cônscios disso, quer não, somos, em geral, solitários; quanto mais cônscios estamos, tanto mais intensa, tanto mais ardente e dolorosa se torna a solidão. Os indivíduos não amadurecidos satisfazem-se fàcilmente na sua vacuidade, porém, quanto mais claramente a percebe o indivíduo, tanto maior é o problema. Não há fugir à solidão que se tornou dolorosa, nem pode ela ser subjugada pela irreflexão, pela

ignorância; a ignorância, tal como a superstição, proporciona um certo deleite, porém apenas fomenta o conflito e o sofrimento. Estamos, a maioria de nós, intensamente solitários, e o nosso suplício é penetrante e insensibiliza a mente-coração. Êsse abismante sofrer parece estender-se infinitamente e procuramos constantemente fugir-lhe, encobri-lo e, consciente ou inconscientemente, procuramos preencher êsse doloroso vácuo com a esperança e a fé, com entretenimentos e distrações. Procuramos sufocar essa tortura com a atividade, com o prazer derivado do saber, da fé e de tôda espécie de devoção, religiosa ou mundana. Nossa busca de refúgio, de confôrto para êsse penar, é interminável; as coisas, as relações, e o saber são meios de fuga da persistente tortura da solidão. O movimento entre uma fuga e outra é considerado progresso; condenamos o homem que preenche êsse vácuo com a embriaguez e as distrações, e o homem que busca uma fuga permanente, denominando-a nobre, êsse, nós consideramos digno e espiritual.

Existe refúgio permanente dêsse vácuo? Experimentamos vários métodos de preencher o vazio, mas voltamos constantemente a notá-lo. Qualquer remédio, por nobre e agradável que seja, não evita sòmente o problema? Podeis en-

contrar alívio transitório, mas não tarda a voltar a angústia.

A fim de encontrar-se a verdadeira e permanente solução à solidão, devemos em primeiro lugar desistir de fugir dela, o que é dificílimo, porquanto o pensamento está sempre em busca de refúgio. É sòmente quando a mente-coração pode aceitar êsse vazio, incondicionalmente, entregando-se-lhe, sem interêsses, sem esperanças nem temores, que se pode operar a transformação.

Se desejais realmente compreender o problema da solidão e apreciar a sua magnitude, urge pordes de lado os valores do mundo, porquanto são êles distrações do Real. Essas distrações e seus valores são o resultado do desejo de fugirdes ao vosso próprio vazio, e por isso são também vazias. É sòmente quando se despoja a mente-coração de tôdas as suas pretensões e fórmulas, que é possível transcender-se êsse doloroso vazio.

P e r g u n t a : Já me ocorreu o que se pode chamar uma "experiência" espiritual, inspiração orientadora, ou percepção de algo real. Como devo proceder em face disso?

K r i s h n a m u r t i : A maioria de nós tem tido profundas "experiências" — ou que outro nome lhes queirais dar — temos tido

inspirações portadoras de êxtase sublime, de visões grandiosas, de intenso amor. Essas "experiências" nos invadem com a sua luz e alento; mas não perduram : passam, deixando o seu perfume.

Acontece com a maioria de nós que a mente-coração não é capaz de permanecer aberta para tal êxtase. A "inspiração" é acidental, não provocada, grande demais para a nossa mente-coração. A inspiração é maior do que aquêle que a experimenta, e por isso procura êle abaixá-la ao seu próprio nível, à órbita de sua compreensão. Sua mente não está tranqüila; está ativa, rumorosa, reordenando; tem de ocupar-se de alguma maneira com aquela inspiração; tem de organizá-la, divulgá-la, comunicar a outros a sua beleza. Reduz, por essa maneira, a mente o inexpressível a um padrão de autoridade ou regra de conduta; interpreta e traduz a "experiência", envolvendo-a, assim, na sua própria trivialidade. Por não saber cantar, a mente-coração persegue o cantor.

O intérprete, o tradutor da inspiração, deve ser tão profundo e vasto quanto ela, se a deseja compreender; não o sendo, deve desistir de interpretá-la, e para desistir êle precisa de estar maduro, de ser judicioso, na sua compreensão. Podeis ter uma "experiência" significativa, mas como a compreendeis, como a interpretais, de-

pende de vós, o seu intérprete; se vossa mente-coração é limitada, acanhada, traduzis a experiência, então, conforme êsse condicionamento. O condicionamento é que deve ser compreendido e desfeito, para que possais apreender o pleno significado da "experiência".

A madureza da mente-coração advém quando ela se liberta de suas próprias limitações, e não quando se apega à lembrança de uma "experiência" espiritual. Se se apega à memória, então ela habita com a morte e não com a vida. Uma experiência profunda pode abrir a porta para a compreensão, para o autoconhecimento e o reto pensar, mas, para muitas pessoas ela se torna apenas um estímulo agitante, uma lembrança, perdendo logo o seu significado vital, e impedindo a continuação da "experiência".

Interpretamos tôda inspiração em têrmos de nosso próprio condicionamento. Quanto mais profunda é a inspiração, tanto mais vigilantes devemos estar para a não interpretarmos errôneamente. São raras as inspirações profundas e espirituais, e quando as temos, nós as rebaixamos ao nível rasteiro de nossa própria mente-coração. Se sois cristão, ou hinduísta, ou incréu, traduzis a inspiração de maneira correspondente, abaixando-a ao nível de vosso condicionamento. Se vossa mente-coração é dada ao nacionalismo e à cupidez, à paixão e à malevolência,

será, nesse caso, a inspiração utilizada para fomentar a matança de vossos semelhantes; vós a tomais então por guia para bombardeardes vosso irmão; adorar será então destruir ou torturar os que não são vossos compatriotas ou correligionários.

É essencial que estejais cônscios de vosso condicionamento, em vez de procurardes "ocupar-vos" de uma experiência passada; mas a mente-coração apega-se a tais experiências, ficando assim incapacitada para compreender o presente vivo.

VII

A existência é dolorosa e complexa. Para compreendermos os pesares que nos invadem a existência, devemos pensar-sentir por maneira nova, devemos enfrentar a vida de maneira simples e direta; se possível, devemos começar cada dia renovados. Devemos ser capazes, em cada dia, de fazer nova avaliação dos ideais e dos padrões que criamos. A vida só pode ser compreendida profunda e justamente, tal como existe em cada um de nós; vós sois essa vida e sem a compreenderdes não pode haver tranqüilidade e alegria permanentes.

Nosso conflito interior e exterior surge por obra de valores cambiantes e contraditórios, baseados no prazer e na dor, não é verdade ? A causa de nossa luta é procurarmos descobrir um valor que seja inteiramente satisfatório, inváriável e não perturbador; procuramos um valor permanente que proporcione perene deleite, sem vestígio de dúvida ou de dor. Nossa luta constante baseia-se nesta exigência de segurança permanente; queremos segurança, nas coisas, nas relações, no pensamento.

Sem compreender-se o problema da insegurança, não é possível a segurança. Se buscamos segurança, não a encontraremos; a busca da segurança acarreta a destruição da própria segurança. É necessária a insegurança para a compreensão da Realidade, porém uma insegurança que não seja o oposto da segurança. Uma mente bem ancorada, uma mente que se sente segura em algum refúgio, jamais pode compreender a realidade. O desejo de segurança gera a indolência; torna a mente-coração inflexível e insensível, timorata e sem penetração; impede o estar acessível à realidade. Na profunda insegurança é-nos dada a percepção da Verdade.

Mas necessitamos de uma certa segurança, para vivermos: necessitamos de alimento, de vestuário e de morada, sem o que não é possível a existência. Seria relativamente simples organizar e distribuir eficientemente os recursos necessários à vida, se ficássemos satisfeitos só com o provimento de nossas necessidades fundamentais de cada dia. Não haveria egoísmo nem nacionalismo; não haveria expansão competitória nem crueldade; não haveria necessidade de governos soberanos separados; não haveria guerras — se ficássemos inteiramente satisfeitos com o provimento de nossas necessidades diárias. Entretanto, assim não o é.

Mas, porque não é possível organizar os meios de atender às nossas necessidades? Não é possível, em virtude do conflito incessante de nossa vida cotidiana, com sua avidez, sua crueldade e seus rancores. Não é possível, porque nos valemos de nossas necessidades como meios para satisfação de nossas exigências psicológicas. Porque, interiormente somos estéreis, vãos, destrutivos, servimo-nos de nossas necessidades como meio de fuga. E assumem elas, por isso, importância muito maior do que realmente têm. Tornam-se, psicològicamente, de suma importância. Ganham, assim, enorme significado os valores mundanos. A propriedade, o nome, o talento, tornam-se meios para se galgarem posições, para se alcançar o poder e a dominação. Relativamente às coisas feitas pela mão ou pela mente, vivemos em perene conflito; por êsse motivo, a elaboração de planos econômicos para a existência converte-se no problema predominante. Desejamos coisas que criem a ilusão de segurança e confôrto, mas que só nos trazem conflito, confusão e antagonismos. Perdemos, na segurança das coisas produzidas pelo intelecto, aquela felicidade da Realidade criadora, cuja natureza intrínseca é a insegurança. A mente que busca a segurança vive em perene temor; nunca tem alegria, nunca experimenta o estado de potência criadora. A forma suprema

do pensar-sentir é a compreensão negativa, e a sua verdadeira base, a insegurança.

Quanto mais estudamos o mundo sem compreendermos os nossos anseios, exigências e conflitos psicológicos, tanto mais complexo e insolúvel se torna o problema da existência. Quanto mais planejamos e organizamos a nossa existência econômica, sem compreender e transcender as nossas interiores paixões, temores, despeitos, tanto mais conflito e confusão haverão de surgir. O contentar-se com pouco resulta da compreensão de nossos problemas psicológicos, não da legislação ou do esfôrço determinado de ter poucas posses. Devemos eliminar, inteligentemente, aquelas exigências psicológicas que encontram satisfação nas coisas, nas posições, na eficiência. Quando não procurarmos o poder e o domínio, quando deixarmos de ser egoístas, haverá a paz. Mas, enquanto nos servirmos das coisas, das relações, ou das idéias, como meios de satisfazer nossas sempre crescentes exigências psicológicas, haverá contendas e misérias. Com a isenção do anseio vem o correto pensar, e só êste pode trazer a tranqüilidade.

P e r g u n t a : *Venho de uma parte do mundo que sofreu terrìvelmente nesta guerra. Vejo em derredor de mim a fome e a doença, largamente disseminadas, além de um grave pe-*

rigo de guerra civil e derramamento de sangue se não forem imediatamente atendidos êsses problemas. Sinto-me no dever de prestar minha contribuição para a solução dos mesmos. Por outro lado, vejo, no mundo atual, a necessidade de um ponto de vista tal como o vosso. Poderei continuar a seguir meu primeiro objetivo sem me descuidar do segundo? Em outras palavras, como posso continuar com ambos?

Krishnamurti: Sòmente na busca do Real é possível uma solução permanente aos nossos problemas. Separar a existência do Real é continuar na ignorância e no sofrimento. Ocupar-se dos problemas da fome, da matança e destruição em larga escala, nos níveis respectivos, é fomentar desgraças e catástrofes. Na busca do Real, o problema do mundo, que é o problema do indivíduo, encontrará uma solução duradoura. Mas, se vos interessa apenas a reorganização da ganância, da malevolência e da ignorância, não haverá fim à confusão e ao antagonismo.

Se o reformador, se aquêle que quer contribuir para a solução do problema do mundo, não se houver transformado radicalmente, a si mesmo, se não houver experimentado uma revolução interior dos valores, a sua contribuição sòmente acrescentará ao conflito e à miséria. Quem

quer reformar o mundo, deve primeiramente compreender-se a si mesmo, porquanto o mundo é êle. As atuais tribulações e degradações do homem são acarretadas pelo próprio homem e se tencionar êle, apenas, reformar o padrão do conflito, sem compreender-se fundamentalmente, a si próprio, concorrerá sòmente para aumentar a ignorância e o sofrimento. Se procurar cada indivíduo o valor eterno, chegará então o fim do conflito interior e descerá a paz sôbre a terra. Só então cessarão as causas que perpetuam os antagonismos, a confusão e a miséria.

Se desejais pôr têrmo ao conflito, à confusão e às tribulações que se vos deparam por tôda parte, de onde deveis partir ? Do mundo, do exterior, procurando reorganizar os seus valores, porém conservando o vosso nacionalismo, vossa aquisitividade, vossos rancores, vossos dogmas religiosos e superstições ? Ou deveis de partir de vós mesmos, a fim de eliminardes radicalmente as causas responsáveis por todos os conflitos e sofrimentos? Se fordes capazes de desvencilhar-vos da paixão e da mundanidade, em que se baseia a atual civilização, descobrireis e compreendereis o valor eterno, êsse valor que não se ajusta a molde algum. Sereis então, quiçá, capazes de ajudar a outros a se libertarem da servidão. Infelizmente, desejamos combinar o eterno com tôda uma série de valores que

acarretam antagonismo, conflito e infelicidade. Se desejais procurar a Verdade, urge abandonardes os valores baseados nos sentidos e no deleite, na paixão e na malevolência, no instinto de posse e na avidez. Não deveis consentir que sejam as vossas vidas guiadas por economistas, políticos, padres, com seus intermináveis planos de paz; todos êsses vos têm conduzido, sempre, à morte e à destruição. Fizestes dêles vossos guias, mas, agora, com profunda percepção, deveis de tornar-vos responsáveis por vós mes mos, porque dentro em vós reside a causa e a solução de todos os conflitos e sofrimentos. Vós criastes essa causa e sòmente vós mesmos podereis libertar-vos dela; ninguém mais vos poderá salvar.

Nosso primeiro dever, por conseqüência, se podemos empregar êsse têrmo, é descobrirmos o Real, porque sòmente êle nos dará paz e felicidade. Só nêle está a unidade permanente do homem; só nêle pode cessar o conflito e a aflição; só nêle se encontra a potência criadora. Sem êsse tesouro interior, a organização das condições externas, por meio de legislação e elaboração de planos econômicos, pouco importância tem. Com a percepção do Real, deixam de estar separados o "exterior" e o "interior".

P e r g u n t a : Tenho procurado meditar pela maneira por vós sugerida no ano passa-

do. Penetrei, com êsse meditar, a uma certa profundidade. Parece-me haver alguma relação entre a meditação e os sonhos. Que achais?

Krishnamurti: Para os que *praticam* a meditação, é ela um processo de vir a ser, um processo de construção, de rejeição ou imitação, de concentração, de estreitamento do pensamento-sentimento. Essas pessoas ou cultivam a virtude como meio para alcançar um fim preformulado, ou procuram focar a atenção erradia num santo, num mestre, ou numa idéia. Adotam, muitos dêsses indivíduos, técnicas variadas para não se deixarem prender pelo meio de que se servem; mas o meio lhes molda a mente-coração, e acabam, por isso, escravos dêle. O meio e o fim não são diferentes, não são separados. Se desejais alcançar um determinado fim, procurais e encontrais um meio que vos leve a êle, mas êsse fim não é o Real. O Real surge espontâneamente, não podemos *procurá-lo*; êle deve vir por si, não o podemos atrair. Mas a meditação, como geralmente se pratica, é anseio de vir a ser ou não vir a ser, uma forma sutil de expansão e afirmação do "eu", tornando-se, assim, sempre, uma série de lutas dentro do padrão da dualidade. O esfôrço por vir a ser, positiva ou negativamente, em diferentes níveis, não põe têrmo

ao conflito; só com a extinção do anseio se obtém a tranqüilidade.

Se o indivíduo que medita não conhece a si próprio, pouco vale seu meditar, sendo mesmo um empecilho à compreensão. Sem autoconhecimento não é possível a meditação, e, sem a percepção meditativa, não existe autoconhecimento. Se não compreendo a mim mesmo, meus anseios, meus motivos, minhas contradições, como poderei compreender a verdade? Se não tenho consciência de meus estados contraditórios, se sou apaixonado, ignorante, cúpido, invejoso, tem a meditação apenas o efeito de fortalecer o egotismo; sem o autoconhecimento, não há base para o correto pensar; sem correto pensar, não pode o pensamento-sentimento transcender-se a si mesmo.

Certa senhora me disse, uma vez, que praticava a meditação havia vários anos, e daí a pouco começou a falar sôbre a necessidade de se destruir um determinado grupo de pessoas, por estarem trazendo desgraças e destruição para a humanidade. Todavia, essa senhora praticava a fraternidade, o amor e a paz, coisas que, dizia, lhe guiavam a vida. Não há muitos de vós que praticam a meditação, que falam de amor e fraternidade e entretanto justificam a guerra, ou tomam parte nela, nesse assassinio organizado? Que significação tem, então, o

vosso meditar? Êle sòmente fortalece vossa estreiteza, vossa malevolência e ignorância.

Os que desejam compreender o profundo significado da meditação, devem partir de si próprios, porquanto o autoconhecimento é a base do verdadeiro pensar. Sem o pensar correto, de que maneira pode o pensamento alcançar longe? Deveis partir de vós mesmos, para chegardes longe. E' difícil a auto-observação; é difícil penetrarmos até o fundo de *cada* pensamento-sentimento, mas essa percepção de cada pensamento-sentimento porá fim às divagações da mente. Quando procurais meditar, não notais que vossa mente divaga e "tagarela" incessantemente? De pouca valia é o afastardes todos os pensamentos, com exceção de um só, procurando concentrar-vos nesse único pensamento por vós escolhido. Em vez de procurardes submeter à vossa vontade êsses pensamentos errantes, tornai-vos cônscios dêles, aprofundai cada um dêles, pensando e sentindo, apanhai o seu significado, quer agradável, quer desagradável; procurai compreender, um por um, vossos pensamentos-sentimentos. Cada pensamento-sentimento que fôr estudado por essa maneira, vos confiará o seu significado e assim, compreendendo os próprios pensamentos repetidos e erráticos, esvazia-se a mente de suas próprias formulações.

A mente é resultado do passado, armazém de muitos interêsses, de muitos valores contraditórios; está sempre a acumular, sempre a vir a ser. Devemos de estar cônscios dessas acumulações e compreendê-las tão logo surjam. Suponhamos que estejais a colecionar cartas há vários anos; abris a gaveta e ledes carta por carta, guardando algumas e deitando fora outras; mais tarde, tornais a ler as que guardastes e novamente pondes fora algumas delas, e assim por diante, até ficar vazia a gaveta. Tornai-vos por essa mesma maneira conhecedores de cada um dos vossos pensamentos-sentimentos, compreendei o seu significado e, caso algum dêles torne a manifestar-se, voltai a examiná-lo, porque não foi devidamente compreendido. Assim como uma gaveta só é útil se está vazia, assim também deve a mente estar livre de tôdas as suas acumulações, porque só então estará franqueada à sabedoria e ao êxtase do Real. A tranqüilidade da sabedoria não é resultado de ato de vontade, não é um remate, um estado que deva ser alcançado. Ela desponta na percepção pelo entendimento.

A meditação só tem significado quando a mente-coração está vigilante, descendo até o fundo de cada pensamento-sentimento que surge, sem comparar nem identificar. Porque o identificar e comparar sustenta o conflito da dualidade, e não há solução possível dentro dêsse pa-

drão. Pergunto-me a mim mesmo quantos de vós já tereis praticado a verdadeira meditação. Quem já a praticou terá notado como é difícil estar-se amplamente cônscio, sem limitar o pensamento-sentimento. Na tentativa de concentrar-nos, são os pensamentos-sentimentos antagônicos reprimidos, ou afastados, ou superados, e mediante tal processo não é possível a compreensão. A concentração se obtém à custa de profunda percepção. Se é mesquinha e limitada a mente, a concentração não a tornará menos pequena e trivial; pelo contrário, fortalecerá essa sua natureza. Tal concentração, estreita como é, não torna a mente-coração sucetível da Realidade; endurece-a, apenas, na obstinação e na ignorância, perpetuando o egotismo.

Quando a mente-coração é ampla, profunda e tranqüila, acontece o Real. Se a mente busca um resultado, por nobre e digno que seja, se está interessada em vir a ser, já não é ampla e infinitamente flexível. Ela deve ser tal como o Desconhecido, para receber o Incognoscível. Deve estar inteiramente tranqüila, para que o Eterno seja.

Deve, pois, a mente compreender cada um dos valores por ela acumulados, e nesse processo as numerosas camadas da consciência, tanto as claras como as ocultas, são descobertas e compreendidas. Quanto mais nítida fôr a per-

cepção das camadas conscientes, tanto mais fàcilmente virão à superfície as camadas ocultas. Se as camadas conscientes estiverem confusas e turvas, não poderão as camadas mais profundas da consciência penetrar no consciente, senão pelos sonhos.

A percepção é o processo de libertar a mente-coração dos vínculos que causam conflitos e dores, e torná-la receptiva para o que está oculto. As camadas ocultas da consciência transmitem o seu significado pelos sonhos e pelos símbolos. Se todo pensamento-sentimento fôr penetrado o mais completa e profundamente possível, sem condenação nem comparação, sem aceitação nem identificação, então tôdas as ocultas camadas da consciência se revelarão. Pela constante vigilância cessa de sonhar o sonhador, pois, pela percepção desperta e passiva, cada movimento do pensamento-sentimento, assim das camadas claras como das camadas ocultas da consciência, está sendo compreendido. Mas, se fôr o indivíduo incapaz de aprofundar, completa e plenamente, cada pensamento-sentimento, começa então a sonhar. Os sonhos requerem interpretação e o interpretar demanda inteligência livre e aberta; em vez disso, procura o sonhador um especialista em sonhos, com o que cria novos problemas para si. E' só na percepção pro-

funda e extensa, que se porá fim aos sonhos e à ânsia de interpretá-los.

A meditação correta é muito eficaz para libertar a mente-coração do egotismo. As camadas claras e ocultas da consciência são o resultado do passado, da acumulação, de séculos de educação, e é claro que uma mente assim educada, assim condicionada, não pode ser suscetível do Real. Ocasionalmente, no tranqüilo silêncio subseqüente à procela do conflito e da dor, sobrevém uma beleza e uma alegria inexprimíveis, que não são, entretanto, resultado da tormenta, senão do desaparecimento do conflito. A mente-coração deve de estar passivamente tranqüila para sentir o Real e sua fôrça criadora.

P e r g u n t a : *Peço-vos o favor de explicar a idéia de dever cada indivíduo morrer em cada dia, ou viver as quatro estações num dia?*

K r i s h n a m u r t i : Não é necessário que haja constante renovação, renascimento? Se está o presente gravado da experiência do passado, não pode haver renovação. A renovação não é obra do nascer e morrer; ela transcende os opostos; sòmente o estar livre da acumulação de lembranças traz renovação, e não há compreensão a não ser no presente.

Só pode a mente compreender o presente, quando se abstém de comparar e julgar. O desejo de alterar ou condenar o presente, sem o compreender, empresta continuidade ao passado. E' só quando compreendemos o reflexo do passado no espelho do presente, sem deformações, que há renovação.

A acumulação de lembranças chama-se saber; com essa carga, com as "cicatrizes" da experiência, está o pensamento sempre a interpretar o presente, dando assim continuidade às próprias "cicatrizes" e ao próprio condicionamento. Essa continuidade prende-nos ao tempo, e por isso não há renascimento, não há renovação. Se já vivestes intensamente uma experiência sentindo-a de maneira plena e completa, não notastes que ela não deixou vestígios? Só deixa vestígio a experiência que não sentimos completamente, e que fica na lembrança, dando continuidade à memória, identificada com o "ego". Consideramos o presente como meio para alcançar-se um fim, pelo que perde o presente o seu imenso significado. O presente é o Eterno. Mas como pode uma mente composta, constituída de partes, compreender o que não é composto, o que transcende todos os valores, o Eterno?

A cada experiência que surgir, vivei-a o mais plena e profundamente possível: penetrai-a

com o pensamento, com o sentimento, ampla e profundamente; dai atenção ao prazer e à dor que a acompanham, aos vossos juízos e identificações. E' só quando vivemos plenamente a experiência que há renovação. Devemos ser capazes de viver as quatro estações num dia: ficar intensamente vigilantes, sentir, compreender e desfazer-nos das acumulações de cada dia. No fim de cada dia deve a mente-coração esvaziar-se de todos os prazeres e dores acumulados no seu decorrer. Acumulamos consciente ou inconscientemente; é relativamente fácil rejeitar o que foi conscientemente adquirido, porém é mais difícil libertar-se o pensamento das acumulações inconscientes do passado, das manifestações incompletamente compreendidas, com suas lembranças que surgem e ressurgem. O pensamento-sentimento agarra-se tão tenazmente ao que acumulou, porque teme a insegurança.

A meditação e renovação, é morrer cada dia para o passado; é uma percepção intensa e passiva, em cuja chama se consome o desejo de subsistir, de vir a ser. Enquanto a mente-coração fôr autoprotetora, haverá continuidade, sem renovação. E' só quando a mente-coração cessa de criar, que há criação.

P e r g u n t a : *Como procederíeis em face de uma doença incurável ?*

Krishnamurti: Os mais de nós não nos compreendemos; não compreendemos as nossas variadas tensões e conflitos, nossas esperanças e temores, produtivos muitas vêzes de desordens físicas e mentais.

De primacial importância é a compreensão de nossos estados psicológicos, e o bem-estar da mente-coração, que estará, então, apta para ocupar-se dos acidentes da doença. Assim como um instrumento se gasta pelo uso, assim também se gasta o corpo, porém para aquêles que se apegam aos valores materiais constitui êsse desgastar um sofrer imenso; vivem êles para a excitação dos sentidos, para a satisfação, e o temor da morte e do sofrimento os impele a enganarem-se com ilusões. Enquanto o pensamento-sentimento fôr predominantemente sensual, não terão fim as ilusões e temores. Sendo o mundo, intrìnsecamente, uma distração, é essencial que estudemos com paciência e critério êsse problema concernente às nossas ilusões e à saúde.

Se sofremos orgânicamente, cuidemos dêsse estado pela melhor maneira possível, tal como se procedêssemos com um mecanismo qualquer. Nossas ilusões, tensões, conflitos, incompatibilidades, de fundo psicológico, causam maior sofrimento do que os males orgânicos. Tentamos eliminar sintomas, em vez de suprimir-lhes a

causa. A causa pode ser o valor material. Não tem fim a satisfação dos sentidos, e dela resulta sòmente perturbação, tensão, temor, etc., cada vez maiores. Tal modo de viver culmina, inevitàvelmente, em desordens mentais e físicas, ou na guerra. A não ser que se opere radical transformação dos valores, haverá, necessàriamente, crescente desarmonia interior, e, portanto, também exterior. Essa transformação radical dos valores deve efetuar-se por meio da compreensão da existência psíquica. Se não vos modificardes, recrudescerão, infalìvelmente, vossas ilusões e males orgânicos; faltar-vos-á o equilíbrio, vivereis deprimidos e dareis constante trabalho aos médicos. Não havendo essa profunda revolução dos valores, torna-se a doença e a ilusão uma distração, uma fuga, um ensejo para serdes indulgentes com vós mesmos. Podemos aceitar uma doença incurável sòmente quando o pensamento-sentimento é capaz de transcender o valor temporal.

O predomínio dos valores sensuais não pode trazer a sanidade mental e física. É necessário purificar a mente-coração, o que não se consegue por meio de agente externo. Há necessidade de autovigilância, de tensão psicológica. A tensão não é forçosamente prejudicial; o que se requer é esfôrço mental adequado. Só a tensão

inadequada produz transtornos psíquicos, ilusões, doenças e perversões.

A tensão correta é essencial para a compreensão; estar vigilante, desperta e passivamente, é dar atenção plena, fora do conflito da oposição. É só quando não se compreende devidamente essa tensão que ela acarreta transtornos; a vida, as relações, o pensar, demandam sensibilidade exaltada, tensão correta. Percebemos essa tensão e em geral a interpretamos falsamente ou a evitamos, com o que afastamos a compreensão que ela deveria trazer. A tensão ou a sensibilidade pode sanar ou destruir.

A vida é complexa e dolorosa, uma série de conflitos internos e externos. Requer-se percepção das atitudes mentais e emocionais que são a causa das perturbações externas e físicas. Para compreendê-las, necessitais de tempo para a reflexão tranqüila. Para que estejais cônscios de vossos estados psicológicos, necessitais de períodos de tranqüila solidão, de retraimento do tumulto e da pressa do viver cotidiano e suas rotinas. E' essa tranqüilidade ativa essencial não sòmente para o bem-estar da mente-coração, senão também para o descobrimento do Real, sem o qual pouca significação tem o bem-estar físico ou moral.

Infelizmente, a maioria de nós concede pouco tempo para o recolhimento sério e tranqüilo.

Deixamo-nos automatizar; acostumamo-nos às rotinas, renunciando ao pensar; aceitamos a autoridade e deixamo-nos impelir por ela; tornamo-nos simples dentes da gigantesca máquina da atual civilização. Perdemos a capacidade criadora. Perdemos a alegria interior. O que nós somos interiormente, projetamo-lo no exterior. O mero cultivo do exterior não produz o bem-estar interior; só pela autovigilância e pelo autoconhecimento constantes poderá haver a tranqüilidade interior. Sem o Real, a existência é conflito e sofrimento.

VIII

O problema das relações não é fácil de compreender, requerendo paciência e flexibilidade da mente-coração. O mero ajustamento ou aquiescência a um sistema de conduta não nos faz compreender a vida de relação; tal ajustamento e aquiêscencia obscurecem a compreensão e intensificam a luta. Se desejamos compreender profundamente a vida de relação, devemos estudá-la cada dia como coisa nova, sem nos deixarmos influenciar pelas lembranças de experiências anteriores. Os conflitos que ocorrem na vida de relação constituem uma muralha de resistência contínua e, em vez de promoverem união mais vasta e profunda, geram insuperáveis dissídios e desunião.

Assim como leríeis um livro interessante sem saltar uma página, assim deveis estudar e compreender a vida de relação. A solução ao problema das relações não se encontra fora delas, porém dentro delas. A resposta não se encontra no fim do livro, senão na maneira pela qual estudais a vida de relação. A maneira de ler-se o livro da vida de relação é muito mais

importante do que a resposta, ou do que superar a luta que nela se trava. Êsse estudo deve ser encetado cada dia novamente, sem a carga da véspera. É essa libertação do passado, do tempo, que nos traz a compreensão criadora.

Ser é estar em relação; nada existe no isolamento. A vida de relação é um conflito interior e exterior; o conflito interior, generalizando-se, torna-se conflito mundial. Vós e o mundo não estais separados; vosso problema é o problema do mundo; tendes o mundo em vós mesmos; sem vós, o mundo não existe. Não há insulação e não há objeto que não esteja relacionado. Êsse conflito deve ser compreendido não como um problema da parte, porém como um problema do todo.

Sabeis que na vida de relação existe conflito, que existe luta constante entre vós e outrem, entre vós e o mundo. Porque existe êsse conflito? Não resulta êle da ação recíproca da dependência e da aquiescência, do desejo de domínio e do desejo de posse? Nós aquiescemos, dependemos, possuímos, porque existe em nós uma insuficiência interior, que dá origem ao temor. Não conhecemos êsse temor nas relações íntimas? A vida de relação é uma tensão, sendo necessária percepção profunda para compreendê-la.

Por que motivo ansiamos possuir ou dominar ? Não é pelo temor à insuficiência ? Por sermos tímidos, ansiamos segurança; sentimental e mentalmente desejamos estar abrigados e firmemente ancorados nas coisas, nas pessoas, nas idéias. Interiormente, desejamos a segurança que se traduz exteriormente em dependência, submissão, anseio de posse, etc. É êsse vazio afogueante e aparentemente ilimitado, que nos impele a buscar um refúgio, uma esperança, na vida de relação, e êsse impulso a nos furtarmos à angústia da solidão confundimos com o amor, o dever, a responsabilidade.

Mas, qual é o verdadeiro significado da vida de relação? Não é ela um processo de auto-revelação ? Não é a vida de relação um espelho, no qual, estando vigilantes, podemos observar, sem deformação, nossos secretos pensamentos e motivos, nosso estado interior ? Na vida de relação revela-se o processo sutil do "ego", e só mediante vigilância imparcial é possível transcender-se a insuficiência interior. O conflito extingue-se na solidão da Realidade. Êsse transcender é o amor. O amor não tem móvel; êle é a sua própria eternidade.

P e r g u n t a : Qual a maneira de alcançar-se a integração ?

K r i s h n a m u r t i : Que quer dizer integração? Não significa completar-se, viver sem conflito nem sofrimento?

Em geral, tentamos a integração nas camadas superficiais da consciência; procuramos integrar-nos, a fim de funcionarmos normalmente dentro do padrão da sociedade; desejamos ajustar-nos a um ambiente que aceitamos como normal; mas não impugnamos o valor da estrutura social que nos circunda. A aquiescência a um padrão é considerada integração; a educação e a religião organizada facilitam-nos essa aquiescência.

A integração não tem significado mais profundo do que o mero ajustamento à sociedade e seus padrões? Aquiescência é integração? Não é a integração o ser puro, e não apenas a satisfação de nosso desejo de nos tornarmos um todo, nos tornarmos "normais"? O móvel que nos impele à integração é, por certo, de grande importância.

O impulso à integração pode resultar da ambição, do desejo de mando, do temor à insuficiência, etc. Para alcançar-se um resultado, necessita-se coordenação, mas notai o que está contido na idéia de consecução do desejo: egoísmo, inveja, inimizade, a insignificância do bom êxito, luta e dor. Há uns poucos que reprimem o anseio de prosperidade material, mas dão gua-

rida ao desejo de se tornar virtuosos, ser Mestres, alcançar a glória espiritual. Mas o anseio de vir a ser conduz sempre ao conflito, à confusão, ao antagonismo. Também aqui não temos a verdadeira integração. Dá-se a verdadeira integração quando, por tôdas as camadas da consciência, existe percepção e compreensão. Nossa consciência superficial é fruto da educação, de influências, e é só quando o pensamento transcende as limitações por êle próprio criadas, que pode haver a verdadeira integração. As numerosas partes adversas e contraditórias de nossa consciência só podem integrar-se quando já não existe a causa dessas divisões; dentro do padrão do "eu" só pode haver conflito; nunca integração, plenitude.

Verifica-se a integração quando estamos livres do anseio. Não é ela um fim, em si, mas se buscardes o autoconhecimento, sempre com profundeza, tornar-se-á a integração o caminho por onde alcançareis a Realidade.

Pergunta: Podeis ser judicioso, a certos respeitos; mas porque sois, conforme já tendes manifestado, contrário à organização? Tende a bondade de explicar porque a considerais um empecilho na busca da Realidade.

Krishnamurti: Porque organizamos? Não é porque desejamos eficiência?

Organizamos a existência, para vivermos; podemos organizar o pensamento-sentimento para fazê-lo eficiente — mas, eficiente em que ? Em matar, oprimir, tornar-se poderoso ?

Se vos empolgam certas idéias, credos ou doutrinas, vós vos ligais a outros indivíduos para a eficaz disseminação daquilo em que credes, e para tal fim criais uma organização. Mas é a compreensão da Realidade resultado da propaganda, de crença organizada, de conformidade imposta à fôrça ou sutilmente? Pode descobrir-se a Realidade por meio de doutrinas de igrejas, por meio de cultos ou seitas? Pode encontrar-se a Realidade pela compulsão, pela imitação ?

Julgamos que pela aquiescência, por profissões de fé, chegaremos ao conhecimento do Real. Não deve o pensamento-sentimento transcender tudo quanto o condiciona, para descobrir o Real? As suas percepções se resumem, agora, naquilo em que foi educado, naquilo em que crê, mas êsse perceber é limitado e estreito; não pode sentir o Real uma mente nessas condições. A aquiescência pode ser organizada eficientemente; a adesão a uma fórmula ou doutrina pode ser eficientemente manipulada. Mas conduzirá isso à Realidade? Não é certo que a Realidade surge quando estamos de todo em todo livres da autoridade, da compulsão e imitação? Só nos

é dado experimentar êsse estado, quando perfeitamente tranqüilo o pensamento. Sòmente na liberdade é possível sentir-se o Real.

Ao disciplinar do pensamento-sentimento, em nome da religião, da paz e da liberdade, dá-se feição atraente e aceitável; vossa tendência é a aceitar a autoridade; desejais ser guiados; esperais que outros venham orientar a vossa conduta. O rádio, o cinema, a imprensa, os governos, as igrejas estão-vos moldando o pensamento e o sentimento, e em virtude de vosso desejo de aquiescer, torna-se-lhes fácil a tarefa. Vosso anseio de segurança gera o temor, e é êste que cede à opressão da autoridade; o temor vos compele não *a pensar,* porém a *que pensar.* É só quando estamos livres do temor, que ocorre a descoberta do Real.

O esfôrço coletivo, sem sujeição a autoridade, poderia ser muito significativo, pela revelação dos móveis e objetivos íntimos de cada indivíduo; poderia o grupo espelhar as atividades do "ego" e, pela vida de relação, despertar o autoconhecimento. Mas, se é o grupo utilizado para incentivar o egoísmo, pela propaganda, ou é utilizado como meio de fuga, pode êle tornar-se um obstáculo à descoberta da Verdade.

Só se manifesta a potência criadora, quando o pensamento-sentimento não está prisioneiro de padrão algum nem de fórmula nenhuma. O

"eu" é resultado de aquiescência, de condicionamento, de lembranças acumuladas; por isso, nunca está o "eu" livre para descobrir; êle só pode expandir-se dentro do próprio condicionamento, só pode organizar-se para ser eficiente e sutil na sua positividade, seus objetivos e reclamos, mas livre nunca poderá ser. É só quando o "eu" desiste de vir a ser, que se apresenta o Real. Para estarmos livres para descobrir, é necessário extinguir-se a memória do passado; é o que trazemos do passado que nos dá continuidade, e continuidade é aquiescência. Não aquiesçais para serdes livres, pois com isso não tereis liberdade, e é só na liberdade que há criação. A liberdade não pode subordinar-se a organização e, quando isso acontece, deixa de ser liberdade. Tentando encerrar a Verdade viva dentro de moldes agradáveis de pensamento-sentimento, destruímo-la.

Pergunta: Desejo perguntar-vos se os Mestres não são uma grande fonte de inspiração para nós. Sendo a vida desigual, é necessário haver Mestre e discípulo, pois não?

Krishnamurti: Essa desigualdade não é produto da ignorância? Essa divisão do homem em classes altas e classes baixas não é negação da Realidade? Essa domi-

nação por uns e submissão de outros não provêm da ignorância e da privação do pensar?

Nossa estrutura social está assentada nas divisões e diferenças de níveis — funcionário e diretor, general e soldado, bispo e padre, sapiente e insipiente. Tal divisão baseia-se no valor material, que lança o homem contra o homem. Êsse padrão social gera oposição e antagonismo intermináveis e só é possível chegar-se ao fim do conflito nêle existente, depois de o pensamento-sentimento transcender a cupidez, a malevolência e a ignorância.

Com a nossa mentalidade aquisitiva e competidora procuramos apreender a Realidade e construir uma escada para atingirmos o alvo de nossas ambições; criamos o superior e o inferior, o Mestre e o discípulo. Pensamos na Realidade como se fôsse um fim que cumpre alcançar, uma recompensa à nossa virtude; julgamos possível alcançá-la através do tempo e mantemos, por isso, a constante divisão entre Mestre e discípulo, o adiantado e o atrasado.

Os indivíduos sensatos e compassivos não pensam no homem em têrmos de divisão; os insensatos estão presos à divisão social e religiosa do homem. Os que percebem essa divisão e a sabem falsa e estúpida, superam-na, mas, sem embargo, permanecem na divisão com respeito aos que êles chamam Mestres. Se percebeis as

misérias dêste mundo material, geradas pela divisão do homem em superior e inferior, porque não as percebeis, então, em todos os planos da existência ? No mundo dos sentidos, a divisão de homem contra homem resulta da cupidez e ignorância, e são também a cupidez e a ignorância que criam o seguidor e o guia, o Mestre e o discípulo, o libertado e o não esclarecido.

Pergunta o consulente se um Mestre ou santo não é fonte de inspiração. Quando hauris inspiração de outrem, é ela apenas uma distração e, por isso, estéril e ilusória. A inspiração é buscada por várias maneiras, mas invariàvelmente gera a dependência e o temor. O temor impede a compreensão, põe têrmo à comunhão, é a morte em vida.

Não é a essência criadora da Realidade que é a norma ? Apelais para outros para vos darem esperanças e orientação, porque sois vazios e pobres; apelais para os livros, os quadros, os mestres, os "gurus", os salvadores, buscando inspiração e fôrça. Viveis eternamente famintos, eternamente a procurar, sem nunca encontrar. É só na essência criadora da Realidade que se verifica o término do conflito e da aflição. Mas subsistirá a separação e a desigualdade, enquanto houver "vir a ser", enquanto o discípulo ambicionar ser Mestre. Êsse anseio de vir a ser nasce da ignorância, pois o presente é que

é o Eterno. É só na solidão da Realidade que se encontra a plenitude; na chama da criação não há "outro": só há o Ser Único.

Só por meios justos é possível descobrir-se a Realidade. Porque o meio é o fim: o meio e o fim são inseparáveis. Na autovigilância e no autoconhecimento acende-se a chama da Realidade. Não podeis alcançá-la, a Realidade, através de outrem, senão, sòmente, pelo vosso próprio pensamento, uma vez despertado. Ninguém pode conduzir-vos a ela; ninguém poderá libertar-vos de vossos pesares. A autoridade de outrem é obcecante; só na liberdade absoluta se contra o Supremo. Vivamos no tempo, sem estar condicionados ao tempo.

Pergunta: Acreditais no progresso?

Krishnamurti: Há o movimento da chamada progressão — não é certo? — do simples para o complexo. Existe o processo de constante ajustamento ao ambiente, que promove transformações ou mudanças, isto é, a adoção de novas formas. Existe a constante ação recíproca entre o mundo exterior e o interior, concorrendo cada um dêles para modificar e transformar o outro. Isso não é questão de fé: podemos observar a sociedade tornar-se cada vez mais complexa, cada vez mais eficaz-

mente organizada, para subsistir, para explorar, oprimir e matar. A existência, de simples e primitiva que era, tornou-se muito complexa, altamente organizada e civilizada. "Progredimos": Possuímos rádios, cinemas, rápidos meios de transporte e tudo o mais. Podemos matar, não poucos, porém dezenas de milhares num abrir e fechar de olhos; podemos "riscar do mapa", para usar a frase consagrada, cidades inteiras, com as respectivas populações, inflamando-as em obra de segundos. Presenciamos tudo isso e há quem o chame progresso. Temos habitações maiores e mais confortáveis, mais luxo, mais entretenimentos, mais distrações. Pode considerar-se progresso, isso ? É progresso a expansão do desejo material ? Ou reside o progresso na compaixão ?

Entendemos também por progresso o constante expandir do desejo, do "ego", não é verdade? Ora, neste processo de expansão, de vir a ser, podemos em algum tempo chegar ao fim do conflito e da aflição ? Se não o podemos, para que serve o vir a ser ? Se é para a continuação das lutas e sofrimentos, que valor tem o progresso, a evolução do desejo, a expansão do "ego" ? Se na expansão do desejo se eliminasse o sofrimento, teria então sentido o vir a ser. Mas, não é da própria natureza do anseio criar e alimentar o conflito e o sofrimento ?

O "ego", êsse feixe de lembranças, é o resultado do passado, produto do tempo, e êsse "ego", por mais que evolva, será capaz de conhecer o Atemporal? Pode o "eu", com o tornar-se maior, mais nobre, no correr do tempo, sentir o Real?

Pode o "eu", contituído que é de lembranças acumuladas, conhecer a liberdade? Pode o "ego", que é anseio e portanto fator de ignorância e conflito, alcançar o esclarecimento? Só na liberdade pode haver esclarecimento, não na servidão e no penar do anseio. Enquanto o "eu", com relação a si próprio, pensar em têrmos de ganho e perda, vir a ser e não vir a ser, estará o pensamento condicionado ao tempo. Jamais pode o pensamento prisioneiro do passado, do tempo, conhecer o Atemporal.

Pensamos em têrmos de passado, presente e futuro — eu era, eu sou, eu serei. Pensamos e sentimos em têrmos de acumulação; estamos contìnuamente a criar e a nutrir a idéia do tempo, do "ser contínuo". "Ser" não é totalmente diferente de "vir a ser"? Só compreendendo o processo e a significação de "vir a ser", podemos "ser". Se desejamos compreender, profundamente, devemos manter-nos em silêncio, não o achais? A própria magnitude de um problema, tal como a beleza, reclama silêncio. Mas, perpuntareis, de que maneira poderei pôr-me em

silêncio, de que maneira deterei o incessante "tagarelar" da mente? Não há "pôr-se em silêncio"; ou há silêncio, ou não o há. Quando percebeis a imensidade do "ser", há então silêncio; a sua própria intensidade traz a placidez.

O caráter pode ser modificado, alterado, tornado harmônico, mas o caráter não é a Realidade. Deve o pensamento transcender a si próprio, para compreender o Atemporal. Quando pensamos em têrmos de progresso, desenvolvimento, não estamos pensando e sentindo dentro do padrão do tempo? Existe um vir a ser, um modificar e alterar, no plano horizontal; êsse vir a ser conhece a dor e a tristeza, mas conduzirá êle à Realidade? Não; porque o vir a ser condiciona-nos ao tempo. Só quando o pensamento, pela diligente vigilância de si mesmo, se liberta do vir a ser, do passado, só quando está totalmente tranqüilo, existe o Atemporal.

Essa tranqüilidade da compreensão não é produzida por ato de vontade, porquanto a vontade é também parte do vir a ser, do ansiar. Só pode estar tranqüila a mente-coração depois de cessar o tormento e o conflito do anseio. Assim como um lago se apresenta calmo após o vendaval, assim também está tranqüila a mente-coração, em sua sabedoria, depois de compreender e transcender o anseio e a distração. Cumpre compreender-se êsse anseio logo que se revele no

nosso pensar-sentir-agir de cada dia. Pela autovigilância constante é possível compreender e transcender as tendências do anseio, do vir a ser pessoal. Não dependais do tempo, mas buscai com ardor o autoconhecimento.

P e r g u n t a : *Ao responderdes à pergunta sôbre a maneira de resolver permanentemente um problema psicológico, falastes das três fases consecutivas da solução de um tal problema, sendo a primeira a consideração de sua causa e efeito; a segunda, a compreensão do problema, como parte do conflito dualista; e por fim, a descoberta de serem um só o pensante e o pensamento. Parecem-me relativamente fáceis a primeira e a segunda fase, ao passo que o terceiro nível não pode ser atingido em progressão igualmente simples e lógica.*

K r i s h n a m u r t i : Não sei se já observastes por vós mesmos as três fases sugeridas, ao tentardes resolver um problema psicológico. Os mais de nós podemos estar cônscios da causa e do efeito de um problema e estar igualmente cônscios de seu conflito dualista, mas acha o consulente que a última fase, aquela em que se descobre que o pensante e o pensamento são um só, não é tão fácil nem pode ser compreendida lògicamente. Referi-me a três es-

tados ou fases apenas por conveniência de linguagem : elas se confundem, não estão ajustadas a uma estrutura de diferentes níveis. É muito importante compreender-se que elas não representam degraus distintos, superiores uns aos outros; elas pendem do mesmo fio da compreensão. Há uma inter-relação entre causa e efeito, o conflito dualista, e a constatação de serem pensante e pensamento um só todo.

Causa e efeito são inseparáveis; na causa está contido o efeito. O estar cônscio da causa-efeito de um problema depende de uma certa flexibilidade e agilidade da mente-coração, porquanto a causa-efeito modifica-se constantemente. O que antes era causa-efeito pode estar agora modificado, e, para se estar cônscio dessa modificação ou mudança, necessita-se certamente da verdadeira compreensão. É muito difícil acompanhar a causa-efeito em suas contínuas transformações, porquanto a mente não larga o abrigo daquilo que já foi causa-efeito.

Atém-se a mente a conclusões, condicionando-se, por essa forma, ao passado. É mister vigilância dêsse condicionamento resultante da causa-efeito. Não é estática a causa-efeito, mas o é a mente quando se prende a uma causa-efeito do passado imediato. "Karma" chama-se êsse aprisionamento à causa-efeito. Como o próprio pensamento é o resultado de

múltiplas causas-efeitos, deve êle soltar-se dêsses vínculos com que se prendeu. O problema da causa-efeito não é para ser observado superficialmente e ser deixado para trás. É a cadeia contínua da memória, com sua atividade condicionadora, que deve ser observada e compreendida; ficar cônscio de que essa cadeia foi criada, e acompanhá-la através de todos os estratos da consciência, é difícil; cumpre, entretanto, investigá-la, profundamente, e compreendê-la.

Enquanto o pensante se preocupar de seu pensamento, existirá dualismo; enquanto lutar com os seus pensamentos, continuará a haver conflito dualista. Existe solução para qualquer problema, no conflito dos opostos ? O criador do problema não é mais importante do que o problema ? O pensamento só pode ultrapassar o seu conflito dualista quando o pensante não está separado do pensamento. Enquanto o pensante quiser influir no seu pensamento, continuará separado dêle e a causar conflitos entre opostos. No conflito dualista não se encontra solução a problema algum, porquanto, nesse estado, mantém-se o pensante separado do pensamento. Subsiste o anseio e no entanto o objeto do anseio está sendo modificado constantemente; o que importa compreender é o próprio anseio, não o objeto do anseio.

É o pensante diferente do seu pensamento ? Não constituem ambos um fenômeno conjunto? Porque se separa o pensante de seu pensamento ? Não é porque deseja a própria continuidade ? Está êle sempre à procura de segurança, de permanência, e como não são permanentes os seus pensamentos, julga o pensante que o permanente é êle próprio. Oculta-se o pensante por detrás de seus pensamentos e sem cuidar de transformar a si próprio, tenta modificar a estrutura do seu pensamento. Escuda-se na atividade de seus pensamentos, para proteger a si próprio. E' êle, sempre, o observador a manipular a coisa observada, mas o problema é êle próprio e não os seus pensamentos. Uma das peculiaridades sutis do pensante é ocupar-se de seus pensamentos, evitando, assim, a própria transformação.

Se o pensante separa o seu pensamento de si próprio e procura modificá-lo, sem radicalmente transformar a si mesmo, sobrevirá inevitàvelmente o conflito e a ilusão. Não há saída dêsse conflito e dessa ilusão, a não ser que se transforme o pensante. Essa completa integração do pensante com o pensamento não é uma expressão verbal, senão uma experiência profunda que só se manifesta depois de compreendida a causa-efeito e quando o pensante já não está colhido na oposição dualista. Pelo

autoconhecimento e pela meditação correta verifica-se a integração do pensante com o pensamento, sendo então, e só então, que o pensante poderá transcender-se a si mesmo. Só então deixa o pensante de existir. Na verdadeira meditação o sujeito que se concentra é a própria concentração; na meditação como geralmente se pratica, é o pensante quem se concentra — concentra-se numa coisa ou em tornar-se alguma coisa. Na verdadeira meditação, não está o pensante separado do pensamento. Em ocasiões raras experimentamos essa integração, em que o pensante deixa inteiramente de existir. E' só então que há criação, que há eternidade. Enquanto não silenciar o pensante, continuará êle a criar problemas, conflitos e sofrimentos.

IX

O desejo de segurança, nas coisas e nas relações, só produz conflito e sofrimento, dependência e temor. A busca da felicidade, nas relações, sem compreender-se a causa do conflito, acarreta infelicidade. Quando o pensamento atribui primacial importância ao valor material e se deixa dominar por êle, só pode haver luta e sofrimento. Sem autoconhecimento, torna-se a vida de relação uma fonte de lutas e antagonismos, um expediente com que encobrimos a nossa insuficiência, a nossa pobreza interior.

O anseio de segurança, sob qualquer forma, não denota insuficiência interior? Não nos obriga essa pobreza interior a procurar, aceitar e apegar-nos a fórmulas, esperanças, dogmas, credos, bens materiais ? Nossa ação não é então meramente imitativa e forçada ? Ancorado por essa maneira a uma ideologia ou credo, converte-se o nosso pensar num simples processo de agrilhoamento.

O nosso pensamento está condicionado pelo passado; o "eu" é o resultado de experiências

armazenadas, sempre incompletas. A lembrança do passado está sempre absorvendo o presente; o "ego", que é a lembrança do prazer e da dor, está sempre a acumular e rejeitar, forjando de contínuo novas cadeias para o seu próprio condicionamento. Constrói e destrói, continuamente, mas sempre dentro da prisão por êle mesmo criada. À lembrança agradável, êle se apega, rejeitando a desagradável. O pensamento deve de transcender êsse condicionamento, para que o Real seja.

Avaliar é correto pensar? Escolha representa pensar condicionado; teremos o verdadeiro pensar quando compreendermos o que escolhe, o censor. Enquanto estiver o pensamento ancorado num credo ou ideologia, só poderá funcionar dentro dessa limitação; só poderá sentir e atuar dentro dos limites de seus preconceitos; só poderá *viver* de acôrdo com as próprias lembranças, continuadoras do "ego" e da prisão em que êste nos mantém. O pensamento condicionado embarga ó verdadeiro pensar, em que não há avaliação nem identificação.

É necessária observação pessoal, vigilante e não seletiva; escolher é avaliar, e o avaliar robustece a memória, que é o próprio "ego". Se desejamos compreender profundamente, requer-se vigilância passiva com abstenção de escolha, a qual vigilância permita à experiência

desdobrar-se e revelar-nos o seu significado. A mente que busca segurança no Real, cria sòmente ilusões. O Real não é um refúgio; não é uma recompensa da virtude; não é um fim para ser conquistado.

P e r g u n t a : *Não devemos pôr em dúvida a vossa experiência e vossas palavras? Embora condenem certas religiões a dúvida, por considerá-la como algemas, não é a dúvida, como haveis dito, um unguento precioso, uma necessidade* .

K r i s h n a m u r t i : Não é importante descobrir-se por que surge a dúvida? Qual é a causa da dúvida? Não surge ela quando seguimos a outrem? O problema não é, pois, a dúvida, porém a causa da aceitação de autoridade. Porque aceitamos, porque seguimos autoridade ?

Seguimos a autoridade de outro, a experiência de outro, e depois duvidamos dela. Êsse desejo de autoridade e a sua consequência, a desilusão, constitui um processo penoso para a maioria de nós. Reprochamos ou criticamos a autoridade, o guia, o mestre que uma vez aceitamos, mas não examinamos o nosso próprio anseio por uma autoridade que nos guie e conforte. Uma vez compreendido êsse anseio, compreenderemos também o significado da dúvida.

Não existe em nós uma tendência profundamente arraigada a procurarmos um guia, a aceitarmos uma autoridade? De onde procede êsse impulso? Não procede de nossa própria incerteza, de nossa própria incapacidade de conhecer sempre o que é verdadeiro? Necessitamos de outrem que desenhe para nós o mapa que nos guiará pelo mar do autoconhecimento; desejamos segurança, desejamos um refúgio seguro e seguimos, por isso, a qualquer que nos queira dirigir. A incerteza e o temor levam-nos a procurar quem nos guie, obrigando-nos à obediência e à veneração da autoridade; a tradição e a educação criam para nós muitos padrões de obediência. Se por vêzes não aceitamos nem obedecemos aos símbolos da autoridade exterior, é porque criamos nossa própria autoridade interior, a voz sutil do nosso "ego". Mas, pela obediência não se pode conhecer a liberdade. A liberdade chega-nos com a compreensão, não pela aceitação de autoridade, não pela imitação.

O desejo de expansão pessoal gera a obediência e a aceitação, as quais, por sua vez, dão azo à dúvida. Aquiescemos e obedecemos, porque desejamos expandir o nosso "ego", com o que renunciamos ao pensar. A aceitação priva-nos do pensar e impele-nos à dúvida. A experiência, principalmente a chamada experiên-

cia religiosa, oferece-nos um grande deleite e tomamo-la por guia, por norma. Mas, quando essa experiência já nos não sustenta nem inspira, começamos a duvidar dela. Só se manifesta dúvida a respeito de algo que admitimos anteriormente. Mas não achais absurdo, irrefletido, aceitar o que outrem sentiu? Vós é que deveis pensar e sentir, plena e profundamente, vós é que deveis estar acessíveis ao Real. Não podeis estar abertos se vos pondes sob o manto da autoridade, seja de outrem seja daquela que vós mesmos criastes. Muito mais importante é o compreender o desejo de autoridade, de guia, do que aprovar ou desaprovar a dúvida. Compreendido o nosso desejo de orientação, desaparece a dúvida. Não há lugar para a dúvida no "estado criador".

Está sempre em conflito quem se apega ao passado, à memória. A dúvida não faz terminar o conflito; só depois de compreender-se o anseio pode haver a felicidade suprema do Real. Cuidado com o homem que afirma saber.

P e r g u n t a : Desejo compreender a mim mesmo. Desejo pôr côbro às minhas lutas estúpidas e fazer um esfôrço decidido para viver plena e verdadeiramente.

K r i s h n a m u r t i : Que quereis dizer quando empregais a expressão "a *mim* mes-

mo" ? Como sois múltiplo e estais sempre a modificar-vos, existe algum momento em que possais identificar o vosso "eu permanente"? É a entidade múltipla, o feixe de lembranças que cumpre compreender-se, e não a entidade aparentemente singular que se chama, a si mesma, "eu".

Nós somos pensamentos-sentimentos em perpétua mutação e contradição: amor e ódio, calma e cólera, inteligência e ignorância. Ora, onde está o "eu", no meio de tudo isso ? Devemos escolher o que mais nos agrade e desfazer-nos do resto ? A quem cabe compreender essas entidades pessoais contraditórias e em conflito umas com as outras ? Haverá um "eu" permanente, uma entidade espiritual, independente delas ? Mas não será também êsse "eu" o resultado e a continuação do conflito de várias entidades ? Existe um "eu" sobranceiro a tôdas essas entidades contraditórias? A verdade, a êsse respeito, só pode conhecer-se depois de ser compreendida e transcendida a nossa heterogênea personalidade.

Foram tôdas essas entidades contraditórias que constituem o "ego", que também fizeram nascer o outro "eu", o observador, o analista. Para compreender a mim mesmo, cumpre-me compreender as várias partes de que sou constituído, inclusive o "eu" que se tornou o observa-

dor, o "eu" que compreende. Deve o pensante não sòmente compreender seus numerosos e contraditórios pensamentos, mas deve compreender-se a si mesmo como o criador dessas várias entidades. O "eu", o pensante, o observador, observa seus pensamentos-sentimentos que se opõem e se chocam recìprocamente, como se não fôsse parte dêles, como se estivesse sobranceiro a êles, "controlando-os", guiando-os, moldando-os. Mas o "eu", o pensante, não está também identificado com êsses conflitos ? Êle não os criou ? Em qualquer nível que seja, está o pensante separado dos seus pensamentos ? O pensante é o criador de impulsos opostos, assumindo papéis diferentes em ocasiões diferentes, a seu talante. Para compreender a si mesmo deve o pensante reconhecer a si próprio nos seus múltiplos aspectos. Uma árvore não é só a flor e o fruto, mas o todo que ela representa. Idênticamente, para compreender-me a mim mesmo, devo, sem identificação nem escolha, estar consciente do todo que sou "eu".

Como pode haver compreensão quando uma parte é empregada como meio de compreender a outra ? É possível compreender-se uma contradição por meio de outra contradição ? Só há compreensão quando desaparece totalmente a contradição, quando o pensamento não se identifica com a parte.

É, pois, importante compreender o desejo de condenar ou aprovar, de justificar ou comparar, porquanto é êsse desejo que impede a plena compreensão do "todo". Quem é êsse juiz, essa entidade que compara e analisa? Não é um aspecto, sòmente, do todo, um aspecto do "eu", que está sempre a manter o conflito? Não se dissolve o conflito pela intromissão de outra entidade que manifeste condenação, justificação ou amor. Só na liberdade pode haver compreensão, mas a liberdade é negada quando o observador, identificando, condena ou justifica. Só quando se compreende o todo, pode o pensar correto abrir a porta que conduz ao Eterno.

Pergunta: Como sois tão contra a autoridade, existem sinais inequívocos, pelos quais se possa reconhecer, objetivamente, a libertação de outro indivíduo, independentemente da afirmação pessoal do próprio indivíduo de a haver conseguido?

Krishnamurti: Temos aqui, mais uma vez, o problema da aceitação de autoridade, de outro modo enunciado. Não o achais? Suponha-se que um indivíduo afirme ter-se libertado, que importância tem isso para outro? Suponhamos que estejais livres do sofrimento, que importância tem isso para outro? O que

importa é procurar o indivíduo libertar-se da ignorância, porquanto é a ignorância a causa do sofrimento. Assim, pois, o principal não é saber quem conseguiu a libertação, porém saber libertar o pensamento das cadeias do "ego", origem de seus sofrimentos. A maioria de nós não se interessa por êsse ponto essencial, mas sòmente pelos sinais exteriores pelos quais seja possível reconhecer-se aquêle que se libertou, a fim de que êle venha curar os nossos males. Desejamos ganho, em vez de compreensão; nosso desejo de orientação, de confôrto, faz-nos aceitar a autoridade e por essa razão vivemos sempre à procura de especialistas. Sois vós a causa de vosso sofrimento e sòmente vós o podeis compreender e transcender; ninguém pode libertar-vos da ignorância, senão vós mesmos.

Não importa saber-se quem conseguiu a libertação; o que importa é que estejais cônscios de vossas atitudes e da maneira como acolheis o que se vos diz. Costumamos ouvir as palavras de outrem com esperança e temor; buscamos a luz de outro, porém não nos pomos vigilantemente passivos para compreender. Se o indivíduo libertado parece satisfazer os nossos desejos, nós o aceitamos; se não, prosseguimos em busca de outro que os satisfaça. O que deseja a maioria de nós é a satisfação, em diferentes planos. O que releva não é reconhecer-se o indiví-

duo liberto, porém comprenderdes a vós mesmo. Autoridade alguma, nem agora, nem nunca, pode dar-vos o autoconhecimento; sem autoconhecimento não há libertação da ignorância e do sofrimento.

Sois o criador do sofrimento, porque sois o criador da ignorância e da autoridade; vós criais o guia, e depois o seguis. Vosso anseio molda o padrão de vossa vida religiosa e mundana. É essencial, portanto, que compreendais a vós mesmo e transformeis, assim, a maneira de viverdes. Procurai perceber a razão por que seguis a outrem, a razão por que procurais a autoridade, por que ansiais por uma orientação de vossa conduta; procurai perceber o funcionamento do anseio. A mente-coração insensibilizou-se, em virtude do temor e da satisfação derivados da autoridade, mas, com a percepção profunda do pensamento-sentimento, vem-nos o tonificante alento da vida. Pela vigilância não seletiva, chegareis a compreender o processo integral do vosso ser; pela vigilância passiva alcançareis o esclarecimento.

P e r g u n t a : Embora já tenhais respondido a muitas perguntas sôbre a meditação, noto que nada dissestes ainda acêrca da meditação coletiva. Devemos meditar com outros ou a sós ?

K r i s h n a m u r t i : Que é meditação ? Não é ela a compreensão das atividades de nosso "ego", não é ela autoconhecimento ? Sem autoconhecimento, sem a percepção do processo do "eu", em sua inteireza, carece de realidade a base sôbre que formais o vosso caráter, carece de realidade o objetivo pelo qual lutais. O autoconhecimento é o comêço da verdadeira meditação. Pois bem; compreendereis a vós mesmos, a sós, ou em companhia de muitos ? Êsses muitos podem ser um empecilho à meditação, como também o pode ser o estar só. O próprio pêso da ignorância de muitos que não compreendem a si próprios pode subjugar o indivíduo que esteja empenhado em compreender-se pela meditação. O grupo poderá estimular o indivíduo, mas estímulo é meditação ? A dependência de um grupo gera conformidade; a adoração ou prece em conjunto nos torna acessíveis a sugestões e influências, privando-nos do pensar.

A meditação no isolamento pode, também, criar empecilhos e fortalecer os preconceitos do indivíduo e o seu apêgo aos padrões a que se submeteu. Não havendo flexibilidade, não havendo ardorosa vigilância, o mero "viver só" fortalece as tendências e idiossincrasias da pessoa, solidifica os hábitos e aprofunda as rotinas do pensamento-sentimento. Sem compreender-se o significado da meditação, o meditar solitá-

rio pode redundar em egocentrismo, no estreitar da mente-coração pela autodecepção, e no fortalecimento da obstinação e da credulidade.

Assim, pois, quer mediteis em grupo, quer o façais a sós, pouca importância tem isso se não compreender-se devidamente o significado da meditação. A meditação não é concentração; ela é atividade criadora, que nos leva ao descobrimento e à compreensão de nós mesmos. A meditação não é um processo de vir a ser pessoal; uma vez que se inicia com o autoconhecimento, traz-nos a tranqüilidade e a suprema sabedoria, abrindo-nos a porta para o Eterno. Tem a meditação por fim fazer-nos conhecer o "ego" no seu todo. O "ego" é resultado do passado e não existe no isolamento. É um composto. As muitas causas que lhe deram existência precisam de ser compreendidas e transcendidas. Sòmente pela percepção e meditação profundas, pode verificar-se a libertação do anseio, do "ego". É só aí que há a verdadeira solidão. Mas, quando meditais isoladamente não estais sós, porquanto sois o resultado de inumeráveis influências e fôrças contraditórias. Sois um resultado, um produto, e tudo o que é constituído de partes, selecionado, ajuntado, não pode compreender o que não o é. Quando o pensante e seu pensamento são um só, tendo transcendido tôda e qualquer formulação, existe aquela tranqüili-

dade na qual, tão sòmente, se encontra o Real. Meditar é penetrar as múltiplas camadas condicionadas e disciplinadas da consciência.

Já que somos egotistas e vivemos entre conflitos e sofrimentos, é essencial que estejamos intensamente vigilantes, porquanto por meio do autoconhecimento liberta-se o pensamento-sentimento dos empecilhos que êle próprio criou e que são a malevolência e a ignorância, a mundanidade e o desejo. E' essa compreensão meditativa que é criadora; essa compreensão não implica retraimento nem exclusão, mas sim uma solidão espontânea.

Quanto mais vigilante fôr a nossa meditação nas chamadas horas de vigília, tanto menos sonharemos e tanto menor o temor e a ânsia relativamente à interpretação de nossos sonhos. Porque, na autovigilância das horas de vigília, as diferentes camadas da consciência vão sendo descobertas e compreendidas, e, no sono, há a continuação da vigilância. A meditação não é para um determinado período, sòmente; ela deve ser praticada tanto nas horas de vigília como nas de sono. Quando dormimos, em virtude da adequada vigilância meditativa das horas de vigília, pode o pensamento descer a profundidades grandemente significativas. A meditação continua mesmo durante o sono.

A meditação não é um hábito; não é o cultivo de um hábito. A meditação é a percepção exaltada. O mero hábito embota a mente-coração, porquanto denota anulação do pensar e produz a insensibilidade. A verdadeira meditação é uma atividade libertadora, é autodescobrimento criador, que liberta dos seus vínculos o pensamento-sentimento. Só na liberdade existe o Real.

P e r g u n t a : *Ao tratardes do problema da doença, aventastes o conceito da tensão psicológica. Se bem me lembro, declarastes que tanto o desuso como o abuso da tensão psicológica causam a doença. A moderna psicologia, entretanto, encarece a necessidade de afrouxar, de aliviar a tensão nervosa, etc. Que achais ?*

K r i s h n a m u r t i : Não devemos estar tensos, se desejamos compreender ? Enquanto ouvis esta palestra, não estais atentos, em tensão ? A vigilância não consiste numa tensão de adequada intensidade ? É necessária vigilância, para que haja compreensão; requer-se atenção em alto grau, para compreender-se o pleno significado de um problema. O afrouxar da tensão é necessário e às vêzes benéfico, mas, para que haja profunda compreensão, não é necessária vigilância, i.e., tensão adequada ? Não é necessário retesar as cordas de um violino,

para afiná-las? Se as distendemos em excesso, elas se partem, e se as não distendemos na medida exata, não produzirão o tom adequado. Idênticamente, nós nos alquebramos quando submetidos a tensão excessiva os nossos nervos; a tensão que excede a capacidade de resistência produz desordens mentais e físicas de vária ordem.

Mas não é a vigilância — o dilatar e retesar da mente-coração — necessária para que haja compreensão? Resulta o compreender de afrouxamento da tensão, de desatenção, ou surge com a vigilância isenta daquela tensão própria do desejo de posse, de ganho? Não é a tranqüilidade vigilante necessária à compreensão profunda?

A tensão tanto pode melhorar como piorar. Não há tensão na vida de relação, em todos os seus aspectos? Torna-se essa tensão prejudicial quando a vida de relação se converte num meio de fuga de nossa própria insuficiência, num abrigo no qual buscamos proteger-nos do autodescobrimento, que achamos doloroso. Torna-se nociva a tensão quando a vida de relação embrutece e já não é uma atividade reveladora do que somos. Servimo-nos, em geral, da vida de relação como meio de satisfação e exaltação pessoais, mas, quando ela não nos presta êsse serviço, cria-se uma tensão maléfica, a qual con-

duz à frustração, ao despeito, à decepção e ao conflito. Enquanto existir anseio egoísta, existirá essa nociva tensão psicológica, nascida da insuficiência interior e que é causadora de ilusões e infelicidade. Mas, para compreendermos o nosso vazio, nossa dolorosa solidão, é indispensável que haja vigilância adequada, tensão apropriada. A tensão produzida pela avidez, pelo temor, pela ambição, pelo ódio, é perniciosa, é causadora de males psíquicos e físicos, e, para que possamos transcender essa tensão, requer-se vigilância, com abstenção de escolha.

O anseio, o desejo, que se expressa por maneiras várias, tanto no mundo material como no chamado espiritual, dá origem a conflitos em todos os estratos de nossa consciência. A tensão de vir a ser é conflito e sofrimento sem fim. Percebendo o conflito e compreendendo-o, liberta-se o pensamento da ignorância e do sofrimento.

X

Existe um estado permanente de tranqüilidade criadora ? Existe um fim para a aparentemente interminável luta dos opostos ? Existe um êxtase imperecível ?

O fim do conflito e do sofrimento é alcançado quando compreendemos e transcendemos as tendências do "ego" e quando descobrimos aquela Realidade imorredoura, que não é criação da mente. E' difícil o autoconhecimento, mas sem êle continua a existir ignorância e dor; sem autoconhecimento não pode haver têrmo à luta.

O mundo está partido em múltiplos fragmentos, cada um dêles a contender com os outros; o mundo está dividido pelo antagonismo, pela avidez e pela paixão; fracionado por ideologias, crenças e temores, a se guerrearem mùtuamente. Nem a religião organizada, nem a atividade política podem trazer a paz ao homem. O homem está contra o homem, e as numerosas explicações de sua infelicidade não afastam a dor que o aflige. Temos tentado fugir de nós mesmos por maneiras variadas e engenhosas,

mas a fuga só tem o efeito de embotar e insensibilizar a mente-coração. O mundo exterior é apenas uma expressão de nosso próprio estado interior; como, interiormente, estamos divididos e dilacerados por desejos ardentes, nas mesmas condições está o mundo que nos rodeia; porque existe um tumulto incessante dentro em nós, existe também um conflito interminável no mundo; porque não temos tranqüilidade interior, o mundo se converteu em campo de batalha. O que somos, o mundo é.

Existe possibilidade de se encontrar alegria duradoura? Existe; mas, para vivermos essa alegria, é preciso que haja liberdade. Sem a liberdade, não pode ser descoberta a verdade; sem a liberdade, não é possível o conhecimento do Real. A liberdade deve ser procurada com diligência. Libertai-vos dos que se dizem salvadores, mestres, guias; libertai-vos das muralhas egocêntricas do bem e do mal; libertai-vos de autoridades e modelos; libertai-vos do "ego", o causador de conflito e sofrimento.

Enquanto o anseio, nas suas diferentes formas, não fôr compreendido, haverá conflito e sofrimento. O conflito não terminará com uma nova e superficial definição dos valores, nem com trocas de mestres e guias. A solução definitiva se encontra no libertar-nos do anseio; não está noutro, porém em vós mesmos, o meio

de o conseguirdes. A batalha incessante que se trava dentro de todos nós e a qual chamamos viver, não terá desfecho enquanto não compreendermos e transcendermos o anseio.

O conflito da aquisição manifesta-se nas atividades culturais, na vida de relação, na acumulação de bens materiais. A tendência aquisitiva, sob qualquer forma que seja, gera a desigualdade e a brutalidade. Tal divisão e conflito entre os homens não podem ser abolidos por uma simples reforma dos efeitos e valores externos. A igualdade de posses não é a saída pela qual nos livraremos das tribulações e da estupidez que em escala tão vasta nos circundam e envolvem. Revolução alguma pode libertar o homem do espírito de exclusividade. Despojai-o de seus bens, mediante a legislação pela revolução, e vê-lo-eis apegar-se à exclusividade nas suas relações ou crenças. O espírito de exclusividade, nos seus diferentes planos, não pode ser abolido mediante reforma exterior, nem mediante compulsão ou disciplinamento. É, todavia, êsse espírito de exclusividade que gera desigualdade e dissenção. A tendência aquisitiva não lança o homem contra o homem ? Pode implantar-se a igualdade e a compaixão por qualquer meio concebido pela mente ? Não é necessário procurá-las em outra parte ? Não cessa a exclusi-

dade, apenas, quando reina o Amor, quando reina a Verdade ?

A unidade humana só pode encontrar-se no amor, no esclarecimento que nos traz a Verdade. Essa unidade do homem não pode estabelecer-se mediante simples ajustamento econômico e social. O mundo está perenemente ocupado nesse superficial ajustamento; está sempre tentando reordenar os valores, dentro do padrão da vontade aquisitiva; quer assentar a segurança na base insegura do desejo e, com isso, só atrai desastres. Contamos que uma revolução externa, uma reforma exterior dos valores, transformem o homem. Embora, sem dúvida, essas coisas produzam certos efeitos no homem, a sua vontade aquisitiva, encontrando satisfação em outros planos, continua a existir. Essa atividade aquisitiva, infinita e vã, não pode em tempo algum trazer a paz ao homem, e é só quando o indivíduo está livre dela que pode haver o estado criador.

A aquisição cria a divisão dos que estão à frente e dos que ficam atrás. Deveis de ser simultâneamente Mestre e discípulo na busca da Verdade; deveis de investigar diretamente, sem o conflito de oposição entre modêlo e imitador. É preciso haver persistente autovigilância, e quanto mais fordes diligentes e ardorosos, tanto

mais se libertará o pensamento dos vínculos por êle próprio criados.

Na bem-aventurança do Real não existe "experiente" nem "experiência". Uma mente-coração sobrecarregada das lembranças do passado não pode viver no eterno presente. Deve a mente-coração morrer em cada dia, para que haja Eternidade.

Pergunta: Sinto que, pelo menos para mim, o que dizeis é algo de novo e altamente vitalizante, mas o que trazemos do passado sempre se insinua no que é novo e o desfigura. Parece-me que o novo é sempre superado pelo velho, pelo passado. Que fazer?

Krishnamurti: O pensamento é o resultado do passado a atuar no presente; as vagas do passado estão de contínuo submergindo o presente. O presente, o novo, está sempre sendo absorvido pelo passado, o conhecido. Para se viver no presente eterno, é necessário morrer para o passado, para a memória; nesta morte há renovação, sem a limitação do tempo.

Estende-se o presente para o passado e para o futuro; sem compreender-se o presente, fica-nos fechada a porta para a compreensão do passado. É tão fugaz a percepção do que é novo; nem bem o sentimos e já o submerge a rápida corrente do passado, e o novo deixa de existir.

Morrer para todos os dias passados, viver cada dia renovadamente — tal só é possível se formos capazes de estar passivamente vigilantes. Nessa vigilância passiva nada se nos acrescenta; nela há uma tranqüilidade intensa, na qual se assiste ao desenrolar perene do novo, na qual o silêncio se estende infinitamente.

Procuramos servir-nos do novo como meio de destruir ou consolidar o velho, e com isso corrompemos o presente, em que palpita a vida. O presente renova, e dá-nos a compreensão do passado. É sempre o novo que dá compreensão, e na sua luz assume o passado um significado novo e vivificante. Quando ouvimos uma coisa nova, ou a sentimos em nós, nossa reação instintiva é compará-la com o velho, com algo já conhecido e sentido, com uma lembrança já quase a apagar-se. Essa comparação dá fôrça ao passado, desfigura o presente, e por essa razão se transforma o novo sempre em coisa passada e morta. Se fôsse o pensamento-sentimento capaz de viver no presente, sem o desfigurar, veríamos, então, o passado transformar-se no presente eterno.

Para alguns de vós terão, porventura, estas palestras e exposições despertado uma compreensão nova e estimulante; o que agora importa é que se não ajuste o novo a velhos padrões de pensamento ou velhas fraseologias. Deixai o novo como está, livre de contaminação. Se fôr

êle verdadeiro, a sua luz abundante e criadora dissipará o passado. O desejo de dar permanência ao presente criador, de torná-lo prático ou útil, despoja-o de seu valor. Deixai que o novo viva, sem estar ancorado no passado, sem a influência deformadora de temores e esperanças.

Morrei para vossa experiência, para vossas lembranças. Morrei para vossos preconceitos, agradáveis ou desagradáveis. Morrer assim é tornar-se incorruptível; tal estado não é de aniquilamento, porém de criação. É essa renovação que, se o permitirmos, dissolverá os nossos problemas, por mais complicados, e os nossos sofrimentos, por mais intensos que sejam. Só na morte do "ego" haverá a vida.

Pergunta: Acreditais em "karma"?

Krishnamurti: O desejo de crer deve ser compreendido e logo afastado, por não trazer esclarecimento. Quem, de fato, busca a Verdade não tem crença; quem investiga a Verdade não tem dogma nem fé; quem busca o Atemporal, deve estar livre de fórmulas e daquela qualidade de memória que nos prende ao tempo. Quem crê não investiga, e tôda crença acarreta dúvida e sofrimento. Procurai compreender e não — saber; porque, quando compreendemos desaparece o processo dual do sapiente e da coisa sabida. Na mera busca de sa-

ber está o sapiente num contínuo processo de vir a ser e por isso em conflito e sofrimento constantes. Quem afirma saber não sabe.

A raiz da palavra sânscrita "karma" significa atuar, fazer. Tôda ação resulta de uma causa. A guerra resulta de nossa vida cotidiana, de estupidez, malevolência e avidez; o conflito e o sofrimento são o produto do tumulto interior ocasionado pelo nosso ansiar. Nossa existência não é produto do condicionamento que nos acorrenta ? A causa está sempre a sofrer modificação sendo necessária vigilância intensa para segui-la e compreendê-la. A vigilância silente e imparcial não sòmente revela a causa, mas também liberta dela, o pensamento-sentimento. Pode separar-se o efeito da causa ? Não está o efeito sempre presente na causa ? Desejamos reformar, reagrupar os efeitos, sem modificarmos radicalmente a causa. Êste ocupar-nos do efeito é uma maneira de fugir da causa básica.

Assim como o fim está contido no meio, assim também está o efeito contido na causa. É relativamente fácil descobrir-se a causa superficial, mas descobrir e transcender o desejo, a causa profunda de todo condicionamento é difícil, requerendo vigilância constante.

P e r g u n t a : Não sòmente existe temor à vida, mas também é grande o temor à morte. Como posso dominar êsse temor?

K r i s h n a m u r t i : O que se pode dominar tem de ser dominado repetidamente. O temor só pode desaparecer por meio da compreensão. O temor da morte reside no anseio de autopreenchimento; somos vazios e ansiamos plenitude, e por isso existe o temor; desejamos realizar algo, e por isso tememos o chamado da morte. Desejamos tempo para alcançar a compreensão; a realização da ambição requer tempo; por essa razão, tememos a morte. Estamos na prisão do tempo; a morte é o desconhecido e o desconhecido aterra-nos. O mêdo e a morte são os companheiros da vida. Desejamos uma garantia de nossa continuidade pessoal. O pensamento-sentimento move-se do conhecido para o conhecido, sempre temeroso do desconhecido. O pensamento-sentimento transita de acumulação para acumulação, de lembrança para lembrança, e o temor da morte é o temor da frustração.

Porque somos como os mortos, tememos a morte; os que vivem não a temem. Os mortos estão onerados do passado, da memória, do tempo, mas para os que vivem o presente é eterno. O tempo não é um meio para se chegar a um

fim — o Atemporal — porque o fim está no começo. O "ego" tece a rêde do tempo e o pensamento é colhido por ela. A insuficiência do "ego", a sua dolorosa vacuidade, causa o temor da morte e da vida. Êsse temor está sempre conosco : em nossas atividades, nossos prazeres e dores. Mortos que estamos, procuramos a vida — mas a vida não está na continuidade do "ego". O "ego"," o criador do tempo deve render-se ao Atemporal.

Quando a morte fôr para vós um problema realmente importante, e não um puro conceito verbal ou emocional, nem objeto de curiosidade fácil de satisfazer por meio de explicações, haverá então, dentro em vós, um silêncio profundo. Na tranqüilidade ativa desaparece o temor; o silêncio tem a sua própria virtude criadora e vitalizante. Não se transcende o temor pela racionalização, pelo estudo de explicações. O temor da morte não atinge o seu têrmo por meio de uma crença qualquer, porque também a crença está na rêde do "ego". O próprio arruído do "ego" impede a sua dissolução. Consultamos, analisamos, oramos, permutamos explicações; essa atividade e rumor incessante, do "ego", é um obstáculo à bem-aventurança do Real. Ruído só pode produzir mais ruído, e nisso não existe compreensão.

Vem-nos a compreensão, quando todo o nosso ser está em vigilância profunda e silenciosa. A vigilância silenciosa não se consegue nem pela compulsão nem pela persuasão; nesta tranqüilidade a morte rende-se à criação.

P e r g u n t a : *Nunca me ocorreu a idéia de que eu fôsse capaz de alcançar a libertação. O máximo que posso conceber é que talvez me fôsse possível manter e fortalecer aquela relação inteiramente incompreensível que tenho com Deus e que é a única coisa que me sustenta na vida; e na verdade, nem isso eu sei o que é.*

Falais a respeito de "ser" e "vir a ser". Percebo que, fundamentalmente, estas palavras denotam atitudes diferentes, e a minha atitude sempre foi, decididamente, a de vir a ser. Desejo, agora, transformar em "ser" o que até agora "vinha a ser". Estou enganando a mim mesmo? Não desejo sòmente trocar nomes.

K r i s h n a m u r t i : Devemos primeiramente compreender o processo de "vir a ser" e tudo o que nêle está implícito antes de podermos compreender o que é "ser". Não se baseia no tempo a estrutura de nosso pensamento-sentimento? Não pensamos e sentimos em têrmos de ganho e perda, de vir a ser e não vir a ser? Julgamos que a Realidade ou Deus pode ser alcançado com o tempo, com o vir a ser. Ima-

ginamos a vida como uma escada pela qual ascenderemos a alturas cada vez maiores. Nosso pensamento-sentimento está colhido no processo horizontal do "vir a ser"; o que vem a ser está sempre acumulando, sempre adquirindo, sempre a expandir-se. O "ego", o que vem a ser, o criador do tempo, jamais pode conhecer o Atemporal. O "ego", que quer vir a ser, é a causa do conflito e do sofrimento.

O "vir a ser" leva-nos ao "ser"? Pode-se, pelo tempo, alcançar o Atemporal? Pode-se, pelo conflito, atingir a tranqüilidade? Pode-se, pela guerra, pelo ódio, chegar ao amor? — Só depois de extinguir-se o vir a ser, há o "ser"; no processo horizontal do tempo não se encontra o Eterno; o conflito não conduz à tranqüilidade; o ódio não pode ser transformado em amor. O que quer "vir a ser" nunca pode estar em tranqüilidade. Nunca pode o ansiar conduzir ao que está além e acima de todos os anseios. Só se parte a cadeia do sofrimento quando o que quer vir a ser desiste de vir a ser, positiva ou negativamente.

Deseja agora o que quer vir a ser traduzir o seu "vir a ser" em "ser". Reconhecendo, talvez, a inanidade de "vir a ser", deseja transformar êsse processo em "ser". Em vez de "vir a ser", quer agora ser. Percebendo o sofrimento acarretado pela avidez, deseja convertê-la em não

avidez; assumiu uma nova atitude, adotou uma nova roupagem que se chama não avidez; entretanto, continua êle a vir a ser. Êsse desejo de traduzir o "vir a ser" em "ser" não conduz à ilusão? Percebe, agora, talvez, o que quer vir a ser o interminável conflito e sofrimento contido no "vir a ser" e aspira por isso a um estado diferente, que êle chama "ser"; mas subsiste o anseio, sob um nome novo. São muito sutis as particularidades do "vir a ser", e enquanto o que quer vir a ser não estiver cônscio delas, continuará a vir a ser, a estar em conflito e aflição. Mediante uma troca de têrmos, julgamos compreender, e como é fácil pacificarmos a nós mesmos !

Só há o ser quando não existe esfôrço, positivo ou negativo, de vir a ser. É só quando o que quer vir a ser está vigilante de si próprio e compreende o agrilhoante sofrimento e o inútil esfôrço de vir a ser e quando já não se serve da vontade — é só então que êle poderá estar em silêncio. O desejo e a vontade se acalmaram : só então existe a tranqüilidade da suprema sabedoria. Tornar-se não ávido é uma coisa e ser isento da avidez, outra. "Vir a ser" implica movimento, o "ser", não. Todo movimento implica o tempo; o "ser" não é um resultado, não é produto da educação, de disciplina e condicionamento. Não se pode transformar rumor em silêncio; só pode haver silêncio

quando cessa o rumor. Todo resultado é um processo temporal, um fim determinado que se alcança por um meio determinado; ora, através de um processo, através do tempo, não é possível atingir-se o Atemporal. A autovigilância e a verdadeira meditação revelarão o processo de vir a ser. A meditação não é um meio de cultivar o que quer "vir a ser", porquanto o autoconhecimento elimina o meditador, o que quer "vir a ser".

Pergunta: Se bem ponderamos o evidente significado de vossas palavras, constitui a memória um dos mecanismos contra os quais vós nos tendes prevenido, repetidamente. Todavia, vós mesmo, por exemplo, vos servis de apontamentos para vos ajudarem a reconstruir os preâmbulos de vossas palestras, os quais, sem dúvida, meditastes prèviamente. Existe uma espécie de memória necessária e mesmo indispensável, relacionada com o mundo exterior dos fatos e das formas e outra espécie de memória inteiramente diferente, que se poderia chamar memória psicológica e que é prejudicial, uma vez que perturba o estado criador a que tendes aludido em expressões tais como "repousar como a terra", "morrer cada dia", etc.?

Krishnamurti: A memória é experiência acumulada e o que está acumulado

é o que se sabe, e o que se sabe é sempre coisa passada. Com essa carga de lembrança é possível descobrir-se o que está fora do tempo, o Atemporal? Não é necessário estarmos libertos do passado para que possamos conhecer o Imensurável? O que é constituído de partes, isto é, a memória, não pode compreender o que não o é. A sabedoria não é memória acumulada, porém, antes, suprema receptibilidade para o Real.

Não devemos, como sugere o consulente, estar cônscios das duas espécies de memória: a memória indispensável, que se refere aos fatos e formas, e a memória psicológica? Sem aquela memória indispensável seria impossível comunicar-nos uns com os outros. Nós acumulamos as lembranças psicológicas e a elas nos apegamos, dando assim continuidade ao "ego"; conseqüentemente, o "ego", o passado, cresce contìnuamente, pois está sempre acrescentando algo a si próprio. É essa memória cumulativa, o "ego", que cumpre desaparecer; enquanto o pensamento-sentimento continuar a identificar-se com as lembranças do passado, viverá em perene conflito e sofrimento; enquanto o pensamento-sentimento continuar a vir a ser, não poderá conhecer a bem-aventurança do Real. O Real não é constituído pela continuidade da memória que identifica. Em conformidade com

o que foi armazenado na memória, o indivíduo sente a vida. Em correspondência com o condicionamento, as lembranças e tendências psicológicas do indivíduo, acumula-se a sua experiência da vida, mas essa experiência é sempre circunscritiva e limitadora. Para essa acumulação deve o indivíduo morrer.

Pode a experiência do Real basear-se em lembranças, em acumulação? Não é possível o pensamento-sentimento ultrapassar e transcender essas camadas inter-relacionadas da memória? Continuidade é memória; mas, é possível desaparecer essa memória e apresentar-se um novo estado? Pode a consciência disciplinada e condicionada compreender aquilo que não é um resultado? Não pode; e por isso é preciso que ela morra para si mesma. A memória psicológica, sempre empenhada em vir a ser, cria resultados, barreiras e, assim, está perenemente a escravizar-se. É para êsse vir a ser que deve morrer o pensamento-sentimento; é só pela constante autovigilância que perece essa memória que se identifica com o "ego". Não pode ela desaparecer por um ato de vontade, porque vontade é desejo, e o desejo é a acumulação da memória que identifica.

A verdade não pode ser expressa numa fórmula, e nem existe preceito ou crença que nos possa levar ao seu descobrimento. Só quando

estamos livres do vir a ser, da memória que se identifica com o "ego", surge a Verdade. Nosso pensamento é o resultado do passado e, sem compreendermos o seu condicionamento, não pode êle transcender-se a si próprio. O pensamento-sentimento torna-se escravo de sua própria criação, de sua própria capacidade de gerar ilusões, quando não está cônscio de suas tendências peculiares. É só quando o pensamento deixa de formular que pode haver criação.

Pergunta: As imagens dos santos, dos Mestres, não nos ajudam a meditar adequadamente?

Krishnamurti: Se desejais ir para o norte, porque vos voltais para o sul? Se desejais ser livres, por que tornar-vos escravos? Para conhecerdes a sobriedade deveis de embebedar-vos? Precisais da tirania, para conhecerdes a liberdade?

Como a meditação é da máxima importância, devemos entrar nela adequadamente. Os meios justos criam os fins justos; o fim está no meio. Os meios errôneos produzem fins errôneos e em tempo algum os meios errôneos trarão fins justos. Matando a outrem, fareis nascer a tolerância e a compaixão? Só o verdadeiro meditar pode produzir a verdadeira compreensão.

É essencial, para quem medita, compreender a si mesmo, não os objetos de sua meditação, por que o que medita e o seu meditar são um só, não estão separados um do outro. Sem compreendermos a nós mesmos, torna-se a meditação um processo de auto-hipnose, em que atraímos os nossos estados de alma de acôrdo com o nosso condicionamento, com a nossa crença. Quem sonha deve compreender a si próprio, e não os seus sonhos; deve despertar e pôr têrmo a êles. Se quem medita busca um fim, um resultado, êle hipnotizará então a si mesmo, pela fôrça dêsse desejo. A meditação é muitas vêzes um processo auto-hipnótico; pode produzir certos resultados desejados, mas essa espécie de meditação não traz esclarecimento.

O autor da pergunta deseja saber se os modelos nos ajudam a meditar corretamente. Podem êles ajudar a concentrar, focar a atenção, mas êsse concentrar não é meditação. A mera concentração, embora incômoda, é relativamente fácil, mas, qual é o seu resultado? O praticante da meditação continua a ser o que é, tendo apenas adquirido uma nova faculdade, um novo modo de funcionar, de gozar e de fazer o mal. De que serve a concentração, quando o indivíduo que a pratica é voluptuoso, mundano e estúpido? Êle continuará a fazer o mal, continuará a criar inimizade e confusão.

A mera concentração estreita a mente-coração, e isso só fortalece o seu condicionamento, dando azo à credulidade e à obstinação. Antes de aprenderdes a concentrar-vos, compreendei a estrutura de todo o vosso ser, e não sòmente uma parte dêle. Com a autopercepção advém o autoconhecimento, o pensar correto. Essa autopercepção ou compreensão cria a sua própria disciplina e concentração. Essa disciplina flexível é duradoura, eficaz, mas não o é a disciplina que impomos a nós mesmos, movidos pela cobiça e pela inveja. A compreensão sempre se amplifica e aprofunda numa percepção extensiva; essa percepção é essencial para o verdadeiro meditar. A meditação do coração é entendimento.

Servimo-nos dos modelos como meios de inspiração. Porque desejamos inspiração? Porque estão vazias as nossas vidas, porque estão embrutecidas e mecanizadas, buscamos a inspiração fora de nós mesmos. O Mestre, o santo, o salvador torna-se então uma necessidade, uma necessidade escravizante. Escravos que sois, cumpre que vos liberteis de vossas cadeias, a fim de descobrirdes o Real, porquanto o Real só pode ser sentido em liberdade.

Porque *não* estais interessados no autoconhecimento, buscais a inspiração em outros, e isso é outra forma de distração. O autoconhe-

cimento é um processo de descobrimento criador, o qual é entravado quando o pensamento-sentimento está interessado no ganho. A ânsia por um resultado impede o desabrochar do autoconhecimento. Êsse indagar é em si mesmo devoção, é em si mesmo inspiração. Uma mente que se ocupa em identificar, comparar, julgar, não tarda a fatigar-se e a necessitar de distração, necessitar da chamada inspiração. Tôda distração, nobre ou não, tem viso de idolatria.

Mas, se quem pratica a meditação começa por comprender a si próprio, tem então grande importância a sua meditação. Pela autovigilância e o autoconhecimento vem o reto pensar; é sòmente então que o pensamento é capaz de transcender as camadas condicionadas da consciência. A meditação é então o "ser", o qual tem o seu próprio movimento eterno; é a própria criação, porquanto o meditador deixou de existir.

OJAI. 1946

I

Embora não seja pequena esta assembléia, vamos tentar agora realizar um debate livre e sério, em vez de fazermos constar de perguntas e respostas as presentes reuniões. Alguns de vós, sem dúvida, haveríeis de preferir orações ininterruptas, mas, parece-me, será mais proveitoso, para nós todos, empreendermos, juntos, um exame útil aos nossos fins, para o que se requer empenho e inalterável interêsse.

Pelo que estamos lutando ? Que busca cada um de nós ? Enquanto não estivermos cônscios de nossos alvos individuais, não é possível estabelecerem-se relações adequadas entre nós. Um aspira, porventura, ao preenchimento e ao bom êxito, outro à riqueza e ao poder, outro à fama e à popularidade; desejam uns, talvez, acumular e outros renunciar; haverá também alguns que buscam interessadamente dissolver o "ego", enquanto outros haverá que talvez só desejem conversar a respeito dêle. Não nos importa verificar o que é que procuramos ? Para

nos libertarmos da confusão e das misérias existentes em nós e ao redor de nós, devemos estar cônscios de nossos desejos e tendências, tanto os instintivos como os cultivados. Nós pensamos e sentimos em têrmos de resultados, de ganho e perda, e por isso existe uma luta constante; mas há uma maneira de viver, um estado em que não há lugar para o conflito e o sofrimento.

Sendo assim, para que sejam frutuosos êstes debates, necessário é, em primeiro lugar, compreendermos as nossas próprias intenções, não o achais? Quando observamos o que se passa em nossas vidas e no mundo, percebemos que a maioria de nós, por métodos sutis ou grosseiros, ocupamo-nos da expansão do "ego". Almejamos expansão pessoal, na atualidade ou no futuro; para nós, a vida é um processo de contínua expansão do "ego", por meio do poder, da riqueza, do ascetismo ou da prática da virtude, e assim por diante. Não só com relação ao indivíduo mas também com relação ao grupo, à nação, essa atividade significa preencher-se, vir a ser, evolver, e sempre ocasionou grandes desastres e desgraças. Estamos sempre a lutar dentro das grades do "ego", por mais que as ampliemos e enalteçamos. Se tal é o vosso objetivo e inteiramente diferente o meu, não podemos então ter relações, ainda que em presen-

ça uns dos outros; serão então inúteis e confusas as nossas discussões. Necessitamos, pois, em primeiro lugar, da maior clareza quanto aos nossos desígnios. Precisamos saber com clareza e precisão o que buscamos. Aspiramos à expansão pessoal, ao constante nutrir do "ego", ou desejamos compreendê-lo e, pois, transcendê-lo ? Trará esclarecimento a expansão do "ego" — ou só haverá luz e libertação depois de cessar essa atividade ? Somos capazes de nos revelar o suficiente para discernirmos a direção do nosso interêsse ? Deveis de ter vindo aqui com um desígnio sério, e conseqüentemente vamos discutir a fim de fazermos luz acêrca dêsse desígnio, e cogitar sôbre se a nossa vida diária nos indica quais sejam os nossos alvos e se estamos, ou não, alimentando o nosso "ego". Poderão, pois, êstes debates tornar-se um meio de auto-revelação para cada um de nós. Nesta auto-revelação, ser-nos-á dado descobrir o vero significado da vida.

Não devemos, em primeiro lugar, estar livres, para descobrir ? Não pode haver liberdade se nossa ação é sempre limitante. Não é sempre a ação do "ego", o sentimento do "meu", um processo de limitação ? Vamos averiguar se a expansão pessoal conduz à Realidade, ou se a Realidade só se manifesta depois de desaparecer a personalidade, o "ego".

Interpelante: Não é necessário passarmos por êsse processo de expansão pessoal, a fim de conhecermos o Infinito?

Krishnamurti: Posso modificar a pergunta? Precisamos passar pela embriaguez para conhecer a sobriedade? Precisamos passar por todos os estados do anseio, só com o fim de renunciar a êles?

Interpelante: Pode-se fazer alguma coisa com relação a essa atividade de expansão do "eu"?

Krishnamurti: Permiti-me retocar essa pergunta: Não é certo que, por muitas de nossas ações, estimulamos, de maneira positiva, a expansão do "ego"? Nossa tradição, nossa educação, nosso condicionamento social, tudo isso sustenta, de modo positivo, as atividades do "ego". Essa atividade positiva pode assumir forma negativa: não ser coisa alguma. Nossa atuação é, pois, sempre uma atividade positiva ou negativa do "ego". Através de séculos de tradição e educação, habituou-se o pensamento a aceitar como natural e inevitável a vida de auto-expansão, quer no sentido positivo, quer no negativo. Como pode o pensamento libertar-se dêsse condicionamento? Como pode ficar tranqüilo, em silêncio? Havendo essa tranqüilidade,

isto é, não estando o pensamento colhido em atividades que visem à expansão do "ego", mostra-se-nos a Realidade.

Interpelante: Se bem entendo, estais enveredando para o abstrato; ou não estais? Presumo que vos referis à reincarnação.

Krishnamurti: Não, senhor, nem tão pouco estou penetrando no abstrato. Nossa estrutura social e religiosa está baseada no impulso a vir a ser alguma coisa, positiva ou negativamente. É precisamente essa atividade que dá ao "ego" a sua nutrição, por meio do nome, da família, do desejo de realizações, por meio da identificação do "eu" e do "meu", fonte perene de conflitos e sofrimentos. Podemos perceber os resultados dessa conduta: luta, confusão, antagonismo, sempre a alastrar-se e a engolfar-nos. Como pode o indivíduo transcender a luta e o sofrimento? É o que vamos procurar compreender no curso destas palestras.

O ansiar não é a raiz mesma do "ego"? Como pode o pensamento que se tornou o veículo da expansão pessoal, agir sem alimentar o "ego", a causa do conflito e da dor? Não é importante esta questão? Não deixeis que eu a *faça* importante para vós. Não é esta uma questão vital para cada um? Se o é, não nos cumpre encontrar-lhe a verdadeira solução? Nutrimos o "ego"

por muitas maneiras e, antes de o condenar ou apoiar, devemos de compreender o seu significado. Não achais? Servimo-nos da religião e da filosofia como instrumentos da expansão do "ego"; nossa estrutura social está baseada no engrandecimento do "ego"; o escriturário chegará a chefe e mais tarde a proprietário (da emprêsa), o discípulo chegará a Mestre, etc. Nesse processo sempre há conflito, antagonismo, sofrimento. É inteligente e inevitável tal atividade? Só é possível descobrirmos a verdade quando não dependemos de outrem; especialista algum pode dar uma resposta correta às nossas inquirições. Cada um deve achar a resposta correta, diretamente, por si próprio. Por essa razão é importante haver real interêsse.

Nosso interêsse varia de acôrdo com as circunstâncias, com os nossos caprichos e fantasias. O interêsse não deve depender de circunstâncias e caprichos, nem da persuasão e da esperança. Julgamos muitas vêzes que talvez um choque nos desperte o interêsse, mas a dependência não pode produzir tal efeito. Começa a existir o interêsse com a vigilância perquiridora, mas estamos tão vigilantes assim? Se ficardes vigilantes, vereis que vossa mente está sempre empenhada em atividades que respeitam ao "ego" e à sua identificação; se levardes avante a vossa investigação, encontrareis, profundamente

arraigado no vosso ser, o interêsse egoísta. Êsses pensamentos de interêsse egoísta resultam das necessidades da vida diária, das coisas que fazeis de momento em momento, de vosso papel na sociedade, etc., sendo que tudo isso constitui a estrutura do "ego". Parece isso estranhàvelmente inevitável, porém, antes de admitirmos essa inevitabilidade, devemos estar cônscios de nosso verdadeiro propósito, i.e., se desejamos, ou não, sustentar o "ego". Porque, de acôrdo com as nossas ocultas intenções, nós agimos. Sabemos como o "ego" é constituído e consolidado pelo princípio do prazer e da dor, pela memória, pela identificação, etc. Êsse processo é a causa do conflito e do sofrimento. Estamos procurando sèriamente pôr têrmo à causa do sofrimento?

Interpelante: Como podemos saber se é correto o nosso desígnio, sem conhecermos a verdade a seu respeito ? Se não compreendermos, em primeiro lugar, a verdade, ficaremos sem luz, fundando comunidades, formando grupos, nutrindo idéias ingênuas. Não é necessário, como tendes sugerido, que conheçamos primeiramente a nós mesmos ? Tenho tentado anotar os meus pensamentos-sentimentos, na forma sugerida, mas vejo-me entravado e incapacitado de seguir os meus pensamentos do princípio ao fim.

K r i s h n a m u r t i : Mediante vigilância imparcial de vossos desígnios, vem a conhecer-se a verdade a seu respeito. Somos muitas vêzes entravados pelo nosso temor inconsciente de empreendermos qualquer ação de que nos possam advir novos incômodos e sofrimentos. Mas não pode haver ação clara e precisa enquanto não descobrirmos o nosso profundo e oculto propósito de nutrir e manter o "ego".

Não é êsse temor que nos impede de compreender a conseqüência do conjeturar e especular? Imaginamos que estar livre da expansão pessoal representa um estado de aniquilamento, de vacuidade, e isso cria o temor, impedindo-se, assim, qualquer experiência real. Pela especulação, pela imaginação impedis o descobrimento do que "é". Uma vez que o "ego" está num fluxo constante, procuramos, pela identificação, a permanência. A identificação dá-nos a ilusão da permanência, e é a idéia de perdê-la (a permanência) que nos faz mêdo. Reconhecemos que o "ego" está num fluxo constante e, no entanto, nos apegamos a algo que chamamos "o permanente no ego", isto é, um "ego" perdurável extraído do "ego" impermanente.

Se sentíssemos e compreendêssemos, profundamente, que o "ego" é sempre impermanente, não haveria identificação com qualquer espécie de anseio, nem com determinado país ou raça,

sistema de pensamento ou organização religiosa, porquanto a identificação traz-nos os horrores da guerra, a desumanidade desta pseudocivilização.

I n t e r p e l a n t e : *Mas o fato de existir êsse constante fluxo já não é razão bastante para identificarmos? A mim me parece que nos apegamos a algo que se chama "eu", "personalidade", porque já se nos tornou habitual e agradável o som dessas palavras. Conhecemos um rio, mesmo sêco; anàlogamente, nós nos apegamos a uma coisa denominada "eu", muito embora sabendo-a impermanente. O "eu", superficial ou profundo, em plena cheia ou sêco, é sempre o "eu", que merece ser estimulado, nutrido, sustentado a todo custo. Porque é preciso eliminar o processo do "eu"?*

K r i s h n a m u r t i : Ora, porque perguntais isso? Se vos agrada o processo, continuai com êle e não façais tal pergunta; quando fôr desagradável, doloroso, desejareis então pôr-lhe côbro. Conforme o prazer e a dor, o pensamento é moldado, controlado, guiado, e sôbre base tão frágil e instável procuramos compreender a Verdade! Se se deve, ou não, sustentar o "ego" é questão vital, porquanto dela depende, inteiramente, o nosso proceder, e por isso a *maneira* de atendermos a êsse problema tem suma

importância. Daí depende a sua solução. Se não nos aplicarmos a êle com verdadeiro interêsse, a solução que encontraremos corresponderá aos nossos preconceitos e caprichos do momento. Assim, pois, a maneira de estudar o problema importa mais do que o próprio problema.

De quem procura depende o achado; se êle estiver apegado a preconceitos e limitações, achará de acôrdo com êsse condicionamento. O importante, pois é que quem procura compreenda em primeiro lugar a si mesmo.

Interpelante: Como podemos saber se há uma verdade abstrata?

Krishnamurti: Mas, senhor, não estamos agora tratando de verdade abstrata. Estamos procurando descobrir a verdadeira e definitiva solução ao problema do sofrimento, porquanto dela depende tôda a nossa vida.

Interpelante: Pode a mente condicionada observar o próprio condicionamento?

Krishnamurti: Não é possível estarmos cônscios de nossos preconceitos? Não sabemos quando somos desonestos, quando somos intolerantes, gananciosos?

Interpelante: A nutrição do corpo não está também errada?

K r i s h n a m u r t i : Estamos tratando da nutrição psicológica, da expansão do "eu", causador de tanta luta e infelicidade. Podemos admitir como inevitável a atividade do "ego" e seguir nesse rumo, ou pode haver uma outra direção da vida. Se êsse problema fôr sentido intensamente por cada um de nós, encontrar-se-á, então, a solução correta.

I n t e r p e l a n t e : Não conheceremos a verdadeira solução quando o nosso desejo de encontrá-la fôr maior do que tudo mais?

I n t e r p e l a n t e : É sempre nocivo o "ego"? O egoísmo pode alguma vez ser benéfico?

K r i s h n a m u r t i : A atenção e a atividade egocêntrica, quer em sentido positivo, quer negativo, são causas de luta e sofrimento. Qual o empenho com que cada um está estudando êsse problema? Qual o interêsse que pomos em descobrir a verdade acêrca da natureza e das atividades do "ego", da "personalidade"? A meditação, a disciplina espiritual nenhum significado tem se em primeiro lugar não estiver bem claro para nós êsse ponto. A verdadeira meditação não é, por forma alguma, expansão pessoal. Nessas condições, enquanto não tivermos uma compreensão comum de nossas in-

tenções, haverá confusão e não poderá haver relações adequadas entre nós.

I n t e r p e l a n t e : Não haverá uma maneira direta de se chegar ao problema, à descoberta da verdade?

K r i s h n a m u r t i : Há; mas requer-se tranqüilidade absoluta, franca receptividade. Para isso é necessária compreensão correta; do contrário, o esfôrço para ficarmos receptivos e tranqüilos se tornará um novo meio de auto-expansão. Afirmo existir uma outra direção, um outro sentido da vida, que não o da auto-expansão, e no qual se encontra o êxtase, mas essa minha afirmativa não será válida, se vos limitardes a aceitá-la; essa aquiescência se tornará uma nova forma de atividade egotista. Deveis de conhecer, por vós mesmos, diretamente, a verdade a vosso próprio respeito, pois, por intermédio de outro, por maior que êle seja, não será possível conhecê-la. Autoridade alguma vô-la pode revelar. Só pode ser desvelada a verdade pela vossa própria compreensão e a compreensão só pode vir com o autoconhecimento. Temos um problema comum para o qual procuramos a solução exata.

I n t e r p e l a n t e : Escrever um livro poderia ser uma atividade de expansão pessoal, não?

I n t e r p e l a n t e : Não devemos estabelecer um escopo para nossas vidas?

K r i s h n a m u r t i : O "ego" pode escolher um fim nobre e utilizá-lo como meio de auto-expansão.

I n t e r p e l a n t e : Não havendo auto-expansão, haverá então um fim, um alvo, tal como o entendemos agora?

K r i s h n a m u r t i : O homem que dorme sonha que tem um alvo ou que deve escolher um, mas o homem desperto tem algum alvo? Êle está simplesmente desperto. Nossos alvos, nossos objetivos representam, em sentido positivo ou negativo, um meio de medir-se o desenvolvimento do "ego".

I n t e r p e l a n t e : Preenchimento é expansão do "ego"?

K r i s h n a m u r t i : Se alguma coisa impede o preenchimento, não há a dor ocasionada pela frustração do "ego"? As questões desta ordem terão resposta na descoberta da verdade relativa à atividade de auto-expansão; depende isso do interêsse que fôr demonstrado e da receptividade franca da mente-coração.

I n t e r p e l a n t e : Não nos cumpre saber qual é o outro sentido da vida, antes de podermos abandonar a expansão pessoal?

K r i s h n a m u r t i : De que maneira podemos saber ou perceber outro sentido da vida, antes de distinguirmos a falácia, a futilidade da aquisição e da expansão pessoal? Compreendendo o processo da expansão do "ego", teremos a percepção. Especular a respeito do sentido da vida torna-se um obstáculo à compreensão daquela vida em que não há perpetuação do "ego". Não devemos, conseqüentemente, descobrir a verdade concernente às habituais atividades do "ego"? É o conhecimento do obstáculo o fator que liberta, e não o esfôrço para nos livrarmos do obstáculo. O esfôrço para ser livre, prescindindo-se da ação libertadora da Verdade, é sempre feito dentro das muralhas fechadas do "ego". Só podereis descobrir a Verdade se vos prontificardes a dedicar-lhe, por inteiro, vossa mente e vosso coração, e não uns breves momentos, fàcilmente disponíveis, do vosso tempo. Se temos empenho, descobriremos a Verdade; mas êsse empenho não pode depender de estímulo, de qualquer espécie que seja. Devemos aplicar nossa atenção inteira e profunda ao descobrimento da verdade de nosso problema, aplicá-la não por alguns momentos, dados a contragosto, porém constantemente. Só a Verdade é que liberta o pensamento da atividade com que se prende a si próprio.

II

Temos dito que não poderá haver relações adequadas entre nós se não compreendermos as nossas mútuas intenções. A vida de expansão pessoal é de luta e sofrimento, e não é a vida da Realidade. O êxtase da Realidade encontra-se pela inteligência desperta e no mais alto grau de intensidade. Inteligência não significa cultivo da memória ou da razão, mas, sim, uma percepção da qual é banida a identificação e a escolha.

Difícil é extrair todo o conteúdo de um pensamento, porquanto requer paciência e ampla vigilância. Temos sido educados numa maneira de vida propícia ao desenvolvimento do "ego", pelo desejo de realizações, pela identificação, pela religião organizada. Essa maneira de pensar e agir tem-nos levado a catástrofes pavorosas e indizíveis misérias.

Interpelante: Já dissestes que o esclarecimento jamais nos poderá vir pela expansão pessoal, mas não vem êle com a expansão da consciência individual ?

K r i s h n a m u r t i : O esclarecimento, a compreensão do Real, não poderá vir, nunca, pela expansão do "ego", por um esfôrço realizado pelo "ego" no sentido de crescer, "vir a ser", alcançar algo, — e esfôrço algum está separado da vontade do "ego". Como é possível haver compreensão se o "ego" está sempre a filtrar a experiência, sempre identificando, sempre acumulando lembranças ? A consciência individual é produto da mente e a mente é resultado de condicionamento, de anseios, sendo, portanto, a sede do "ego". Só depois de cessar a atividade do "ego", da memória, apresenta-se uma consciência totalmente diferente, a respeito da qual tôda especulação é sòmente estôrvo. O esfôrço que visa à expansão é sempre atividade do "ego", cuja consciência quer crescer, quer "vir a ser". Essa consciência, por mais que venha a expandir-se, prende-se ao tempo e por isso não se encontra, nela, o Atemporal.

Se deseja um indivíduo compreender um problema vital, não deve pôr à margem as suas tendências, preconceitos, temores e esperanças, o seu condicionamento, e ficar vigilante, simples e diretamente ? Considerando, em conjunto, os nossos problemas, estamo-nos revelando a nós mesmos. Essa auto-revelação é de grande importância, porquanto nos desvenderá o

processo de nossos próprios pensamentos-sentimentos. Devemos penetrar profundamente em nós mesmos, para acharmos a verdade. Estamos condicionados, mas pode o pensamento ultrapassar as próprias limitações? Só o pode se estivermos cônscios de nosso condicionamento. Desenvolvemos uma certa qualidade de inteligência, em nossa atividade de expansão pessoal: com a nossa avidez, com o nosso instinto aquisitivo, com os nossos conflitos e penas, criamos uma inteligência votada à proteção e expansão do "ego". Pode essa inteligência compreender o Real, o único capaz de resolver todos os nossos problemas?

Interpelante: Inteligência é o têrmo adequado?

Krishnamurti: Se todos compreendermos o têrmo no sentido que lhe estou dando aqui, é adequado. O essencial é sabermos se essa inteligência que foi cultivada na expansão do "eu", é capaz de perceber ou descobrir a verdade; ou existirá outra espécie de atividade, outra espécie de percepção capaz de receber a verdade? Para descobrir-se a verdade, é necessário estejamos livres da inteligência que está ligada à expansão do "ego", porquanto esta é sempre circunscritiva, sempre limitante.

I n t e r p e l a n t e : Não devemos encarar o problema da expansão pessoal do ponto de vista do que é verdadeiro ?

K r i s h n a m u r t i : Perceber o falso como falso e o verdadeiro como verdadeiro é difícil. Se percebêsseis a verdade concernente à expansão do "ego", os problemas respectivos começariam então a esvaecer-se. Perceber a verdade no falso é, em primeiro lugar, compreender a vós mesmos. É a verdade que está contida no falso que é libertadora.

I n t e r p e l a n t e : Quereis insinuar que existe uma inteligência maior do que a nossa ?

K r i s h n a m u r t i : Não estamos procurando descobrir se existe uma inteligência maior, mas o que estamos considerando é se aquela inteligência que tão diligentemente cultivamos é capaz de sentir ou compreender a Realidade.

I n t e r p e l a n t e : Existe uma Realidade ?

K r i s h n a m u r t i : Para descobri-la, requer-se uma mente tranqüila, uma mente que não esteja fabricando pensamentos, imagens, esperanças. Uma vez que a mente visa sempre

NOTA: A PÁGINA SEGUINTE DEVE LER-SE COMEÇANDO DA 2.ª LINHA, PASSANDO, DEPOIS, DA 4.ª PARA A 1.ª E DAÍ PARA A 5.ª

dade tem na investigação da verdade. É preciso a expandir-se, por meio de suas próprias criações, não está apta para sentir a Realidade. Se a mente, o instrumento, está turva, pouca utilique ela se clarifique, primeiro, e só então será possível saber se existe uma Realidade. Deve, portanto, cada indivíduo perceber, reconhecer o estado de sua inteligência. Em virtude de sua própria limitação, não é a mente um obstáculo à descoberta do Real ? Antes que o pensamento possa libertar-se, deve reconhecer as suas limitações.

Interpelante: Podeis explicar-nos por que maneira podemos atravessar êsse processo sem detrimento para nós ?

Krishnamurti: Quer-me parecer que nos estamos desentendendo e por isso começando a confundir-nos. Não estamos cônscios de estar empreendendo uma busca em comum?

Interpelante: Estou procurando resolver o meu problema. Procuro Deus. Aspiro ao Amor. Necessito de segurança.

Krishnamurti: Não estamos, todos nós, procurando transcender o conflito e o sofrimento ? Vem-nos o conflito e o sofri-

mento por diferentes caminhos, mas a causa comum para todos nós é a expansão do "ego". A causa do conflito e do sofrimento é o desejo, o "ego". Pela compreensão e conseqüente dissolução da causa chegarão a um têrmo os nossos problemas psicológicos.

Interpelante: A solução do problema central dará fim a todos os meus problemas?

Krishnamurti: Só se dissolverdes a causa de todos os problemas: o "ego". Até lá, cada dia será portador de novas lutas e sofrimentos.

Interpelante: Diz-me a inteligência que, se eu resolver meu problema individual, poderei ajustar-me harmônicamente ao todo. Existe um objetivo diferente para cada indivíduo?

Krishnamurti: Em virtude de nossa contradição e confusão interiores, não temos inventado objetivos de acôrdo com as nossas tendências e desejos? Nossos objetivos e problemas não são fabricados pelo "eu"?

Porque sofremos, queremos ser felizes. Se é êsse o nosso maior empenho, como certamente o é para a maioria de nós, devemos então sa-

ber quais são as causas que nos impedem de ser felizes, ou que nos fazem sofrer.

Interpelante: De que maneira posso extirpar as causas?

Krishnamurti: Antes de fazerdes uma tal pergunta, devíeis saber quais são as causas do sofrimento. Porque sofreis, dizeis que procurais a felicidade; a busca da felicidade, portanto, é uma fuga do sofrimento. Só pode haver felicidade, quando cessa a causa do sofrimento; a felicidade é, pois, um elemento acessório, e não um fim em si. A causa do sofrimento é o "ego", com o seu desejo de expansão, de vir a ser, de ser diferente do que é; com seu anseio de excitação sensual, de poder, de felicidade, etc.

Interpelante: Se não houvesse insatisfação, não haveria progresso; haveria estagnação.

Krishnamurti: Desejais "progresso" e felicidade ao mesmo tempo, e aí é que está a dificuldade, pois não? Desejais a expansão de vosso "ego", mas sem o conflito e o sofrimento que inevitàvelmente a acompanham. Temos mêdo de nos ver assim como somos; procuramos fugir da realidade e a essa fuga chamamos "progresso" ou busca da feli-

cidade. Acreditamos que, se não "progredirmos", nos deterioraremos; que nos tornaremos indolentes, infensos ao pensar, se não nos esforçarmos por fugir à realidade, àquilo que "é". Nossa educação e o mundo que criamos nos ajudam a fugir; todavia, para sermos felizes precisamos conhecer a causa do sofrimento. Conhecer a causa do sofrimento, e transcedê-la, significa encará-la, frente a frente, e não buscar refúgio em ideais ilusórios ou outras atividades do "ego". A causa do sofrimento é a expansão do "ego". O próprio desejar livrar-se do "ego" é uma ação negativa, por parte do "ego", e, portanto, ilusória.

Interpelante: Poderíamos assumir um ponto de vista positivo, em vez de negativo, se disséssemos para nós mesmos que somos o todo?

Krishnamurti: Uma ação, quer positiva, quer negativa, por parte do "ego", não é, sempre, um movimento do "ego"? Se o "ego" afirma ser êle o "todo", não é essa uma atividade do "ego", que aspira a encerrar o todo dentro de suas próprias clausuras? Julgamos que, com afirmarmos repetidamente que somos o todo, nos tornaremos o todo; essa repetição é auto-hipnose, e estar entorpecido não é estar esclarecido. Não estamos ainda a par dos engenho-

sos embustes de nossa mente, do jôgo sutil do "ego". Sem autoconhecimento, não pode haver felicidade, nem sabedoria.

Interpelante: *Não desejo a expansão do "ego".*

Krishnamurti: É tão fácil, assim, pensar e dizer tal coisa? O desejo de auto-expansão é complexo e sutil. A estrutura de nosso pensamento está baseada nesta expansão: crescer, vir a ser, realizar.

Interpelante: *A causa do sofrimento é o estarmos incompletos. A expansão estimula, e por isso a desejamos.*

Krishnamurti: Não podemos compenetrar-nos, agora, diretamente, por nós mesmos, da causa do sofrimento ? Se pudermos sentir e compreender êsse impulso para a expansão, para ser, sairemos do domínio das palavras e atingiremos a raiz do sofrimento.

Interpelante: *Desejo achar a verdade, sendo esta uma das razões por que desejo a auto-expansão.*

Krishnamurti: Porque procurais a Verdade ? Vós a procurais porque sois infeliz e esperais, descobrindo-a, ser feliz ? A Verdade não é uma compensação, não é uma re-

compensa pelos vossos sofrimentos, pelas vossas lutas. Estais esperando que ela vos ponha em liberdade ? A atividade do "ego" é sempre vinculadora e não conduz à verdade. Sem a autovigilância e o autoconhecimento, como pode haver a compreensão da verdade ? Pensamos que estamos em busca da verdade, mas, na realidade, o que buscamos talvez sejam sòmente remédios agradáveis, soluções confortáveis. Verbalmente, asseveramos ser necessária a fraternidade, a união, mas não extirpamos de nós mesmos as causas do conflito e do antagonismo. Devemos estar cônscios da causa da expansão do "ego" e compenetrar-nos, diretamente, de seu pleno significado.

Interpelante: A expansão do "ego" é um instinto natural, e que mal há nela?

Interpelante: Desejamos ser amados e, se vemos frustrado êsse desejo, procuramos outra forma de satisfação. Estamos, contìnuamente, à procura de satisfação.

Krishnamurti: O instinto aparentemente natural que nos impele à expansão pessoal é a causa da insatisfação e do sofrimento; é a causa de nossos repetidos desastres, de nossa selvajaria civilizada e infelicidade crescente. Seja êle "natural", mas, sem embargo, é preciso transcendê-lo, para que possa manifes-

tar-se o Atemporal. O anseio de satisfação é insaciável.

I n t e r p e l a n t e : *Porque há o desejo de ser superior?*

I n t e r p e l a n t e : *Não sei porque, mas existe em mim o impulso a ser superior. Observando-o, não posso deixar de achá-lo irrisório, ou aterrador, mas, contudo, desejo ser superior. Sei que não é justo nos sentirmos superiores. Êsse sentimento acarreta infelicidade, é anti-social e imoral.*

K r i s h n a m u r t i : Estais aí apenas condenando o desejo de ser superior; não estais procurando compreendê-lo. Condenar ou aceitar é criar resistência, a qual estorva a compreensão. Não desejamos, todos nós, ser superiores de uma ou de outra maneira? Se repelimos êsse desejo, se o condenamos ou fechamos os olhos a êle, não chegaremos a compreender as causas que o sustentam.

I n t e r p e l a n t e : *Desejo ser superior porque quero que os outros me amem, porque é necessário ser amado.*

K r i s h n a m u r t i : Quando somos inferiores temos o impulso a sentir-nos superiores; quando não somos amados, desejamos ser

amados. Quer dizer: por mim mesmo, sou insignificante, vazio, superficial, e por isso desejo máscaras, para afivelá-las em diferentes ocasiões: a máscara da superioridade e da nobreza, a máscara da seriedade, a máscara com a qual afirmamos procurar a Deus, e assim por diante. Pobres que somos, interiormente, desejamos identificar-nos com os grandes, com a nação, com o Mestre, com uma ideologia, etc., sendo que a forma dessa identificação varia de acôrdo com as circunstâncias e os nossos caprichos.

Podeis cultivar a virtude e praticar exercícios espirituais, mas, com encobrirdes a vossa insuficiência, com a negardes, consciente ou inconscientemente, nem por isso ela é transcendida. Até que seja transcendida a insuficiência, tôda atividade provém do "ego", que é a causa do conflito e do sofrimento. Porque, interiormente, somos insuficientes, desenvolvemos a arte sutil da fuga; essa fuga, nós a chamamos por diferentes nomes de som agradável. Como pode a mente, em tais condições, compreender o Real? Como pode compreender algo não fabricado por ela própria?

O desejo de ser superior, de chegar a Mestre, de acumular saber, de nos perdermos em atividades, oferece-nos uma fuga esperançosa e deleitável de nossa pobreza, de nossa insuficiência interior. Se somos incompletos, vazios, qual-

quer atividade, por mais nobre que seja, só pode ser movimento do "ego", em expansão.

Interpelante: Não podemos em certas ocasiões perceber que nos estamos evadindo?

Krishnamurti: Podemos, mas o nosso impulso à expansão pessoal é tão astuto, tão sutil, que evita entrar diretamente em conflito com a nossa dolorosa insuficiência. A dificuldade está na maneira de nos aplicarmos a êsse problema, não o achais?

Interpelante: Quando estamos libertados, de que serve a atividade?

Krishnamurti: Como pode uma mente que resultou da insuficiência e do temor conhecer qualquer atividade que não seja do "ego"? Como pode uma mente aquisitiva e tímida, vinculada pelo dogma e pela crença, conhecer a Realidade? Não o pode. Tôda especulação sôbre coisas que estão além de sua limitação, representa sòmente um adiamento da compreensão de seu cativeiro. Se mo permitis, sugiro que durante a semana que vem procuremos estar cônscios dêsse cativeiro resultante da auto-expansão, porquanto essa limitação, êsse "eu" que se expande, não será capaz, em tempo algum, de sentir ou descobrir o Real.

III

Sem a compreensão do Real, não podemos estar livres de conflito e sofrimento; só o Real pode transformar as nossas vidas, e não a mera resolução. Tôda atividade do "ego", com suas resoluções e negativas, tem de cessar para que se manifeste o Real. Para se compreenderem as atividades do "ego" requer-se esfôrço diligente, vigilância e interêsse inalteráveis. Muitos de nós apegamo-nos às nossas crenças ou à nossa experiência, e isso só serve para gerar a obstinação. O interêsse e o empenho não estão na dependência de caprichos, circunstâncias, ou estímulos. Alguns que estão procurando viver com empenho as suas vidas puseram-se, com tôda a energia, a trilhar uma determinada rotina de pensamento, de crença ou disciplina, tornando-se intolerantes e rígidos. O esfôrço veemente impede a compreensão profunda e fecha a porta à Realidade. Se refletirdes demoradamente a êsse respeito, percebereis que o que se faz necessário é discernimento natural, sem esfôrço, é liberdade para descobrir e compreender. Essas idéias, se o permitirmos, lançarão raízes e trans-

formarão radicalmente a nossa vida diária. A receptividade que não é forçada é muito mais importante do que o esfôrço que se faz para compreender.

Interpelante: Parece-me que isso não está bastante claro.

Krishnamurti: A maioria dos que aqui estamos busca laboriosamente a compreensão; êsse esfôrço é uma atividade da vontade, que só cria resistência, e uma resistência não pode ser vencida por outra resistência, por outro ato da vontade. Êsse esfôrço impede, com efeito, a compreensão. Mas, se fôssemos atentamente flexíveis, vigilantes, seríamos capazes de compreensão profunda. Todo esfôrço que agora desenvolvemos procede do desejo de expansão pessoal; é só na vigilância sem esfôrço que pode haver descobrimento e compreensão, que pode haver a percepção do verdadeiro.

Quando vemos um quadro, desejamos primeiramente saber quem foi o seu pintor, para então compará-lo e criticá-lo, ou procurar interpretá-lo de acôrdo com o nosso condicionamento. Não vemos, com efeito, o retrato ou a paisagem, só nos importando a nossa sutil capacidade de interpretar, criticar, ou admirar. Estamos, em geral, tão cheios de nós mesmos, que, em verdade, não vemos o retrato ou a paisagem.

Se pudéssemos banir a nossa crítica, a nossa análise sutil, talvez então nos transmitisse a obra de arte o seu significado. Analogamente, êstes nossos debates só terão relevância se estivermos abertos para a experiência do descobrimento, a qual é impedida pelo nosso obstinado apêgo a crenças, lembranças e preconceitos condicionados.

Interpelante: Pode-se fazer alguma coisa para estarmos passivamente vigilantes? Posso fazer alguma coisa para estar acessível?

Krishnamurti: O próprio desejo de estar acessível pode representar um esfôrço do "ego", que só pode gerar resistência. O que podemos perceber é, sòmente, que estamos fechados, que a atividade da vontade é resistência e que o próprio desejo de alcançar a vigilância passiva é um obstáculo a mais. Fazer um esfôrço positivo para estar acessível é levantar a barreira da sofreguidão. Estar atento para as atividades egocêntricas é anulá-las; estar desatento e ao mesmo tempo desejar estar acessível é aumentar a resistência. A vigilância passiva só nos vem quando tranqüila a mente-coração. Nessa tranqüilidade, vem o Real à existência. Essa tranqüilidade não pode ser atraída, nem resulta de atividade da vontade.

Uma inteligência que é o produto do desejo, da expansão do "ego", há de estar sempre a criar resistência e não pode, jamais, dar-nos a tranqüilidade. Essa inteligência protetora do "ego" é produto do tempo, do impermanente, e não pode, portanto, jamais, conhecer o Atemporal.

Interpelante: Essa inteligência não nos é útil sob outros aspectos?

Krishnamurti: A sua única utilidade consiste em proteger-se a si mesma, e isso já nos tem trazido misérias e sofrimentos indescritíveis.

Interpelante: Da ameba ao homem, a inteligência que impele à segurança e expansão próprias é inevitável e natural; é um círculo fechado e vicioso.

Krishnamurti: Pode parecer assim, mas a atividade que visa à segurança não tem levado o homem à segurança, à felicidade, à sabedoria. Tem-no levado, isso sim, à confusão, ao conflito, à infelicidade, em escala sempre crescente. Há uma atividade diferente que não procede do "ego" e que cumpre ser encontrada. Uma inteligência diferente é necessária para compreender-se o Atemporal, pois é só êste que nos pode libertar de nossas lutas e sofrimentos incessantes. A inteligência que

agora possuímos é produto do desejo de satisfação e segurança, material ou espiritual; é resultado da cupidez; é resultado da auto-identificação. Uma tal inteligência é incapaz de compreender o Real.

Interpelante: Quereis dizer que inteligência e consciência individual são palavras sinônimas?

Krishnamurti: A consciência é o resultado da continuidade identificada. A sensação, o sentimento, a racionalização e a continuidade da memória identificada constituem a consciência individual, não é verdade? Podemos determinar com precisão onde acaba a consciência e começa a inteligência? Ambas se confundem, não é verdade? Existe consciência sem inteligência?

Interpelante: Nasce uma inteligência nova, quando tomamos conhecimento da inteligência que serve à expansão do "eu"?

Krishnamurti: Conheceremos, como realidade, a nova forma de inteligência sòmente após o desaparecimento da inteligência que dá proteção e expansão ao "ego."

Interpelante: Como podemos ultrapassar essa inteligência limitada?

K r i s h n a m u r t i : Se ficarmos passivamente vigilantes de suas atividades complexas e inter-relacionadas. Com essa vigilância, as causas que nutrem a inteligência do "ego" extinguem-se sem esfôrço autoconsciente.

I n t e r p e l a n t e : De que maneira pode ser cultivada a outra inteligência ?

K r i s h n a m u r t i : Não está errada essa pergunta ? Eu quisera saber se estamos ouvindo com interêsse e atenção o que se está dizendo. O que é falso não pode cultivar o que é correto. Estamos sempre pensando em têrmos de inteligência a serviço da expansão do "ego", e aí é que está a nossa dificuldade. Não percebemos isso e por essa razão perguntamos, sem refletir, como pode ser cultivada a outra inteligência. Existem, naturalmente, certos requisitos óbvios e essenciais para a libertação da mente dessa inteligência limitada; a humildade, que se relaciona com o temperamento e a piedade; a ausência de avidez, que é ausência de identificação; o não ser mundano, que significa estar liberto dos valores materiais; o estar livre da estupidez e da ignorância, que denotam falta de autoconhecimento, etc. Devemos estar cônscios das atividades sutis e erradias do "ego", pois, quando as compreendemos, começa a existir a virtude, porém a virtu-

de não é um fim em si. O interêsse egoísta não pode cultivar a virtude; êle só pode perpetuar a si mesmo, sob a máscara da virtude. Acobertada pela virtude, continua a atividade do "ego". É como se quiséssemos ver a luz clara e pura através de óculos coloridos, que estivéssemos usando sem o saber. Para vermos a luz pura, devemos primeiramente dar-nos conta de nossos óculos coloridos; essa própria percepção, se fôr intenso o desejo de vermos a luz clara, ajuda-nos a retirar os óculos de côr. O retirá-los não representa a ação de uma resistência contra outra, mas, sim, uma ação, sem esfôrço, da compreensão. Devemos tomar conhecimento da realidade, pois a compreensão do que "é" libertará o pensamento; essa própria compreensão dar-nos-á a receptividade franca, transcendendo a inteligência especializada.

I n t e r p e l a n t e : *Como começa a existir a inteligência com que todos estamos familiarizados?*

K r i s h n a m u r t i : Ela começa a existir com a percepção, a sensação, o contacto, o desejo, a identificação, pois é tudo isso que dá continuidade ao "ego" por meio da memória. O princípio do prazer, da dor, da identificação, está sempre sustentando essa inteligência, a qual jamais poderá abrir a porta da Verdade.

Interpelante: Mas é necessário que façamos alguma espécie de esfôrço, não?

Krishnamurti: O esfôrço que agora fazemos é uma atividade de expansão do "ego", com a sua inteligência especializada. Êsse esfôrço só pode robustecer — positiva ou negativamente — a inteligência ou resistência protetora do "ego". Essa inteligência não poderá nunca compreender o Real, que é o único que nos traz a libertação do conflito, da confusão e do sofrimento.

Interpelante: Mas como nasceu essa inteligência?

Krishnamurti: Não foi ela cultivada pela especialização? Não nasceu da imitação, do condicionamento? É especialização o cultivo do "eu", do "meu", do que *me* é privativo e importantíssimo: meu trabalho, minha ação, meu sucesso, minha virtude, minha pátria, meu salvador. Êsse esfôrço positivo e negativo de vir a ser implica especialização. A especialização é morte, é falta de flexibilidade ilimitada.

Interpelante: Percebo, mas que devo fazer?

Krishnamurti: Ficai vigilante, imparcialmente, dêsse processo de especializa-

ção e vereis operar-se, dentro de vós mesmo, uma transformação radical. Não digais para vós mesmo que ides ficar vigilante, ou que a vigilância necessita de cultivo, ou que ela depende de um certo desenvolvimento ou habilidade, pois isso é indício de que desejais adiar, de que sois indolente. Ou estais vigilante, ou não estais. Ficai, *agora*, vigilante dêsse processo de especialização.

Interpelante: Requer tudo isso amplo estudo e conhecimento de nós mesmos, não é verdade?

Krishnamurti: Pois é isso exatamente o que estamos tentando aqui; estamos revelando a nós mesmos as atividades de nosso pensamento-sentimento, a sua astúcia e sutileza, o seu orgulho da suposta inteligência de que é dotado, etc. Êsse conhecimento não nos vem pelos livros, senão com o percebermos, pela experiência, a cada momento, as atividades do "ego". O desejo de expandir-nos, no mundo, ou o desejo de cultivarmos a virtude, é sempre atividade do "ego"; o impulso de "vir a ser" — negativa ou positivamente — é o fator que atua na especialização. Êsse desejo, que impede a flexibilidade ilimitada, deve ser compreendido mediante a percepção do processo de especialização próprio do "ego".

I n t e r p e l a n t e : Se eu fôr flexível sòmente, não poderei errar e não necessito, portanto, de estar ancorado na verdade ?

K r i s h n a m u r t i : A verdade se encontra no mar — do qual não existe mapa — do autoconhecimento. Mas porque fazeis essa pergunta ? Não é porque receais transviar-vos ? Não significa ela que desejais realizar algo, desejais prosperar, desejais sempre o certo? Ansiamos a segurança e êsse anseio é um obstáculo à nossa libertação pelo conhecimento da verdade. Os que se aprofundaram no autoconhecimento são flexíveis. Sabemos que uma das causas da resistência é a especialização; e outra causa é a imitação. O desejo de copiar é complexo e sutil. A estrutura do nosso pensamento está baseada na imitação, religiosa ou mundana. Os jornais, o rádio, as revistas, os livros, a educação, os governos, as organizações religiosas, êsses e outros fatôres concorrem para a submissão do pensamento. Além disso, cada um de nós deseja submeter-se a algum padrão; porque a submissão é mais fácil do que a vigilância. A submissão a padrões representa a base de nossa existência social, pois temos mêdo de estar sós. O temor e a renúncia a pensar acarretam a aceitação e a submissão, a aceitação de autoridade. Tal como acontece com o indivíduo

assim também acontece com o grupo, com a nação.

A submissão é um dos numerosos meios pelos quais o "ego" se sustenta. Move-se o pensamento do conhecido para o conhecido, temeroso sempre do desconhecido, do que é incerto, e no entanto é só onde existe a incerteza, só quando a mente não está cativa do conhecido, que há o êxtase do Real. Deve o pensamento estar solitário, para a compreensão do Real. Com o autoconhecimento desaparece o processo imitativo.

Interpelante: Devemos enfrentar, sempre, o desconhecido?

Krishnamurti: O eterno é sempre o desconhecido para a mente que acumula. O que se acumula são lembranças — e a memória é sempre o passado, sempre prêsa ao tempo. O que resultou do tempo não pode compreender o Atemporal, o Desconhecido.

Estaremos sempre em presença do desconhecido, enquanto não compreendermos o cognoscível, que somos nós. Essa compreensão não vos pode ser dada pelo especialista, pelo psicólogo, pelo padre; deveis de procurá-la por vós mesmos, em vós mesmos, pela autovigilância. A memória, o passado, está moldando o presente de acôrdo com o padrão do prazer e da dor. A

memória se torna o guia, a senda que conduz à segurança; é essa memória identificadora que dá continuidade ao "ego".

A busca do autoconhecimento requer vigilância contínua, uma percepção isenta de escolha, e isso é difícil e árduo.

I n t e r p e l a n t e : *Somos lagartas que deverão converter-se em borboletas ?*

K r i s h n a m u r t i : Vêde como é fácil sermos atraídos por falsas maneiras de pensar! Somos maus : tornar-nos-emos bons, oportunamente; somos mortais : havemos de tornar-nos imortais. Com êsses pensamentos confortadores nós nos narcotizamos O mau nunca pode converter-se no bom; o ódio nunca pode transformar-se em amor; a avidez nunca pode tornar-se não avidez. O ódio deve ser abandonado, pois não pode ser transformado em algo que êle não é. Com o crescer, com o tempo, não pode o mal transmudar-se no bem. O tempo não torna nobre o ignóbil. Devemos dar-nos conta dessa ignorância e das ilusões que cria. Fomos educados na idéia de que o conflito dos opostos produz um determinado resultado que esperamos, mas não é tal. Um oposto é o resultado de resistência, e uma resistência não se vence pela oposição. Tôda resistência deve ser dissolvida,

não pelo seu oposto, mas pela compreensão da resistência mesma.

Existe conflito entre vários desejos, mas não entre a luz e a escuridão. Não pode haver, nunca, luta entre a luz e as trevas, porquanto onde brilha a luz não existe a treva, onde a verdade reina, não existe o falso. Quando o "ego" se divide em superior e inferior, essa contradição mesma gera conflito, confusão e antagonismo. Estar cônscio do que "é", sem fugir para ilusões e fantasias, é o comêço da compreensão. Devemos importar-nos com o que é, com o que existe — o anseio de auto-expansão — sem procurar transformá-lo, porque transformar é ainda ansiar, que é ação do "ego". A própria percepção do que existe traz-nos a compreensão. O estar vigilante, a cada momento, traz-nos a sua luz própria. O desejo de realizações e de reconhecimento delas, impede o despertar; o que dorme sonha que deve despertar e luta, no sonho, mas é sòmente sonho. Não pode quem dorme despertar por meio do sonho; o que êle precisa é parar de dormir. O pensamento deve estar, êle próprio, cônscio de ser êle quem cria a estrutura do "ego", e a sua perpetuação. Deve o indivíduo diligente descobrir por si próprio a verdade relativa à autoperpetuação.

Interpelante: Que é que prova que a perpetuação do "ego" seja, em si, má?

K r i s h n a m u r t i : Nada, abosluta-mente, se com ela estamos satisfeitos e não percebemos os fatos da vida. Entretanto, todos nós vivemos em relativa luta e sofrimento. Alguns encobrem os seus sofrimentos ou se esquivam a êles. Não resolvem com isso a sua confusão e infelicidade.

Compreendendo o nosso estado de contradição interior e os dolorosos conflitos que ocasiona, desejamos encontrar o modo correto de transcendê-lo; porque na insuficiência não existe paz. Não é da própria natureza do "ego" estar, a todos os instantes, em contradição? Essa contradição gera conflito, confusão e inimizade. O anseio, que é a verdadeira base do "ego", está sempre por satisfazer; no esfôrço de vencer a própria insuficiência, vive o homem em perene conflito, exterior e interiormente. Os que têm empenho, devem descobrir por si próprios a verdade relativa à insuficiência. Êsse descobrimento não depende de autoridade, nem de fórmula alguma, nem da aquisição de saber. Para descobrirmos a verdade devemos estar passivamente vigilantes. Uma vez que somos timoratos e estamos fechados, devemos dar-nos conta das causas que criam a resistência, dar-nos conta do desejo de perpetuação do "ego", causador de conflito.

Interpelante: Que é daquela inteligência perpetuadora do "ego", quando um soldado, em batalha, se arroja à frente de uma metralhadora, a fim de salvar um camarada ?

Krishnamurti: Talvez, nesse momento de grande tensão, o soldado se esqueça de si próprio — mas isso justifica a guerra ?

Interpelante: Não se diz que a guerra faz revelar qualidades de nobreza e abnegação ?

Krishnamurti: Por um ato injusto, qual o de matar o semelhante, pode-se alcançar um fim justo e digno ?

Pergunta: Não é difícil cultivar o autoconhecimento ?

Krishnamurti: É, e não é. Êle requer discernimento sem esfôrço, receptividade sensível. A vigilância constante é difícil porque somos preguiçosos; preferimos aprender por intermédio de outros, pela muita leitura, mas sapiência não é autoconhecimento. No ínterim, continuamos com a nossa avidez, com as guerras e as inanes repetições de rituais. Indica tudo isso — não é certo? — o desejo de fugir do problema real que sois vós e a vossa insuficiência interior. Sem compreenderdes a vós

mesmos, a mera atividade exterior, por digna e deleitável, conduz sòmente a mais confusão e conflito. A busca diligente da Verdade, por meio do autoconhecimento, é verdadeiramente religiosa. O indivíduo verdadeiramente religioso começa por si; seu autoconhecimento e sua compreensão formam a base de tôdas as suas atividades. Porque compreende, êle sabe o que é servir e o que é amar.

IV

Nas três últimas palestras, estivemos considerando a inteligência que se desenvolve pelas atividades e hábitos do "ego"; estivemos considerando aquêle desejo que está sempre a acumular e com o qual o pensamento se identifica como "eu" e "meu". Êsse hábito de identificar e acumular chama-se inteligência; o desejo de auto-expansão, êsse desejo agressivo, sempre à procura de segurança, chama-se inteligência. Essa memória-hábito, qual uma cadeia, agrilhoa o pensamento, e fica, por êsse motivo, a inteligência, aprisionada no "ego". Como pode essa inteligência, essa mente mesquinha, estreita, cruel, nacionalista, invejosa, compreender o Real? Como pode o pensamento resultante do tempo, da atividade de autoproteção, compreender o que está fora do tempo?

Provamos, em certas ocasiões, um estado de tranqüilidade, de extraordinária clareza e felicidade, em que nossa mente está serena e tranqüila. Momentos dêsses surgem inesperadamente, sem que os provoquemos. Essas ocorrências não advêm de pensamento calculista, disciplina-

do. Verificam-se quando o pensamento está esquecido de si mesmo, quando já não vem a ser, quando a mente não está prêsa do conflito resultante dos problemas que ela mesma criou. Nosso problema, não é, pois, como atrair e prender um tal momento de criação, de felicidade, mas sim como determos o pensamento de auto-expansão, sendo que isso não significa a imolação do "ego", porém, antes, uma ação pela qual transcendemos as atividades do "ego". Quando uma máquina gira mui velozmente, como, por exemplo, um ventilador de muitas pás, as partes não são visíveis separadamente, parecendo uma só. Do mesmo modo, o "ego" se nos afigura uma entidade unificada, mas, se puderem ser retardadas as suas atividades, perceberemos que não é uma entidade unificada, porém constante de muitos desejos e aspirações independentes e em conflito entre si. Êsses desejos e esperanças, temores e alegrias, que existem separadamente, constituem o "ego". O "ego" é um têrmo com que se encobre o desejo nas suas diferentes manifestações. Para compreender-se o "ego", é necessário conhecer-se o desejo nos seus múltiplos aspectos. A vigilância passiva, o discernimento imparcial, nos revelarão o funcionamento do "ego", libertando-nos de sua servidão. Assim, pois, quando a mente está tran-

qüila, livre de suas próprias atividades, de sua garrulice, há a sabedoria suprema.

Nosso problema é, pois, como libertar o pensamento da experiência e das lembranças que acumulou. Como pode deixar de existir êsse "ego"? A compreensão profunda e verdadeira apresenta-se sòmente quando cessa a atividade dessa inteligência. Como vemos, a não ser que haja contacto com a verdade, nenhuma solução teremos para os nossos problemas, quer sociais, quer religiosos, quer pessoais. Não faremos terminar o conflito, se nos limitarmos a reajustar fronteiras, ou reorganizar os valores econômicos, ou impor novas ideologias; através dos séculos, vimos tentando todos êsses métodos, e o conflito e o sofrimento continuam. Enquanto não houver a compreensão do Real, pouco adianta o simples podar dos ramos de nossa atividade de auto-expansão, porque fica por solucionar o problema central. Enquanto não descobrirmos a Verdade, não teremos uma saída por onde nos livrarmos de nossos problemas e sofrimentos. A solução se encontra no contacto direto com a Verdade, em que a mente está tranqüila, na quietude da percepção, no franqueamento da receptividade.

Interpelante: Tende a bondade de explicar mais uma vez o que quereis dizer.

K r i s h n a m u r t i : Temos, não raro, emoções religiosas, vagas, às vêzes, outras vêzes bem precisas. São emoções que nos infundem intensa devoção e alegria, que nos requintam a sensibilidade, que nos dão um fugaz sentimento de união com tôdas as coisas. Procuramos, depois, com a ajuda dessas inspirações, resolver os nossos problemas e aflições. São numerosas tais revelações, mas o pensamento, cativo do tempo, da confusão e da dor, procura servir-se delas como estimulantes que o ajudem a vencer os conflitos. É por isso que costumamos dizer que Deus ou a Verdade nos socorrerá em nossas dificuldades; — porém, o fato é que tais inspirações não resolvem realmente o nosso sofrer e a nossa confusão. Êsses momentos profundos de esclarecimento manifestam-se quando o pensamento não está ocupado com as suas lembranças autoprotetórias. Essas "experiências" são independentes de nossas lutas, e quando queremos utilizá-las como estimulantes, para nos retemperar as fôrças, na luta, só servem para fomentar a expansão do "ego" e de sua inteligência peculiar. Mas, volvamos ao nosso problema : Como pode ser eliminada essa inteligência que cultivamos tão diligentemente ? Ela só pode ser eliminada pela vigilância passiva.

A vigilância é de cada momento presente; não é o efeito cumulativo de lembranças auto-

protetórias. A vigilância não é determinação, nem ação da vontade. A vigilância representa uma rendição completa e incondicional à realidade, sem racionalização, sem separação entre observador e coisa observada. Sendo a vigilância de natureza não acumuladora, não residuária, ela não constrói o "ego", nem positiva nem negativamente. A vigilância é sempre do presente e por êsse motivo não repete, não identifica, e também não forma hábito.

Tomai, por exemplo, o hábito de fumar. Refleti sôbre êle, em vigilância. Dai-vos conta do que é fumar, mas não vos ponhais a condenar, a racionalizar ou aceitar; tomai nota, sòmente. Se ficardes assim vigilantes, cessará o hábito e não mais reaparecerá; mas, se não ficardes vigilantes, o hábito persistirá.

Essa vigilância não é a determinação de sustar ou de ceder.

Estai vigilantes; há uma diferença fundamental entre "estar" e "passar a estar". Para passarmos à vigilância, fazemos um esfôrço e o esfôrço implica resistência e tempo, levando-nos ao conflito. Se estais vigilantes, no momento, não há esfôrço, não há continuação da inteligência autoprotetória. Estais vigilantes ou não estais; o desejo de estar vigilante é atividade própria sòmente de quem dorme e sonha. A vigilância revela-nos o problema completamen-

te, plenamente, sem negação nem aceitação, sem justificação nem identificação, e é a liberdade que vigora a compreensão. A vigilância, a percepção, é um processo em que se unem o observador e a coisa observada.

Interpelante: Pode a receptividade aberta e tranqüila, da mente, vir-nos pela ação da vontade e do desejo?

Krishnamurti: Podeis conseguir forçar a mente à quietação, mas qual é o resultado de tal esfôrço? A morte, pois não? Podeis conseguir silenciar a mente, mas o pensamento permanece mesquinho, invejoso, contraditório, não é verdade? Por meio de esfôrço, por meio de um ato de vontade, julgamos ser possível alcançar-se um estado em que não exista o esfôrço e no qual possamos provar o "êxtase" do Real.

As manifestações que nos transmitem alegria inexprimível, ou devoção intensa, ou compreensão profunda, só podemos prová-las no estado em que não existe esfôrço algum.

Interpelante: Não há duas espécies de inteligência, uma com a qual operamos diàriamente, e a outra, mais alta, que nos guia e governa, e que é benéfica?

Krishnamurti: Não é certo que o "ego" se divide, no interêsse da própria per-

manência, em superior e inferior, no que governa e no que é governado? Não resulta essa divisão do desejo de auto-expansão contínua? Por mais perspicazmente que divida a si próprio, o "ego" é sempre resultado do desejo, está sempre em demanda de objetivos diferentes, pelos quais aspira a preencher-se. Uma mente mesquinha não pode certamente formular coisa alguma que não seja também mesquinha. A mente é, essencialmente, limitada, e o que quer que ela crie é produto dela própria. Os seus deuses, os seus valores, os seus objetivos e atividades são estreitos e mensuráveis e por isso não pode ela compreender o que não é produto dela — o Imensurável.

Interpelante: Pode o pensamento que é mesquinho transcender a si próprio?

Krishnamurti: De que maneira? Cobiça é sempre cobiça, ainda que apeteça o céu. E' só quando compreende a sua limitação que o pensamento limitado deixa de existir. O pensamento que é limitado não pode converter-se no pensamento livre; quando a limitação desaparece, existe a liberdade. Se refletirdes, com vigilância, descobrireis a verdade do que estou dizendo.

É a mente mesquinha que cria problemas para si própria, e pela vigilância da causa dês-

ses problemas — o "ego" — dissolvem-se êles. Estar cônscio da estreiteza e das numerosas conseqüências que ela implica, requer uma compreensão profunda, da estreiteza, em todos os diferentes níveis da consciência — estreiteza, ou mesquinhez, nas coisas, nas relações, nas idéias. Quando temos consciência de ser mesquinhos, ou violentos, ou invejosos, fazemos um esfôrço para não o ser; condenamo-lo porquanto desejamos ser algo diferente. Essa atitude condenatória põe fim à compreensão do que "é" e seu processo. O desejo de dar fim à avidez é uma outra forma de afirmação do "eu" e, portanto, a causa de conflito e dor intermináveis.

Interpelante: Que está errado no pensamento intencional, se êle é lógico?

Krishnamurti: Se o pensante não estiver cônscio de si mesmo, embora tenha uma intenção, um desígnio, a sua lógica o levará inevitàvelmente à desgraça; se estiver êle investido de autoridade, ou em posição de mando, trará misérias e destruições para os outros. É isso o que está acontecendo no mundo, não é verdade? Sem autoconhecimento, não está o pensamento baseado na Realidade, e está sempre em contradição, sendo perniciosas e nocivas as suas atividades.

Voltemos ao nosso argumento: Só pela vigilância pode cessar a causa do conflito. — Estai cônscios de qualquer hábito de pensamento ou de ação; reconhecereis, então, o processo racionalizador e condenatório que impede a compreensão. Pela vigilância — a leitura do livro do hábito, página por página — vem o autoconhecimento. É a verdade que liberta, e não o esfôrço para estarmos livres. A vigilância é a solução de nossos problemas; devemos refletir com vigilância, para descobrirmos essa verdade. Seria insensatez aceitar prontamente; aceitar não é compreender. Aceitação ou não aceitação é um ato positivo que impede a reflexão e a compreensão. A compreensão vem-nos com a reflexão, e o autoconhecimento traz-nos a confiança.

Essa confiança pode ser chamada fé. Mas não é a fé dos que não pensam; não é a fé em alguma coisa. A ignorância poderá ter fé na sabedoria — a escuridão, na luz — a crueldade, no amor — mas essa fé é sempre ignorância. Esta confiança ou fé de que falo surge da reflexão no processo de conhecer-nos a nós mesmos, e não através da aceitação e esperança. A autoconfiança que muitos possuem é produto da ignorância, da consecução, da autoglorificação ou da capacidade.

A confiança ou fé a que me refiro é a compreensão, mas não o — *eu compreendo* — porém compreensão sem auto-identificação (identificação do "eu"). A confiança ou fé em alguma coisa, por mais nobre que seja, gera sòmente obstinação, e a obstinação é um outro nome da credulidade. Os homens perspicazes eliminaram a fé cega, mas, quando se vêm êles próprios em conflito ou sofrimento, abraçam a fé ou se tornam apáticos. Crer não significa ser religioso; ter fé numa coisa qualquer criada pela mente não significa estar aberto para o Real. A confiança surge na existência, não pode ser fabricada pela mente; a confiança nasce com o refletir e descobrir; não o refletir produto da crença, de teoria ou da memória, porém o refletir interessado no autoconhecimento. Essa confiança ou fé não nos pode ser imposta por nós mesmos, nem está identificada com qualquer crença, fórmula ou esperança. Não é resultado do desejo de auto-expansão. No refletir com vigilância ocorre uma descoberta, cuja compreensão é libertadora. Êsse autoconhecimento pela vigilância passiva é de cada momento presente e, pois, sem acumulação; êle é infinito, verdadeiramente criador. Pela vigilância vem-nos a capacidade para receber a Verdade.

Para estar aberto, acessível ao Real, deve o pensamento deixar de acumular. Não significa isso que deva o pensamento-sentimento *passar a ser* não ávido, o que continua a fazer parte do processo de acumulação, sendo como é uma forma negativa de auto-expansão; o que deve é *ser* não ávido. Uma mente sôfrega é uma mente em conflito; a mente sôfrega é sempre vítima de temores, sempre invejosa, no seu próprio crescer e preencher-se. Uma mente assim está sempre modificando os objetos de seus desejos, e essas modificações são consideradas desenvolvimento; uma mente ávida, que renuncia ao mundo para buscar a Realidade, Deus, é ainda ávida; a avidez nunca descansa: está sempre buscando meios de crescer, de preencher-se, e essa atividade incansável cria a inteligência que afirma o "eu", mas não é essa atividade capaz de compreender o Real.

A avidez é um problema complexo. Viver no mundo da ganância sem ser ganancioso, requer uma compreensão profunda; viver com simpleza, ganhando a vida justamente, num mundo que está organizado sôbre a base da agressão e expansão econômica, só é possível para aquêles que estão descobrindo riquezas interiores.

I n t e r p e l a n t e : *Com virmos aqui não estamos justamente à procura de uma centelha que nos ilumine ?*

K r i s h n a m u r t i : Mas, que é que procurais ?

I n t e r p e l a n t e : *Sabedoria, saber.*

K r i s h n a m u r t i : Porque o procurais ?

I n t e r p e l a n t e : *Porque desejamos preencher nosso profundo e oculto vazio interior.*

K r i s h n a m u r t i : Estamos, pois, em busca de algo com que preencher nosso vazio; êsse algo, êsse recheio, chama-se conhecimento, sabedoria, verdade, etc. Não estamos, portanto, em busca da verdade, da sabedoria, senão de algo que preencha a nossa solidão dolorosa. Julgamos que, achando o que nos enriqueça a pobreza interior, estará finda a nossa busca. Mas, há alguma coisa que possa preencher êsse vazio ? Uns estão cônscios dêsse vazio que os faz sofrer e, outros não o estão. Uns tratarão de fugir dêle por meio de atividades, de estímulos, de rituais misteriosos, de ideologias, etc; outros estão conscientes dêsse

vazio, mas não acharam um meio de o encobrir. Conhecemos, a maioria de nós, êsse temor, êsse terror do vácuo, do nada. Procuramos vencer êsse terror, êsse vácuo; procuramos algo que cure a pungente agonia de nossa insuficiência interior. Enquanto estiverdes na convicção de poder encontrar um meio de fuga, continuareis a procurá-lo, mas não é próprio da sabedoria perceber que, por mais sedutora que nos pareça, a fuga é sempre inútil? Quando, para vós, despontar a verdade a respeito da fuga, persistireis em procurá-la ? É claro que não. Aceitareis, então, infalìvelmente, o que "é", o que existe; é essa rendição completa ao que "é" que nos traz a Verdade libertadora, e não a consecução do objeto de nossa busca.

A vida é conflito e sofrimento; desejamos segurança, permanência, mas nos debatemos nas malhas do impermanente. Nós somos o impermanente. Pode o impermanente encontrar o Eterno, o Atemporal ? Pode a ilusão encontrar-se com a Realidade ? Pode a ignorância achar a sabedoria ? É só quando cessa o impermanente que existe o permanente; com o desaparecimento da ignorância, existe a sabedoria. Muito nos interessa a extinção do impermanente — o "ego".

I n t e r p e l a n t e : Disse um dos nossos grandes mestres : "Procurai, que encontrareis". Não é útil procurar alguma coisa?

K r i s h n a m u r t i : Com essa pergunta traímos a nós mesmos, — e que pouco sabemos das tendências de nosso pensamento! Estamos sempre pensando no que nos possa ser vantajoso, e passamos a desejá-lo. Julgais que uma mente que busca o lucro possa encontrar a Verdade? Se ela procura a verdade como uma vantagem para si, já não está então procurando a Verdade. A Verdade paira além e acima de tôdas as vantagens e proveitos pessoais. A mente que busca proveito, resultado, jamais encontrará a Verdade. A busca de proveito é busca de segurança, de refúgio, e a Verdade não é segurança nem refúgio. A Verdade é redentora; diante dela aluem todos os refúgios e abrigos.

Também, porque procurais algo? Não é porque vos achais em confusão e sofrimento? Em vez de procurardes refúgio numa atividade ou recorrendo aos psicólogos, aos padres, aos rituais, não deveis investigar em vós mesmos a causa do conflito e do sofrimento? A causa é o "ego", o desejo. O livrar-se da confusão e da dor está em vós mesmos, pois nenhum outro poderá libertar-vos.

Interpelante: *Se pudermos abrir a nossa consciência à Verdade, não bastará isso?*

Krishnamurti: Estamos sempre voltando a essa questão, de maneiras diferentes. Pode a mente, a consciência do "eu", que é produto do tempo, compreender ou sentir o Atemporal? Quando a mente procura, encontrará ela a Realidade, Deus? Quando a mente afirma ser necessário estar aberta para a Realidade, é ela capaz de estar aberta?

Se se compenetrar o pensamento de ser êle um produto da ignorância, de um "eu" limitado, existe então possibilidade de que desista de formular, de imaginar, de se ocupar de si mesmo. Só pela vigilância, pela percepção, pode o pensamento transcender a si próprio, e não pela vontade, a qual é uma outra forma do desejo de auto-expansão. Quando é que sentimos alegria? Resulta de cálculo, êsse estado, resulta de um ato de vontade? Êle ocorre quando ausentes os problemas e exigências contraditórias do desejo. Assim como um lago fica sereno quando cessam os ventos, assim também fica a mente tranqüila depois de cessarem os seus problemas. A mente não pode induzir a si própria a ficar quieta, plácida; o lago não está calmo enquanto não param os ventos. Enquanto não

cessarem os problemas criados pelo "ego", não pode haver tranqüilidade. A mente deve compreender a si própria, e não procurar refúgio em ilusões, nem procurar algo que ela é incapaz de sentir ou compreender.

Interpelante: Há uma técnica de se estar vigilante?

Krishnamurti: Que significa esta pergunta? Significa que buscais um método pelo qual aprendais a ficar em vigilância. A vigilância não resulta da prática, nem do hábito, nem do tempo. Assim como um dente que dói intensamente tem de ser tratado com urgência, assim também o sofrimento, quando intenso, requer alívio imediato. Mas, em vez disso, procuramos um refúgio do sofrimento, ou procuramos afastá-lo por meio de explicações. Evitamos o problema verdadeiro, que é o "ego". Porque não fazemos frente ao nosso conflito, a nossos sofrimentos, declaramos, indolentemente, a nós mesmos, ser necessário fazermos um esfôrço para ficarmos em vigilância, e, nessas condições, solicitamos uma técnica de ficar vigilante.

Não é, pois, por um ato de vontade que se descobre a verdade; com a receptividade tranqüila é que surge o Real.

V

Temos estado a considerar o problema da inteligência, aquela inteligência que medrou no desenrolar de lutas egoistas, ocupações auto-protetórias, reclamos aquisicionistas e acomodações imitativas; vimos que contávamos, com essa inteligência, resolver os nossos conflitos e descobrir ou sentir a Verdade ou Deus. Pode essa inteligência, em algum tempo, compreender o Real ? Se não pode, como poderá ela extinguir-se ou transformar-se ? Vimos que tal só é possível por meio da vigilância passiva e que a qualquer momento podemos estar vigilantes, sem a vontade de nos pormos vigilantes. Para compreender o que a vigilância implica, examinamos a avidez e procuramos compreender as suas atividades; — avidez não sòmente das coisas tangíveis, mas do poder, da autoridade; avidez de afeição, de saber, de beneficência, etc. Vimos que ou condenamos ou justificamos a avidez, identificando-nos, assim, com ela. Vimos, também, que a vigilância é um processo de descobrimento, o qual é entravado pela identificação. Quando estamos adequadamente

vigilantes, cônscios da avidez, na sua complexidade, não há luta contra ela, não há confirmação da avidez, na sua expressão negativa — a não avidez, que é apenas uma outra forma de afirmação do "eu". E nessa percepção veremos extinguir-se a avidez.

Não é a vigilância um resultado da prática, porquanto a prática implica formação de hábito e o hábito é a negação da vigilância. A vigilância é do momento e não um resultado obtido por acumulação. Dizermos para nós mesmos que vamos pôr-nos vigilantes, não é estar vigilante. Dizer que vamos ficar não ávidos é, apenas, continuar a ser ávido, é não estar cônscio da avidez.

De que maneira nos aplicamos à solução de um problema complexo ? Por certo não vamos ao encontro da complexidade com a complexidade; devemos fazê-lo com simplicidade, e quanto maior fôr a nossa simplicidade, tanto mais esclarecimento receberemos. Para compreender-se e sentir-se a Realidade, é necessária extrema singeleza e tranqüilidade. Quando, sùbitamente, se nos depara uma paisagem esplendorosa, ou um pensamento elevado, ou ouvimos música sublime, ficamos em absoluta quietude. Nossa mente não é simples, porém, reconhecer a complexidade é ser simples. Se desejais compreender a vós mesmos, vossa

complexidade, é necessário que haja receptividade franca e a simplicidade da não identificação. Mas nós não estamos cônscios da beleza ou da complexidade, e por essa razão palramos sem cessar.

Interpelante: Não devemos então criticar, se desejarmos estar vigilantes?

Krishnamurti: Sem sondarmos profundamente em nós mesmos, é impossível o autoconhecimento. Que entendeis por autocrítica? A função da mente é sondar e compreender. Sem essa sondagem de nós mesmos, sem essa vigilância profunda, não pode existir compreensão. Permitimo-nos, muitas vêzes, a estupidez de criticar a outros, mas poucos são os indivíduos capazes de sondar profundamente a si próprios. A função da mente não é apenas de sondar, penetrar, senão também de estar silenciosa. No silêncio existe a compreensão. Nós estamos sempre sondando, porém raramente em silêncio; em nós, são raros os intervalos de tranqüilidade vigilante e passiva. Sondamos e cedo nos fatigamos, porque nos falta o silêncio criador. Porém a sondagem de nós mesmos é tão essencial para a clareza da compreensão como o é a tranqüilidade. Assim como se deixa a terra em repouso durante o inverno, assim também necessita de repouso o

pensamento, depois de profundo investigar. Êste mesmo repouso é sua renovação. Se penetramos profundamente em nós mesmos e ficamos, então, tranqüilos, nessa tranqüilidade, nessa receptividade, está a compreensão.

I n t e r p e l a n t e : *É tão profunda essa complexidade que parece não se nos dá oportunidade para aquietar-nos.*

K r i s h n a m u r t i : É necessário que haja uma oportunidade para estarmos tranqüilos ? Precisais de criar a ocasião, o ambiente adequado para estardes serenos ? É isso, então, serenidade ? Com o sondar adequado, vem-nos a tranqüilidade adequada. Quando é que examinamos a nós mesmos? Quando o problema o exige, quando é urgente, certamente. Mas se estais procurando uma oportunidade para ficar em silêncio, não estais então vigilante. A auto-investigação vem quando estamos em conflito e sofrimento, devendo haver receptividade passiva, para que haja compreensão. Certamente, a auto-investigação, a tranqüilidade e a compreensão constituem, na vigilância, um processo único e não três estados separados.

I n t e r p e l a n t e : *Podeis desenvolver mais êsse ponto ?*

K r i s h n a m u r t i : Consideremos a inveja. Tôda resolução de não ser invejoso não é nem simples, nem eficaz, e é até estúpida. O determinarmo-nos a não ser invejosos equivale a edificarmos muralhas de conclusões em tôrno de nós, e essas muralhas são um empecilho à compreensão. Mas, se estiverdes vigilantes, haveis de descobrir como atua a inveja; se houver uma vigilância interessada, descobrireis as ramificações da inveja em diferentes níveis do "ego". Tôda investigação é acompanhada de silêncio e compreensão. Como um indivíduo não pode esforçar-se contìnuamente nessas sondagens, uma vez que disso só resultaria a exaustão, tornam-se necessários intervalos de inatividade vigilante. Essa tranqüilidade vigilante não é o resultado da fadiga; quando sondamos a nós mesmos, vêm-nos com facilidade e naturalidade os momentos de vigilância passiva. Quanto mais complexo o problema, tanto mais intensa a sondagem e o silêncio. Não há necessidade de ser criada especialmente uma ocasião para estarmos tranqüilos; a própria percepção da complexidade de um problema faz-se acompanhar de um silêncio profundo.

Reside a nossa dificuldade em havermos levantado em tôrno de nós conclusões, que chamamos compreensão. Essas conclusões são empecilhos à compreensão. Se penetrardes nisso

mais fundamente, verificareis ser necessário o abandono completo de tudo quanto foi acumulado, para que possam ter existência a compreensão e a sabedoria. Ser simples não é uma conclusão, um conceito intelectual pelo qual lutamos. Só pode existir a simplicidade quando cessa o "ego" e suas acumulações. É relativamente fácil renunciar à família, à propriedade, à fama, às coisas do mundo; isso é apenas um comêço; mas é extremamente difícil desfazernos completamente do conhecimento que adquirimos e da nossa memória condicionada. Nessa liberdade, nessa solidão, há uma compreensão que transcende tôdas as criações da mente. Não indaguemos se a mente pode jamais ficar livre do condicionamento, da influência; averiguaremos isso à medida que formos avançando no autoconhecimento e na compreensão. O pensamento que é um resultado não é capaz de compreender o Incausado.

São sutis as atividades de acumulação; a acumulação é afirmação do "eu", tal como o é a imitação. Chegar a uma conclusão é levantar o indivíduo uma muralha em redor de si mesmo, uma proteção segura, que obsta à compreensão. Conclusões acumuladas não são fautoras da sabedoria, pois sustentam sòmente o "eu". Quando não há acumulação, não existe "eu". Uma mente oprimida pela acumulação é

incapaz de acompanhar o célere movimento da vida, incapaz de uma vigilância profunda e flexível.

Interpelante: Não estais recomendando a separação, o individualismo?

Krishnamurti: Quem está sujeito a influências, está separado, está cônscio das divisões entre alto e baixo, entre mérito e demérito. A solidão, no sentido de estar-se livre de influências, não implica separação, não implica antagonismo. É êsse um estado que devemos "experimentar", e não especular a seu respeito. O "eu" exige sempre a separação; é êle o causador da divisão, do conflito, e do sofrimento. Não vos sentis separados? Vossas atividades não são as de um indivíduo que afirma o seu "eu", que quer expandir o seu "eu"? Evidentemente, os vossos pensamentos e atividades são atualmente individualistas, estreitos; é-o a vossa ocupação, as coisas que realizais, vossa pátria, vosso credo, e até o vosso Deus. Sois separados e por essa razão a vossa estrutura social está baseada no egoísmo, causador de desgraças e destruições indescritíveis. Podeis afirmar que somos todos um só, mas na vossa vida real de cada dia são individualistas as vossas atividades, são competitórias e cruéis, levando, por fim, à guerra e à miséria.

Se ficarmos cônscios dessa atividade agressiva do "eu", em nós mesmos, e compreendermos as conseqüências que ela implica, existirá então a possibilidade de se estabelecerem relações pacíficas e felizes entre os homens. A própria percepção do que "é", representa um processo libertador. Enquanto, ignorando o que somos, estivermos procurando tornar-nos algo diferente, haverá sempre desvirtuação e sofrimento. A percepção mesma do que eu sou produz transformação, traz a liberdade da compreensão.

Interpelante: Não é possível pensar no Incriado, na Realidade, em Deus?

Krishnamurti: O que foi criado não pode pensar no Incriado. Pode pensar sòmente nas próprias criações, que não são o Real. Pode o pensamento, que é o resultado do tempo, de influências, da imitação, pensar naquilo que não tem medida? Só me é possível pensar no que me é conhecido. O cognoscível não é o Real; o que é conhecido está a recuar sempre para o passado, e o que é passado não é o eterno. Podeis especular acêrca do incognoscível, mas não podeis pensar a seu respeito. Quando pensais a respeito de alguma coisa, vós a examinais, sujeitando-a a diferentes disposições de vosso temperamento, a influências di-

versas. Mas êsse pensar não é meditação. A capacidade de criar é um estado que não advém do pensar. A meditação correta abre-nos a porta para o Real.

Mas, voltemos ao que estávamos considerando. Estamos cônscios de que o nosso pensar, isto é, o que chamamos pensar, é o resultado de influências, de condicionamento, de imitação ? Não sois influenciados pela propaganda, seja religosa, seja secular, do político e do padre, do economista e do comerciante ? A adoração coletiva e o disciplinamento do pensamento são coisas idênticas, impedindo ambas a descoberta e compreensão da Realidade. A propaganda não é instrumento da Verdade, proceda ela da religião organizada, da política ou das atividades comerciais. Se desejamos descobrir a Verdade, devemos estar cônscios das sutilezas da influência, da provocação e de nossa reação a ela. O aprender uma técnica, um método, não nos conduz ao estado em que somos capazes de criar. Quando o passado deixa de influenciar o presente, quando o tempo cessa, existe o estado criador, o qual só pode ser compreendido e sentido na meditação profunda.

Interpelante: Pensar não é o degrau inicial para chegarmos ao estado criador?

Krishnamurti: O primeiro degrau é a autovigilância. Nosso pensar, como já dissemos, resulta do passado; é o resultado de condicionamento, de imitação; sendo assim, tôdo esfôrço que êle faz para libertar-se é em pura perda. A única coisa que pode fazer, e deve fazer, é ficar cônscio de seu próprio condicionamento e de sua própria causa; com a compreensão da causa ficamos livres dela. Se estivéssemos cônscios de nossa estupidez, nossa ignorância, haveria então uma possibilidade de chegarmos à sabedoria; mas considerar a estupidez como um início necessário, para a busca da inteligência, é pensar erradamente. Se reconhecermos que somos estúpidos, êsse reconhecimento mesmo é o comêço do pensar; mas, se quando o reconhecemos, procuramos tornar-nos arguciosos, êsse "passar a ser" será então uma outra forma de estupidez.

Qualquer padrão determinado de pensamento impede a compreensão. A compreensão não é um substituto; a simples troca de padrões, de conclusões, não produz a compreensão. A compreensão nos vem com a autovigilância e o autoconhecimento. Nada pode substituir o autoconhecimento. Não releva compreendermos, em primeiro lugar, a nós mesmos, dar-nos conta de nosso próprio condicionamento, em vez de procurarmos a compreensão fora de nós?

Vem-nos a compreensão quando estamos cônscios do que "é".

Interpelante: Já que somos propensos à imitação, que devemos fazer?

Krishnamurti: Vigiai a vós mesmos, e isso vos revelará os móveis ocultos da imitação — a inveja, o temor, o anseio de segurança, de poder, etc. Essa vigilância, quando livre de auto-identificação, traz a compreensão e a tranqüilidade que nos levam à realização da suprema sabedoria.

Interpelante: Mas êsse processo de vigilância, de auto-revelação, não representa uma outra forma de aquisição? O sondarmos a nós mesmos não é um outro método de "aquisicionismo", fator de auto-expansão?

Krishnamurti: Se o interpelante fizesse uma experiência com a vigilância, descobriria a verdade relativa a essa pergunta. A compreensão não é nunca atividade de acumulação; a compreensão só nos vem quando há tranqüilidade, quando há vigilância passiva. Não há tranqüilidade, não há passividade, quando a mente busca aquisição; o desejo de aquisição é sempre incansável e invejoso. Como dissemos, a vigilância não é uma atividade de acumulação; é pela identificação que se forma a

acumulação, dando continuidade ao "ego" por meio da memória. Estar cônscio da auto-identificação, sem condenação nem justificação, é extremamente difícil, porquanto nossas reações se baseiam no prazer e na dor, na recompensa e na punição. Como são poucos os que percebem a constante identificação! Se fôssemos um dêles, não faríamos perguntas reveladoras do nosso estado de não vigilância. Assim como uma pessoa que dorme, sonha que deve despertar mas não desperta, porque está sòmente sonhando, assim também nós fazemos tais perguntas porque não procuramos perceber a realidade por meio da vigilância.

Interpelante: Pode-se fazer alguma coisa para se ficar vigilante?

Krishnamurti: Não estais em conflito, em sofrimento? Se estais, não investigais a causa disso? A causa é o "eu", são os seus desejos tormentosos. Lutar com êsses desejos é sòmente criar resistência, é criar mais sofrimento; mas se, imparcialmente, vos derdes conta de vosso desejar, virá então a compreensão criadora.

É a verdade revelada por essa compreensão que nos liberta, e não a luta, a resistência, contra a inveja, a cólera, o orgulho, etc. Assim, pois, não é a vigilância um ato de vontade, por-

quanto a vontade é resistência, é esfôrço feito pelo "ego", no desejo de adquirir, de crescer, quer positiva, quer negativamente. Estai cônscios do impulso aquisitivo, observando, passivamente, as suas atividades, em diferentes níveis. Descobrireis que isso é um tanto difícil, porquanto o pensamento-sentimento se sustenta pela identificação, e é isso que impede a compreensão da atividade de acumular.

Estai vigilantes; empreendei a jornada do autodescobrimento. Não indagueis o que irá acontecer durante essa viagem, uma vez que isso revela ansiedade, temor, traindo o vosso desejo de segurança, de certeza. Êsse desejo de refúgio impede o autoconhecimento, a auto-revelação, e, por conseqüência, a compreensão. Estai cônscios dessa ansiedade interior e tomai contacto direto com ela; descobrireis, então, o que essa vigilância revela. Entretanto, infelizmente, a maioria de vós gosta mais de conversar sôbre a jornada do que de empreendê-la.

Interpelante: Que acontece no fim da jornada?

Krishnamurti: Não é de importância para quem faz essa pergunta estar cônscio da razão por que a faz? A razão não é o mêdo ao desconhecido, o desejo de atingir um fim, ou de que lhe seja garantida a própria continui-

dade? — Porque sofremos, procuramos a felicidade; porque somos impermanentes, procuramos o permanente; porque estamos na escuridão, procuramos a luz. Mas se estivéssemos cônscios do que "é", então a verdade relativa ao sofrimento, à impermanência, ao nosso cativeiro, libertaria o pensamento de sua própria ignorância.

Interpelante: Não há pensar criador?

Krishnamurti: Seria algo vão refletirmos sôbre o que é a potência de criar. Se estivéssemos cônscios de nosso condicionamento, então a verdade a seu respeito faria surgir o estado criador. Especular a respeito do estado criador é um estôrvo; tôda especulação é empecilho à compreensão. Só quando a mente é simples, só quando purificada da autodecepção e das próprias sutilezas, só quando expurgada de tôdas as acumulações — é só então que existe o Real. O expurgo da mente não é um ato de vontade, nem o resultado da compulsão à imitação. A percepção do que "é", é libertadora.

VI

Sendo esta a última conferência dêste ciclo, seria talvez conveniente fazermos um rápido sumário do que temos estado a considerar nos cinco domingos passados. Estivemos apreciando se o processo do que chamamos inteligência pode resolver qualquer dos nossos problemas e sofrimentos; se essa atividade incansável que fêz nascer a inteligência protetora do "ego", pode fazer vir o esclarecimento e a paz.

Essa atividade à superfície, chamada inteligência, não pode resolver nossas inúmeras dificuldades porque, no interior, reina ainda a confusão, o tumulto e a treva. Essa inteligência medrou com a expansão da pessoa, do "ego"; essa atividade é o produto da insuficiência interior, do estarmos incompletos interiormente. Externamente, o pensamento está sempre ativo, construindo e destruindo, contradizendo e modificando, renovando e reprimindo; mas, no interior, é o vazio e o desespêro. A atividade exterior de plástica e aço, de reforma e contra-reforma, perde-se, sempre, em nossa confusão e nosso vazio interiores. Podeis erguer estruturas mara-

vilhosas ou organizar em ampla escala, sôbre um vulcão semi-adormecido, mas o que construirdes estará, breve, sepultado em cinzas, desfeito em ruínas. Nessas condições, essa atividade expansiva do "ego", essa inteligência, por mais atenta, por mais capaz e diligente que seja, não pode traspassar a própria escuridão e alcançar a Realidade. Essa inteligência não pode, em tempo algum, resolver os seus conflitos e tribulações, porquanto êstes resultam da atividade dela própria. É incapaz essa inteligência de descobrir a Verdade, e é só a Verdade que pode libertar-nos de conflitos e sofrimentos sempre maiores.

Consideramos, também, a maneira como essa auto-expansiva inteligência deve desistir de se transformar negativamente. Quer positiva, quer negativa, a atividade do anseio continua dentro da estrutura do "ego" — e pode essa atividade ter fim ? Dissemos que sòmente pela autovigilância desaparecerá essa inteligência acumuladora, do "ego". Já vimos que essa vigilância é de cada momento presente, e sem fôrça acumuladora; que nessa vigilância não pode haver auto-identificação — condenação — modificação, do "ego", havendo, por conseqüência, uma compreensão profunda e completa. Dissemos que essa vigilância não é progressiva, porém, antes, uma percepção instantânea, e que a idéia do "vir a

ser" progressivo impede o esclarecimento imediato.

Vamos, hoje, considerar a meditação. Se a compreendermos, talvez possamos também compreender o significado pleno e profundo da vigilância passiva. A vigilância é a verdadeira meditação, e sem a meditação não pode haver autoconhecimento. O interêsse em descobrirmos os nossos motivos é mais importante do que a procura de um método de meditação. Quanto maior fôr o nosso interêsse, tanto maior é a nossa capacidade para sondar e perceber. O essencial, pois, é têrmos interêsse, em vez de formarmos e cultivarmos uma conclusão; têrmos verdadeiro interêsse, em vez de nos apegarmos arbitràriamente a um desígnio. Se apenas nos aferrarmos a um desígnio, uma conclusão, uma resolução, torna-se o pensamento limitado, obstinado, fixo; porém, se houver real interêsse, essa qualidade mesma é capaz de profunda penetração. A dificuldade está em manter-nos interessados contìnuamente. O contemplar vitrinas, espiritualmente, não é indício de interêsse. Se tendes a capacidade de deixar o pensamento desenrolar-se completamente, descobrireis que um só pensamento contém todo o pensar, ou com êle se relaciona. Não há necessidade de andarmos de mestre para mestre, de "guru" para "guru", de guia para guia, porquanto tôdas as coi-

sas estão contidas em vós mesmos — o comêço e o fim. Ninguém vos pode ajudar a descobrir o Real: não há ritual, nem culto coletivo, nem autoridade que possa ajudar-vos. Outro vos poderá apontar a direção a seguir, mas considerá-lo, por isso, uma autoridade, uma portada do Real, uma necessidade, é ser ignorante, é dar azo ao temor e à superstição.

Para penetrarmos profundamente em nós mesmos e fazermos descobertas valiosas, requer-se interêsse, empenho. Consideramos êsse sondar fastidioso, pouco inspirador, razão por que apelamos para os estimulantes, para os Mestres, os salvadores, os guias, a fim de que nos animem a compreendermos a nós mesmos. Êsse animar ou estimular torna-se-nos uma necessidade, uma devoção, enfraquecendo-nos o interêsse, êsse requisito indispensável. Porque vivemos em contradição e sofrimento, julgamo-nos incapazes de encontrar por nós mesmos uma solução, e por êsse motivo apelamos para outro ou procuramos a solução nos livros. Para olharmos dentro de nós necessitamos de diligente aplicação, a qual não se obtém pela prática de método algum. Vem-nos ela com o real interêsse e a real vigilância. Quando estamos interessados em alguma coisa, o pensamento se mantém ocupado com ela, consciente ou inconscientemente, desafiando a fadiga e a distração. Se vos interessa a

pintura, então, tôda luz e tôda sombra encerra para vós um significado; não necessitais de esforçar-vos para estar interessado; não precisais obrigar-vos a observar, pois, em virtude da própria intensidade do vosso interêsse, estais sempre observando, descobrindo, sentindo, mesmo inconscientemente. Idênticamente, se houver interêsse para compreendermos e dissolvermos os nossos sofrimentos, êsse interêsse mesmo voltará para nós as páginas do livro do autoconhecimento.

Ter um objetivo, um fim para alcançar, impede o autoconhecimento; a vigilância diligente revela-nos as atividades do "ego". Sem o autoconhecimento não pode haver compreensão; o autoconhecimento é o princípio da sabedoria. Nosso pensamento é o resultado do passado; nosso pensamento está baseado no passado, no condicionamento. Sem compreendermos o passado não há compreensão do Real. A compreensão do passado deve ser buscada através do presente. O Real não é a recompensa do autoconhecimento. O Real não tem causa, e não o pode compreender o pensamento que foi causado. Sem alicerces, não podemos ter uma estrutura duradoura, e o alicerce adequado à compreensão é o autoconhecimento. Todo pensar verdadeiro é, pois, resultado do autoconhecimento. Se eu não conheço a mim mesmo, como serei capaz de com-

preender o que quer que seja ? Porque, sem autoconhecimento, todo conhecimento é vão. Sem conhecimento de nós mesmos, nossa incessante atividade resulta da ignorância; essa atividade incessante, quer interior, quer exterior, só causa destruições e infelicidade.

A compreensão das atividades do "ego" leva-nos à libertação. A virtude é a liberdade, é a ordem; sem ordem, sem liberdade, não pode haver compreensão do Real. E' na virtude que há liberdade, e não em nos fazermos virtuosos. O desejo de "vir a ser" positiva ou negativamente promove a auto-expansão, e na expansão do "eu" não se pode encontrar a liberdade.

I n t e r p e l a n t e : Dissestes que o Real não deve ser um incentivo. Parece-me que, quando procuro pensar no Real, fico mais capacitado para compreender a mim mesmo e às minhas dificuldades.

K r i s h n a m u r t i : É possível pensar a respeito do Real ? Podemos ser capazes de formular, de imaginar e especular sôbre o que pensamos ser o Real, mas é isso o Real ? Pode-se pensar a respeito do incognoscível ? Podemos pensar, meditar no Atemporal, quando nosso pensamento é o resultado do passado, do tempo ? O passado é sempre o conhecido e o pen-

samento que está baseado no passado só pode criar o conhecido. Por conseguinte, pensar na Verdade é estar prêso nas rêdes da ignorância. Se o pensamento fôr capaz de raciocinar sôbre a Verdade, esta então não será a Verdade. A Verdade é um estado no qual deixou de existir a chamada atividade do pensamento. O pensar, como o sabemos, é o resultado do processo do tempo, do passado, que é o (processo) da auto-expansão; é o resultado do mover-se do conhecido para o conhecido. O pensamento que resulta de uma causa não será jamais capaz de formular o Incausado. Êle só pode ocupar-se do conhecido, porque é êle o produto do conhecido.

O que é conhecido não é o Real. Nosso pensamento está ocupado numa constante busca de segurança, de certeza. A inteligência que promove a expansão do "ego" busca, por fôrça de sua própria natureza, um refúgio, seja pela negação seja pela afirmação. Como pode a mente que está em perene busca de certeza, de estímulo, de animação, pensar naquilo que não tem limites? Podeis ler sôbre o Real, o que é de lamentar, podeis palrar a seu respeito, o que é desperdício de tempo, mas não é isso o Real. Quando dizeis que, pensando na Verdade, estais mais capacitados para solucionar vossos problemas e sofrimentos, significa isso que vos estais servindo de uma suposta verdade, como paliati-

vo; como acontece quando usamos qualquer entorpecente, não tarda a resultar, daí, o sono e a insensibilidade. Porque buscar estimulantes externos, quando o problema reclama a compreensão daquele que o criou?

Como dizia, a virtude dá a liberdade, mas não há liberdade em *fazer-nos* virtuosos. Há uma diferença enorme, uma diferença intransponível, entre "ser" e "vir a ser".

Interpelante: Há diferença entre a Verdade e a Virtude?

Krishnamurti: A virtude traz liberdade, a qual dá ao pensamento tranqüilidade, para compreender o Real. A virtude não é pois, um fim, em si; só a Verdade o é. Ser escravo da paixão é não estar livre, e é só com a liberdade que é possível descobrir e compreender o Real. A avidez, assim como a cólera, é um fator perturbador, não o achais? A inveja está sempre agitada, nunca tranqüila. O anseio está perenemente a modificar o objeto no qual espera encontrar satisfação, passando das coisas às paixões, à virtude, à idéia de Deus. O desejo de Realidade é a mesma coisa que o desejo de posses.

O desejo nos vem pela percepção, pelo contacto, pela sensação. O desejo procura a satisfa-

ção, e por isso existe identificação, existe o "eu" e o "meu". Saciado com as coisas, segue o desejo em demanda de outras formas de satisfação, outras formas mais sutis de satisfação — nas relações, na aquisição de conhecimentos, na virtude, no sentimento da existência de Deus. E' o ansiar a raiz de todos os conflitos e sofrimentos. Tôdas as formas de vir a ser, tanto as negativas como as positivas, geram conflito, resistência.

Interpelante: Há diferença entre a vigilância e a coisa observada pela vigilância? O observador é diferente dos seus pensamentos?

Krishnamurti: Observador e coisa observada são um só; o pensante e os seus pensamentos são um só. É muito difícil perceber o pensante e o pensamento como um só, porquanto o pensante está sempre a abrigar-se por detrás dos seus pensamentos; separa-se êle dos seus pensamentos para proteger-se, para dar continuidade e permanência a si próprio; modifica ou altera os seus pensamentos, mas êle permanece o mesmo. Êsse cultivo do pensamento separadamente do pensante, êsse modificar e transformar do pensamento, conduz à ilusão. O pensante *é* o seu pensamento; o pensante e seus

pensamentos não são dois processos independentes.

Pergunta o interpelante se a vigilância é diferente do objeto que ela observa. Consideramos, em geral, os nossos pensamentos como separados de nós mesmos; não percebemos o pensante e o pensamento como um só. É aí, precisamente, que está a dificuldade. Bem considerado, as qualidades do "ego" não estão separadas dêle; o "ego" não é algo que existe àparte de seus pensamentos, de seus atributos. O "ego" é constituído de partes, é um composto, e *não* existe o "ego" quando dissolvidas as partes que o compõem. Mas, na ilusão, separa-se o "ego" de suas qualidades, a fim de proteger-se, a fim de dar continuidade e permanência a si próprio. Busca êle refúgio nas suas qualidades, separando-se delas. O "ego" afirma ser isso e ser aquilo; a "pessoa", o "ego", modifica, altera, transforma os seus pensamentos, as suas qualidades, mas êsse modificar dá sòmente mais fôrça ao "ego", mais solidez às suas muralhas protetoras. Mas, se exercerdes profunda vigilância, percebereis que o pensante e seus pensamentos são um só; o observador é o objeto observado. Sentir a realidade dêsse fato, dessa integração (do observador e do objeto), é extremamente difícil, sendo a meditação o caminho que a ela conduz.

Interpelante: Como posso estar em guarda contra a agressão, sem agir? A moral exige que tomemos alguma iniciativa contra o mal, não é verdade?

Krishnamurti: Defender é ser agressivo. Devemos combater o mal com o mal? Por meios injustos pode estabelecer-se a justiça? Pode haver paz no mundo, se assassinarmos os assassinos? Enquanto estivermos a dividir-nos em grupos, em nacionalidades, em diferentes religiões e ideologias, haverá agressor e defensor. Viver sem virtude é viver sem liberdade, o que é um mal. Êsse mal não pode ser vencido por outro mal, por um outro desejo que se lhe oponha.

Interpelante: Estar vigilante para sentir a realidade não é necessàriamente um "vir a ser" — ou é?

Krishnamurti: A atividade de acumular, adicionar é obstáculo à compreensão do Real. Onde há acumulação há "vir a ser" do "ego", que causa conflito e dor. O desejo acumulador, que busca o prazer e evita o sofrimento, é um "vir a ser". A vigilância não é uma atividade de acumulação, porquanto está ela sempre descobrindo a verdade, e a verdade

só pode existir onde não há acumulação, onde não há imitação. Um esfôrço da parte do "ego" não pode nunca trazer-nos a liberdade, uma vez que todo esfôrço implica resistência, e só é possível dissolver-se a resistência se houver uma vigilância imparcial, um discernimento livre de esfôrço. Só a verdade é que liberta, e não a atividade da vontade. A percepção da verdade é libertadora; a percepção da avidez e da verdade a seu respeito, faz-nos livres da avidez.

A meditação é a purificação da mente de tôdas as suas acumulações; é expurgá-la da capacidade de adquirir, de identificar, de vir a ser; expurgá-la da expansão do "eu", do preenchimento do "eu". A meditação é o libertar a mente da memória, do tempo. O pensamento é produto do passado, no passado tem êle as suas raízes. O pensamento é a continuidade dessa atividade acumuladora que é o "vir a ser", e nenhum resultado é capaz de compreender ou sentir aquilo que não tem causa. O que se pode formular não é o Real, e a palavra não é a "experiência". A memória, a criadora do tempo, é um obstáculo entre nós e o Atemporal.

Interpelante: Porque é a memória um obstáculo?

Krishnamurti: A memória, como processo identificador, empresta continuidade

ao "ego" É a memória, pois, uma atividade circunscritiva e estorvante. Sôbre ela está edificada tôda a estrutura do "ego". Estamos considerando a memória psicológica, não a memória relativa à linguagem, aos fatos, ao desenvolvimento de uma técnica, etc. Tôda atividade do "ego" é um obstáculo no caminho da verdade; tôda atividade ou educação que tenha o efeito de condicionar a mente, por meio do nacionalismo, da identificação com determinado grupo, ideologia, dogma, é um empecilho no caminho da Verdade.

O conhecimento condicionado é um empecilho a que conheçamos a Realidade. Vem-nos a compreensão depois de cessarem tôdas as atividades da mente — quando ela estiver, de todo, livre, silenciosa, tranqüila. O ansiar é sempre atividade acumuladora e dependente do tempo; o desejo de um objetivo, o desejo de saber, de experiência, desenvolvimento, preenchimento, até mesmo o desejo de *Deus ou da Verdade,* é um empecilho. Deve a mente expurgar-se de todos os empecilhos por ela criados, para que surja a suprema sabedoria.

A meditação, como geralmente a compreendemos e praticamos, é uma atividade de expansão do "ego". Ela é, freqüentemente, uma forma de auto-hipnose. Na chamada meditação, o

esfôrço é dirigido, muitas vêzes, no sentido de nos igualarmos a um Mestre, o que é imitação. Tôda meditação dessa espécie leva-nos à ilusão.

O desejo de alcançarmos um objetivo exige uma técnica, um método, cuja observância é chamada meditação. Pela compulsão, pela imitação e formação de novos hábitos e disciplinas, não haverá liberdade, nem compreensão. Por meio do tempo não é possível compreender-se o Atemporal. A modificação dos objetos do desejo não traz o alívio de nosso conflito e sofrimento. A vontade é inteligência a serviço da expansão do "ego", e a atividade da vontade para ser ou não ser, para adquirir ou renunciar, é sempre atividade do "ego". Estar cônscio do processo do ansiar, com a sua memória acumuladora, é estar em contacto com a Verdade, a única que liberta.

A vigilância leva-nos à meditação; na meditação dá-se a união com o Ser, com o Eterno. O "vir a ser" nunca poderá transformar-se no Ser. "Vir a ser" é expansão do "ego", é reclusão, e é necessário que se detenha essa atividade; veremos, então, manifestar-se o Ser.

Êsse Ser escapa ao nosso raciocínio, ultrapassa a nossa imaginação; se nos pomos a pensar a seu respeito, êsse mesmo pensar torna-se um empecilho ao seu conhecimento. O que o pensamento pode fazer é sòmente estar cônscio

de seu vir a ser, tão complexo e sutil, é estar cônscio de sua engenhosa inteligência e vontade. Com o autoconhecimento vem-nos o pensar verdadeiro, a base da verdadeira meditação. Não se confunda a meditação com a prece. A prece não nos conduz à sabedoria suprema, porquanto a sua função é sempre a de manter a divisão entre o "eu" e o "outro".

No silêncio, na tranqüilidade suprema, detida a incansável atividade da memória, está o Imensurável, o Eterno.